

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Programa de Estudos de Pós-Graduados em Ciências Sociais

PRÁTICAS DE LAZER EM SÃO PAULO

ATIVIDADES GRATUITAS NOS SESC POMPÉIA E BELENZINHO

CARMEM LIA NOBRE LEMOS

São Paulo

2005

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Programa de Estudos de Pós-Graduados em Ciências Sociais

PRÁTICAS DE LAZER EM SÃO PAULO

ATIVIDADES GRATUITAS NOS SESC POMPÉIA E BELENZINHO

CARMEM LIA NOBRE LEMOS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em **Ciências Sociais**, sob a orientação da Professora Doutora **Maria Celeste Mira**.

São Paulo

2005

Agradecimentos

Em primeiro lugar são indispensáveis dois agradecimentos muito especiais: para a professora Lili - Profa. Dra. Eliane Hojaij Gouveia - pelos incentivos iniciais para que eu ingressasse no mestrado e; para minha grande amiga e companheira de estudos e aventuras, Gisele Juodinis, desde os estudos para a seleção até discussões, debates e materiais sobre a dissertação em si.

Em seguida gostaria de agradecer a minha tia Lígia Freitas Moraes de Camargo pela ajuda nos primeiros contatos com o pessoal do SESC. Desses fico grata pelas informações, atendimentos, doação de materiais e/ou encaminhamentos de: Jesus, Gerente Adjunto do SESC Pinheiros; Ivan Giannini e Rosana Cunha Gerentes da Ação Cultural na Administração Central, Dante e Walter, Gerentes do Desenvolvimento de Estudos Sócio-culturais na Administração Central; Maria Silva e demais bibliotecárias do SESC Av. Paulista e; Ruy - bibliotecário - e Francisco - do Almoarifado - do Departamento Nacional no Rio de Janeiro. Facilitando e ajudando o bom andamento da pesquisa.

O meu muito obrigada a todos os gerente e coordenadores pela gentileza de abrirem um espaço em suas agendas para me receber e conversar sobre os seus trabalhos: Oswaldo Almeida Jr, Marcos Carvalho e Gilson Packers, Gerentes da Ação Cultural e, José Roberto Ramos, Gerente co-adjunto de Desenvolvimento Físico-Esportivo da Administração Central; Roberto Cenni, Coordenador de eventos, Suzana Garcia, Coordenação da programação de permanentes e Marcos Villas Boas, Coordenador de música e artes cênicas do SESC Pompéia e; Cláudia Prado, Gerente adjunta e Satie Marina Watanabe, Gerente da programação esportiva do SESC Belenzinho. Sem vocês e o trabalho de vocês minha dissertação não teria sentido de existir.

Reconheço ainda os palpites, atenção, incentivo e interesse na minha pesquisa por parte de todos os amigos que me acompanharam nesses três últimos anos e, agradeço a todos meus amigos e parceiros de lazer da vida toda, pois sem vocês eu não teria esse interesse hoje. Os comentários, questionamentos e indagações de vocês estão nas entrelinhas deste trabalho e me guiaram para uma melhor reflexão das dimensões de minhas inquietações.

Com muito carinho, faço questão absoluta de mencionar minha eterna gratidão ao apóio, à paciência, à atenção e, não poderia deixar de dizer, às correções dos mais amados e queridos apreciadores desse trabalho: mamãe - Carmen Lígia -, meu tio Dudu, Lucky - amor, companheiro e parceiro - e sua mãe Neuza Maria Coelho Sabbatini. Não posso deixar de mencionar, a paciência de meu irmão Marcos para poder desfrutar de seu tempo de lazer passivo em frente ao computador, um dos meus principais instrumentos de trabalho. E, ainda no rol familiar, a ajuda financeira de minha Vó Lygia para que eu pudesse continuar meus estudos.

Ainda no ramo financeiro, fico grata à CAPES pela bolsa-auxílio, sem a qual teria sido obrigada a adiar meus sonhos acadêmicos.

Por fim, mas não menos importante, à Celeste os meus reconhecimentos e agradecimentos pela orientação, sugestões, empréstimos bibliográficos e por ter escolhido essa banca maravilhosa para minha defesa.

RESUMO

O grande desafio a que este trabalho se propôs foi o de desvendar como o discurso e as práticas de lazer se inserem e modificam a vida do homem moderno, ou seja, de que modo o lazer tem sido utilizado para educar o indivíduo a viver na sociedade contemporânea, tornando-se uma das mais importantes expressões de sua cultura e modo de ser, dos quais a família e a escola já não dão mais conta e levando à constituição de instituições voltadas exclusivamente para esta finalidade.

Partindo desses objetivos iniciais, delimitamos nosso objeto de estudo nas práticas de lazer gratuitas propostas pelo Sesc, centrando a pesquisa em duas unidades, o Sesc Belenzinho e o Sesc Pompéia, a fim de fazermos uma comparação dos tipos de atividades e do público freqüentador. A hipótese levantada era de que a oferta e a procura por atividades culturais e esportivas davam-se de maneira diferenciada tendo maior ênfase cultural no Sesc Pompéia, uma vez que a população ao redor seria de maior capital cultural e já possuiria o *habitus* de apreciar e consumir bens culturais, em relação ao Sesc Belenzinho, mais voltado para as atividades esportivas devido ao déficit educacional da população ao redor. Em grande parte, a hipótese foi comprovada pela observação participante das atividades de ambas as unidades, entrevistas com gerentes e coordenadores da entidade, depoimento dos participantes e pesquisa histórica das finalidades e objetivos da instituição.

O trabalho teve como fio condutor os conceitos de Pierre Bourdieu. A dissertação possui duas temáticas principais: lazer e cultura – que até pode ser entendido como uma só temática: cultura do lazer. Um foco espacial, a cidade de São Paulo e; um foco institucional, o Sesc. Transcorre historicamente desde o período industrial até os dias de hoje.

ABSTRACT

Unveiling how the discourse and practice of leisure activities plays out in modern day life was this paper's main challenge. Our research examined closely how leisure has been used to educate and prepare individuals to integrate today's society and how it has become one of the most important expressions of our culture, having even gained institutions devoted exclusively to leisure practices.

With these objectives in mind, we focused our study on leisure practices offered free of charge by Sesc, community centers, at two different locations Sesc Belenzinho and Sesc Pompeia in order to compare the different leisure activities and the participating public. The initial hypothesis was that the supply and demand for cultural and athletic activities varies according to the neighborhood. Sesc Pompeia would have more cultural and intellectual based activities, due to the fact the surrounding neighborhood's population is better educated, whereas, Sesc Belenzinho activities would be predominantly athletic due to the education deficit of the area's population. The study in large part confirmed our hypothesis through participation and observation of the activities in both Sesc's, interviews with managers and organizers of the centers, personal accounts from the participants, and a historical analysis of the objectives of these particular centers.

This paper had the theories of Pierre Bourdieu as a guiding principal. There are two main themes discussed, culture and leisure - this can actually be understood as a single theme: the cultural of leisure. The spatial focus is the city of Sao Paulo, and the institutional focus is Sesc. Historically, this study ranges from the age of industrialization until present day.

Índice

INTRODUÇÃO	1
1. O ADVENTO DO LAZER	8
TRANSFORMAÇÕES EUROPÉIAS NO TEMPO LIVRE E NO LAZER.....	10
<i>O tempo livre do trabalhador.....</i>	<i>10</i>
<i>O ócio dos ricos e a ociosidade dos pobres</i>	<i>12</i>
<i>Lazer organizado: um dever dos esclarecidos</i>	<i>13</i>
SÃO PAULO NA VIRADA DO SÉCULO.....	16
<i>Artes e espetáculos</i>	<i>18</i>
<i>Diversões ao ar livre e esportes</i>	<i>20</i>
2. CONSOLIDAÇÃO DO LAZER	24
INSTITUCIONALIZAÇÃO DO LAZER	25
<i>Locomotiva cultural.....</i>	<i>25</i>
<i>Experiências paulistanas.....</i>	<i>28</i>
SISTEMAS DE LAZER	31
<i>Sistema bio-funcional: o lazer idealizado</i>	<i>31</i>
<i>Sistema da indústria cultural: uma crítica ao modelo burguês</i>	<i>35</i>
SESC EM SEU INÍCIO	40
3. POPULARIZAÇÃO DO LAZER.....	50
SÃO PAULO PARA O LAZER	52
<i>Políticas para o lazer</i>	<i>52</i>
<i>Indústrias culturais e equipamentos de lazer.....</i>	<i>54</i>
SISTEMA DO LAZER EDUCATIVO.....	58
LAZER: EDUCAÇÃO EM FOCO.....	62
4. COMPLEXIDADE DO LAZER.....	69
DISCURSO DA INCLUSÃO PELO LAZER	71
CULTURA DA LUDICIDADE	74
SESC: MAIS CULTURA EM VOCÊ!	78
CIRCUITO MUSICAL ALTERNATIVO X CIRCUITO ESPORTIVO ADAPTADO	94
<i>A fábrica de signos e o corpo provisório</i>	<i>94</i>
<i>Cultura alternativa X esporte adaptado.....</i>	<i>105</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
BIBLIOGRAFIA	124

INTRODUÇÃO

A idéia geral dessa dissertação transcorre pelo desenvolvimento da cultura do lazer na cidade de São Paulo desde a era industrial, em meados do século XIX, até os dias de hoje, tendo como enfoque as atividades gratuitas no Sesc. Para tanto, aborda diferentes faces do lazer dentro de uma visão de jogo entre as esferas do campo do lazer como: o lazer erudito, o ócio, a ociosidade, os lazeres populares, o lazer de massa, a indústria do entretenimento e a indústria cultural, o consumo cultural e o lazer educativo.

Para compreendermos melhor como chegamos a este tema faz-se necessário ilustrar um pouco da minha história de vida pessoal e acadêmica. Desde criança, fui privilegiada com diferentes oportunidades, espaços e educações voltados para o lazer, vivência em fazenda, praia e experiência de educação para e pelo lazer por meio do escotismo, além de um forte incentivo familiar e escolar por desenvolver o gosto pela arte, esporte, cultura e lazer. Iniciei o curso de Turismo e Ciências Sociais juntos, imaginando casar os dois conhecimentos posteriormente, mas concluído apenas o de ciências sociais. Durante o curso, tive experiências de pesquisa de iniciação científica – sobre migrantes brasileiros em Portugal - e no trabalho de conclusão de curso – sobre esportes radicais na cidade de São Paulo. Assim, a dedicação e os conflitos com o lazer, como tema, ampliaram-se.

O assunto chamava minha atenção, pois em suas ambigüidades e experiências, ora aparecia como: bom, prazeroso, enriquecedor, instrutivo e ora como manipulador, disciplinador, funcional, obrigatório e limitado. Com isso, aumentavam as inquietações do como e do porquê o lazer preenche significados e compõe estilos de vida das pessoas; qual a necessidade de se ter esse tipo de atividade; quais as sensações, sentimentos, transformações que ele pode causar na vida dos indivíduos e das sociedades. Foi a partir dessas inquietações e ambigüidades do lazer que desenvolvemos essa dissertação. Discorreremos sobre a estrutura do lazer e que organiza as práticas visando disciplinar o caráter e a personalidade saudável, prudentes e civilizados segundo as classes dominantes para, posteriormente, compreender o lado das experiências do

indivíduo que a vive. E para compreender essas ambigüidades nada melhor que investigar o funcionamento e os usos do maior centro de lazer do Brasil, o Sesc.

Esta entidade coloca o lazer como um meio para se alcançar a democracia cultural, partindo da idéia de que ele é um direito de todos, para o qual, a entidade, o Estado e outras instituições deveriam viabilizar as condições e despertar o interesse para tal direito. Mas não bastaria só o direito e a possibilidade, o praticante deveria, também, se utilizar deles para melhorar sua qualidade de vida e ampliar seu capital cultural.

O lazer, em entidades como o Sesc, buscou tornar-se um processo educativo, do qual a escola tem dificuldade de dar conta, tendo sido utilizado, segundo a instituição, para a recuperação do indivíduo e da sociedade; no entanto, vemos que o lazer tem também o caráter de consumo material e simbólico.

Inicialmente, a idéia era trabalhar com um espaço de lazer público contraposto a um espaço privado – parques públicos X Sesc. Mas, ao conhecer melhor a estrutura e objetivos do Sesc, resolvemos nos dedicar à compreensão de sua atuação, pois ele, por si só, já é uma parceria público-privada. Contudo, mesmo restringindo o alcance do trabalho ao Sesc, o campo ainda estava muito amplo. A idéia foi estudar as programações gratuitas, buscando compreender a relação entre determinadas propostas de lazer e, na medida do possível, os públicos, seus usos e significados. A escolha de atividades gratuitas visava afastar a hipótese da exclusão econômica na escolha pelas atividades de lazer, ou seja, da falta de dinheiro para pagar o ingresso, embora, de fato, as outras variáveis sociológicas, sempre contenham a desigualdade econômica. Assim, foi feito um levantamento - durante o ano de 2003 - por meio da programação divulgada no *site*, das atividades nas unidades do Sesc São Paulo-capital que fossem sem custo adicional e abertas ao público em geral. O acompanhamento mensal das atividades gerou um banco de dados com:

- O tipo de lazer: cultural ou recreativo-esportivo;
- Tipo de atividade: artes plásticas/visuais, cinema e vídeo, corpo e expressão, dança, esporte, infantil, literatura, mídia/internet, música,

natureza e meio ambiente, sociedade e cidadania, teatro, terceira idade;

- Nome da atividade;
- Local/unidade: 24 de Maio, Av. Paulista, Belenzinho, Carmo, CineSesc, Consolação, Interlagos, Ipiranga, Itaquera, Paraíso, Pinheiros, Pompéia, Santo Amaro, Vila Mariana;
- Descrição da atividade;
- Dia da semana; dia de início e término; horário de início e término.

No decorrer da dissertação expomos duas nomenclaturas quanto às atividades pesquisadas: uma das atividades “sem custo adicional”, são as atividades freqüentadas pelos associados à entidade, o que pressupõe o pagamento de associação, mas que tem acesso às todas as atividades, inclusive as que não precisam pagar matrícula, inscrição, mensalidade, etc; e as atividades “gratuitas”, ou seja, as atividades abertas ao público geral, inclusive os não-associados ao Sesc. Para esses a participação torna-se efetivamente gratuita.

A partir desse banco de dados, efetuamos as entrevistas com os gerentes sócio-culturais na Administração Central, no Sesc Avenida Paulista. Após os primeiros contatos por telefone e por e-mail explicando o interesse, um pouco da dissertação e a procedência acadêmica, as portas começaram a se abrir. Os gerentes me passavam para conversar com seu pessoal de acordo com o interesse da dissertação e com a disponibilidade de tempo deles. As conversas baseadas num roteiro sobre temas a serem levantados corriam de modo natural e sem muitas formalidades. No final do depoimento, eles me doavam materiais e me indicavam gerentes de unidades e/ou coordenadores de programação que poderiam contribuir para a pesquisa. Ainda na Administração Central tive acesso a relatórios anuais com dados sobre as unidades, atividades realizadas, investimentos, custos de atividades, perfil dos freqüentadores, número de atendimentos, etc.

Nesses primeiros contatos o interesse estava no Sesc como um todo, mas, a partir dessas conversas e dados, fizemos mais um recorte pensando em apenas duas grandes unidades do Sesc para compreendermos melhor o perfil de lazer

que a instituição valoriza: Sesc Belenzinho e Sesc Pompéia. Essa escolha se deu baseada em:

- localização geográfica: sendo o Sesc Belenzinho na zona leste rodeado pelos bairros Belém, Tatuapé, Água Rasa e Cambuci; e o Sesc Pompéia na zona oeste entre Perdizes, Lapa, Barra Funda e Santa Cecília;
- na hipótese de um perfil do público ao redor e freqüentador divergente nos seus aspectos sócio-econômico-cultural; sendo o Belenzinho considerado periférico e atraindo a população de toda a zona leste com menor poder econômico e cultural e; o Pompéia como atrativo de uma camada com alto capital cultural;
- capacidade de atendimentos 3.900 e 5.000 pessoas por dia, respectivamente, sendo menor apenas que as unidades campestres e o Sesc Vila Mariana;
- acesso desimpedido de qualquer controle ou barreira: sem custo de entrada como as unidades campestres e, sem catracas, vigilantes ou portas e portões inibidores como em algumas unidades.

Essas duas unidades têm algumas características em comum como o perfil dos bairros que as rodeiam¹, a história do espaço no qual se instalaram – duas antigas fábricas -, a facilidade de acesso por transportes públicos – ambas a menos de 900 metros da estação de trem e/ou metrô e com diversos acessos de ônibus. E algumas particularidades como o interesse do Sesc Pompéia em oferecer atividades sem custo mais na parte cultural e, do Belenzinho nas atividades de desenvolvimento físico-esportivo.

A partir desses dados e interesses fechamos nosso foco nas atividades gratuitas oferecidas no Sesc Belenzinho e Pompéia como uma forma de recrear educando e educar recreando, por meio de atividades artísticas ou físico-esportivas.

¹ Rodeadas por bairros da zona homogênea 1 e 2, de acordo com pesquisas da Fundação Seade, Cedec e faculdade de Medicina publicada na *Revista da Folha*, 24 de agosto de 2003, ano 12, nº584, p. 7; sendo o Belenzinho um pouco mais carente.

O trabalho terá os conceitos de Pierre Bourdieu como fios condutores: classe social, campo, autonomia do campo, capital cultural e conversões de capitais. A dissertação possui duas temáticas principais: lazer e cultura – que até podem ser entendidos como uma só temática: cultura do lazer. Um foco espacial, a cidade de São Paulo e um foco institucional, o Sesc. O grande questionamento é: como o discurso e as atividades de lazer se inserem e modificam a vida do homem contemporâneo?

A dissertação parte de uma reconstrução histórica das práticas sociais relativas ao lazer no mundo ocidental capitalista da era industrial até os dias de hoje. A linearidade histórica, de fato, muito mais complexa e contraditória do que é possível discutir aqui, tem uma função específica de diferenciar os momentos histórico-culturais e os debates sobre os sistemas de lazer predominantes e/ou desenvolvidos em cada período.

A estrutura do trabalho permite que seja lido de formas diferentes de acordo com o interesse. Para facilitar a identificação de cada parte, os títulos dos capítulos são coloridos, seguindo o esquema: primeiramente, de acordo com a impressão, teríamos uma leitura por **blocos históricos**, então se lê o capítulo todo referente a um período histórico; outra forma de leitura seria pelos itens de cada capítulo, então teríamos em cada capítulo a **discussão teórica** nas Ciências Sociais sobre o lazer, o **contexto histórico do lazer em São Paulo**, e por fim, a **atuação do Sesc**.

Os blocos históricos foram assim delimitados por capítulos: **advento do lazer**, da era industrial até o fim da segunda guerra, em 1945; **institucionalização do lazer**, o período do pós-guerra, ou seja, de 1946 a 1963; **popularização do lazer**, momento da consolidação da indústria cultural e período militar brasileiro, de 1964-1985; e o momento atual, a **complexidade do lazer**, a partir de 1985, mesclando os diversos sistemas e modos de ver, sentir e fazer o lazer.

Na discussão teórica de cada capítulo trabalhamos com, teorias, sistemas e conceitos adquiridos principalmente na Europa. A maioria dos trabalhos atuais sobre lazer aborda a questão sempre em oposição ao trabalho. Pretendemos aqui mostrar a importância cultural e educativa do lazer que é pouco discutida. O lazer

hoje está inserido na sociedade e não faz parte apenas da dicotomia trabalho/não-trabalho, está inserido na complexidade moderna das relações e relacionamentos de forma ampla. Então, vamos discorrer, primeiramente, sobre [as transformações européias no tempo livre e no lazer](#), no momento de lutas e conquista por maior tempo livre para os trabalhadores fabris abrindo espaço para um tempo fora da fábrica, sendo utilizado de forma ociosa ou através do lazer organizado pelas elites culturais. Num segundo momento, trabalhamos dois [sistemas de lazer](#): o sistema bio-funcional e o da indústria cultural, na verdade, não um sistema aplicado, mas a crítica do anterior. No terceiro capítulo, discorreremos sobre a idéia de um novo sistema, o chamado [lazer educativo](#), um desdobramento do sistema bio-funcional associado à idéia de uma educação permanente como sendo a salvação pelo lazer. E, por fim, no último capítulo, a [cultura da ludicidade](#), uma mescla dos outros sistemas sempre pensando no lúdico.

Essa estrutura, voltada para os conceitos e períodos histórico-culturais pode parecer distante, mas se fez necessária, pois nos debates sobre o tema no decorrer da preparação da dissertação percebemos que pouco se sabia sobre o desenvolvimento do lazer, gerando grande confusão e anacronismos históricos. O conhecimento geral e a literatura sobre o lazer são, na sua maior parte, sociologia aplicada ou senso comum, os quais colocam os movimentos e conceitos em um só bloco, sem discorrer sobre singularidades de cada período e, sobretudo, sem compreender seu caráter disciplinador. Queremos com essa estrutura poder esclarecer algumas questões relevantes e distinções nesse aspecto.

Na sessão sobre São Paulo, de cada capítulo, colocamos a situação do lazer naquele período: o crescimento estrutural de equipamentos de lazer, suas principais transformações sociais, as políticas, os discursos e os usos do lazer pelos grupos. Iniciando por uma ilustração de [São Paulo na virada do século](#) e suas principais atividades de lazer. Em seguida, a [institucionalização do lazer](#) com o surgimento dos primeiros museus, teatros e companhias cinematográficas profissionalizantes, a televisão e a vida nos bares e parques. No penúltimo capítulo, surgem as políticas de uma [São Paulo para o lazer](#) bem como a consolidação da indústria cultural na cidade e o surgimento de classes sociais

voltadas para a produção cultural. E finalizando, as iniciativas e o [discurso da inclusão social pelo lazer](#).

Por fim, a última parte refere-se especificamente ao Sesc e só aparece a partir do segundo capítulo, pois a entidade surge em 1946. Neste segmento trabalhamos sua atuação e sua leitura de mundo, principalmente, as definições que tem sobre o lazer em cada período, suas pretensões e suas atividades. Começamos, então, no segundo capítulo, com o [Sesc em seu início](#). No capítulo seguinte, a [educação em foco](#) dentro do lazer, uma educação não-formal seguindo a leitura do educador Pierre Furter sobre educação permanente. No último capítulo, vamos chegar no foco principal desse trabalho com dois sub-itens: o primeiro mostrando as modificações e preocupações em definir uma filosofia e construir espaços para possibilitar [mais cultura em você](#); o segundo, a prática das unidades e projetos selecionados mostrando o [circuito cultural alternativo X circuito esportivo adaptado](#) e os contrastes entre o Pompéia e o Belenzinho.

1. O ADVENTO DO LAZER

Trabalharemos aqui o aparecimento de um fenômeno histórico moderno que começou a ferver no século XIX com a era fabril e industrial e que gerou as lutas pelos direitos sociais. Não queremos dizer com isso que, antes do século XIX, não existiam práticas de lazer, divertimento e ócio. Mas o que entendemos por lazer, hoje, é fruto daquele momento histórico.

Para tanto, vamos voltar no tempo para recordar os acontecimentos no mundo do trabalho daquele momento e posteriormente às lutas por direitos sociais, momento esse, em que se levantava a questão do tempo livre enquanto um direito do trabalhador. Então, concomitantemente às conquistas de mais tempo livre emergia o lazer como uma forma de ocupar o tempo do trabalhador com atividades socialmente consideradas prudentes.

A construção conceitual de tempo livre, ócio, ociosidade e lazer passam por esse período histórico - do capitalismo industrial, do século XIX até meados do século XX. Sua importância e os seus respectivos entendimentos na época serão debatidos no decorrer do texto. Vale ressaltar que, durante este capítulo, trabalharemos com esses conceitos constituindo a visão moderna (entre 1850 e 1945) e nos capítulos seguintes, a constituição da leitura contemporânea.

A primeira parte deste capítulo percorre o movimento europeu dos trabalhadores fabris e industriais para mostrar os acontecimentos mundiais, e também porque os movimentos históricos - francês, inglês e italiano - influenciaram o advento do lazer no Brasil. A segunda parte ilustra as transformações e movimentos brasileiros vistos a partir da cidade São Paulo. Essa leitura serve para compreendermos como era a cidade momentos antes da implantação do Sesc, em 1946, que será tema da dissertação a partir do segundo capítulo.

Para tanto, analisaremos a leitura de mundo que cada classe social¹ fazia de si e das outras, como em um jogo de disputa pela legitimidade² de seus valores. Vamos partir da seguinte classificação social:

- *Classe trabalhadora*: operários, trabalhadores fabris e industriais, artesãos;
- *Classe burguesa ou capitalista*: burguesia agrária e industrial; ou para o Brasil: *classe comerciante urbana*³: serviços urbanos: financeiro, administrativo e comercial;
- *Classe de lazer*: aristocracia, nobreza.

Essa última, assim classificada porque vive do trabalho dos outros, com tempo livre para se dedicar às artes, às viagens, ao luxo e ao prazer.

¹ “Classe social” nos termos de Bourdieu. Estratos sociais, existência, condicionamentos, disposições homogêneas e práticas semelhantes, ou seja, de *habitus*, gosto (disposição estética), categorias de percepção e situações sociais muito semelhantes. Para saber mais: BOURDIEU, Pierre. *La Distincion*. Madrid/Spain: Taurus, 1988.

² “Legitimidade” também nos termos de Bourdieu: a cultura, o gosto, o comportamento, os valores, enfim, o *habitus* considerado distinto, de bom gosto, civilizado, de prestígio, o único com real e maior valor de troca. BOURDIEU, Pierre, op. cit.

³ No Brasil não se podia falar ainda em burguesia por não termos tidos burgos ou o espírito burguês revolucionário, ou em classe capitalista, pois ainda não teríamos alcançado tal desenvolvimento econômico-político. FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

TRANSFORMAÇÕES EUROPÉIAS NO TEMPO LIVRE E NO LAZER

O tempo livre do trabalhador

No início do século XIX, o tempo do camponês, do artesão e até mesmo do operário estava suscetível a imprevistos, espontaneidades, interrupções forçadas ou recreativas. Consistia num tempo lento, flexível e ocupado com atividades mal determinadas; um tempo descontínuo no qual trabalho e não-trabalho, não possuíam distinções marcadas, isto é, interagiam entre si¹.

Segundo Corbin, no universo das fábricas e indústrias essa noção do tempo racionalizou-se e ordenou-se de forma prevista e linear, objetivando a busca tanto de maior produtividade, quanto de maior eficiência no trabalho, criando, conseqüentemente, uma disciplina e controle do tempo do trabalhador. O tempo começou a ser calculado e medido, podendo ser perdido, desperdiçado, recuperado, ganho ou, até mesmo, roubado. O operário, então, ocupava a maior parte do seu dia dentro da fábrica ou da indústria, sendo controlado e regulado pelos patrões “burgueses-capitalistas”.

Ao saírem do trabalho tinham tempo para as necessidades básicas, como: alimentação, sono, e nos finais de semana podiam dedicar-se a atividades ligadas à igreja ou à família. Esse novo ritmo provocou uma ruptura dos espaços e do tempo, uma vez que o trabalho passou a se realizar longe do lar e durante a semana, enquanto que o tempo pessoal restringiu-se aos finais de semana e/ou às noites. No entanto, essa mesma concepção e ordenação do tempo provocaram, anos mais tarde, as reivindicações de autonomia de um *tempo pessoal*².

Isso significava que o “tempo livre” modelava-se pelo tempo do trabalho, formando um sistema no qual qualquer alteração de um afetava o outro, necessariamente. Esse tempo livre entendido como um tempo de repouso, um

¹ CORBIN, Alain. Introdução, in CORBIN, Alain (org.). *A história dos tempos livres*. Lisboa/Portugal: Teorema, 2001.

² Nas fábricas e indústrias o processo era coletivo e impessoal na produção de bens, sem direito às expressões individuais ou à escolha do processo de produção. As novas gerações sentiam a necessidade de um tempo livre, para se dedicarem a si e à satisfação de outras necessidades. CORBIN, Alain. Introdução, in CORBIN, Alain (org.), op. cit.

“tempo morto” (no sentido de não produtivo para a indústria), ou então, como um tempo consagrado aos cumprimentos religiosos e familiares com ritos, festas, divertimento e restauração da força de trabalho, segundo Corbin, pouco tinha a ver com lazer.

Surge então, para nós, a primeira noção de “tempo livre”: esse “tempo liberado do trabalho”, surgido com a conquista dos trabalhadores fabris após muitas manifestações e reivindicações ocorridas no mundo capitalista ocidental como um todo, entre 1840 e 1920. As conquistas estavam sempre no sentido de regulamentação e diminuição da jornada de trabalho. As férias pagas de duas semanas surgiram no entre guerras, e a regulamentação de oito horas diárias de trabalho após a segunda guerra mundial, quando a Europa adotou os “três oitos”: oito horas de repouso, oito de sono, oito de trabalho.³

O repouso dominical ou semanal diferentemente da ociosidade era considerado como fonte de higiene pública, moral, familiar e cívica. No discurso higienista - que invocava a higiene e a saúde de acordo com os estudos fisiológicos e psicológicos da fadiga - o descanso de domingo restabelecia a elasticidade do corpo e do espírito, como se fosse uma lei natural de repouso de um dia por semana. O repouso servia, então, para a defesa da moral social laicizada, contribuía para a dignidade do homem, permitindo a satisfação das necessidades mais elevadas do ser e o retorno do esforço moral, além de devolver ao indivíduo o direito de ser dono de parte de seu tempo, de seus membros e de sua pessoa (direito que se tornou acentuado com o uso das máquinas).⁴

³ CORBIN, Alain. A fadiga, o repouso e a conquista do tempo, in CORBIN, Alain (org.), op. cit. A necessidade de redistribuir o tempo foi percebida na Grã-Bretanha com as reivindicações para o não-trabalhado ou para o liberado do trabalho. Antes da era industrial, os ingleses desfrutavam de 47 dias de feriado; em 1834, apenas quatro dias, trabalhando de segunda a sábado sem direito a férias. A partir 1870, alguns direitos sociais foram conquistados na Europa, seguindo para outros países da América do Norte e, depois, América Latina. ROY, Peter. Os ingleses e o lazer, in CORBIN, Alan (org.). *A história dos tempos livres*, op. cit.

⁴ O repouso dominical era respeitado e defendido pelas igrejas, sociedades formadas com esse objetivo, obras de caridade, sindicatos, reformadores sociais e políticos. A fadiga gerada pelo excesso de trabalho - antes entendida como uma sensação de dever cumprido, de trabalho bem feito - passava a ser compreendida como a diminuição da capacidade de ação: um sinal de alarme do corpo dizendo que estava chegando ao limite do tolerável, e como fator nocivo à saúde física e mental do trabalhador. Os estudos buscavam uma forma de atenuar as mortalidades operárias, os

As camadas dominantes temiam o uso que os trabalhadores fariam com esse tempo livre conquistado e ainda não controlado e disciplinado. Dessa forma, a ociosidade passava para outra esfera que não a do descanso.

O ócio dos ricos e a ociosidade dos pobres

Vamos entender melhor esse medo da classe dominante do ócio proletário: a ociosidade. As mesmas ideologias médicas, econômicas e sociais - nos quais a fadiga e o tédio eram considerados como doenças - davam à ociosidade um caráter negativo de desocupação, falta de atividade e descompromisso. Entendiam as práticas populares ou a ociosidade operária como desperdício, considerada desviante e marginalizada. Além do mais, segundo Corbin, o tédio, a inatividade e a inutilidade causarem fadiga cerebral, prenunciarem o fracasso e, de se transformarem em sofrimento e desgraça.⁵

O perigo da ociosidade operária e de outras formas da cultura popular tradicional vinham sendo controladas e moralizadas desde o início do *processo civilizador*⁶. Posteriormente, pelas escolas e também pelo trabalho nas fábricas. Esse processo de racionalização do corpo evitaria a ociosidade e os desperdícios de energia que as classes trabalhadoras tenderiam a ter na visão das elites.

Já para as elites, a disponibilidade de tempo, ou seja, o ócio, era considerado indispensável para o desenvolvimento do indivíduo e a construção harmoniosa da pessoa. Neste sentido, o ócio consistia em complemento para a formação do homem, sendo ele

acidentes, os defeitos de fabricação e os “tempos perdidos” e, para isso, propunham novas formas de repouso para evitar a fadiga, contribuindo para a saúde de todo o corpo social. CORBIN, Alain. A fadiga, o repouso e a conquista do tempo, in CORBIN, Alain (org.), op. cit.

⁵ CORBIN, Alain. Do lazer culto à classe de lazer, in CORBIN, Alain (org.), op. cit. A psicologia da época pensava a multidão como irracional, bárbara, instintiva, perigosa, influenciável, alucinável, massa de manobra e que essas massas iam à direção dos maus lazeres como que por força da natureza. CSERGO, Julia. Extensão e mutação do lazer citadino, Paris, século XIX – princípio do século XX – in CORBIN, Alain (org.). op. cit.

⁶ Segundo ELIAS, Norbert. *O Processo civilizador: uma história dos costumes*, Rio de Janeiro: Zahar, 1990, Vol. 1, o processo iniciou no século XVI com o desenvolvimento dos sentimentos de vergonha, pudor, constrangimento em relação ao próprio corpo e repugnância em relação ao corpo do outro. Esses novos sentimentos foram domesticados e controlados através de regras de etiquetas surgidas na corte incentivando o indivíduo ao autocontrole, como um processo purificador, ou de curialização.

*a condição necessária da disponibilidade sem a qual a troca de idéias, a realização de serviços não remunerados, a vida em sociedade seriam difíceis, quando não impossíveis; de uma disponibilidade que é talvez a condição de toda reflexão, de todo o progresso material e moral*⁷

No jogo pela legitimidade e distinção, as elites consideravam suas ocupações como as legítimas e benéficas, pois em seu repouso contemplavam a cultura, praticavam a arte da conversação e usufruíam suas coleções e *hobbies*. Ou seja, o ócio (tempo disponível das elites) seria legítimo, já a ociosidade dos trabalhadores permaneceria vulgar e bárbara. A verdadeira classe ociosa seria a “classe de lazer”⁸ que sempre foi a elite, a aristocracia receptora dos trabalhos alheios. A classe trabalhadora não possuiria tempo para o ócio, no máximo para a ociosidade⁹.

Lazer organizado: um dever dos esclarecidos

Somente a existência do tempo livre não restauraria a moral e o intelecto do homem; caberia às elites, portanto, criar e organizar o lazer. Este consistiria o seu dever. Um dever nacional e internacional para garantir a paz social, enquadrando

⁷ Daumard, 1983 *apud* CORBIN, Alain. Do lazer culto à classe de lazer, in CORBIN, Alain (org.), op. cit, p.62. As elites possuíam profissões não relacionadas ao trabalho braçal devido a sua independência, a sua responsabilidade autárquica e a sua disponibilidade de tempo para o ócio produtivo, tendo, assim, liberdade temporal para criação e alegria sem estarem presas à seqüência do tempo sem trabalho, o que quer dizer que tinham muito mais tempo disponível que o “tempo livre” conquistado pelos trabalhadores.

⁸ “Classe de lazer” é um conceito de Thorstein Veblen utilizado por Alain Corbin e Roy Porter em *A história dos tempos livres*, se referindo às camadas dominantes política e economicamente no período industrial, camadas que viviam o “ócio com dignidade”, tinham disponibilidade de tempo para se dedicarem ao lazer culto. Veblen se refere à aristocracia gregoriana que via o *otium* como uma forma de prazer e felicidade, uma elite que mostrava seu consumo de bens raros, gosto pelo prodígio, e gozo do supérfluo. Roy Porter acrescenta que essa aristocracia pretendia manter sua influência não só através das armas mas também da hegemonia cultural e por isso levavam uma vida agradável, suscitavam inveja e disputa. Alain Corbin o utiliza no contexto francês também no século XIX como um estatuto social que distinguia a burguesia dona de seu próprio tempo e com certa independência do trabalho como herança do ócio com dignidade que associava disponibilidade e atividade consentida.

⁹ Neste aspecto, os proletários quando não conduzidos ou induzidos para determinadas práticas, ficariam propensos às atividades estupeficientes que os rebaixariam à bestialidade o que desencadearia a causa de suas misérias. Mesmo a prática de leitura poderia ser vista como um mau lazer, pois conduzia as jovens para um quarto desviando sua atenção da higiene, do passeio e de uma ocupação mais produtiva, sendo, assim, consideradas tão perigosas quanto o alcoolismo. THIESSE, Anne Marie, Organização dos lazeres dos trabalhadores e tempos roubados (1880-1930), in CORBIN, Alain (org.), op. cit, p. 363-391.

e regulamentando as horas com atividades favoráveis a uma organização social e local. Esse movimento, que teve início na Europa no final do século XIX, transformaria o lazer popular no novo problema social.

A regulamentação e a diminuição progressiva dos tempos de trabalho, a elevação do nível de vida e a formação escolar conduzem a uma lenta diversificação das práticas do lazer popular e ao desenvolvimento de uma nova oferta de espetáculos e de bens culturais 'de massas'.¹⁰

A organização, o planejamento e o ordenamento de atividades prudentes para os trabalhadores foram aceitos como um dever social e, a idéia mais difundida resultou na organização do lazer feita pelas camadas mais esclarecidas da classe dominante.

Dessa intenção de organização e planejamento de atividades prudentes para os trabalhadores e de antipatia à ociosidade adveio o lazer moderno; esse desejo de modelar o tempo livre do outro. O incentivo às atividades “racionais” e às práticas consideradas enriquecedoras pelas elites produtoras, ganhavam o apoio de filantropos, humanistas, reformistas protestantes e intelectuais pela Europa e EUA no final do século XIX, que em conjunto agiam para vigiar, controlar, moralizar e promover o lazer para as massas, organizando e enquadrando os lazeres populares. Essa ação regulamentava os espaços públicos, com a proibição de combates entre animais, vigilância da venda de bebida, até a implementação e a multiplicação de campos de jogos regrados e organizados destinados a moralizar e disciplinar a juventude.¹¹

Se formulássemos uma primeira definição do lazer moderno chegaríamos a um conceito como: atividades lúdicas, culturais e esportivas consideradas enriquecedoras produzidas pelas elites culturais com intenção de vigiar, controlar e moralizar a classe trabalhadora em seu tempo livre do trabalho. Ou seja, só era considerado lazer as atividades promovidas pelos grupos mais esclarecidos, com capital cultural¹². Já as distrações e divertimentos espontâneos da classe

¹⁰ THIESSE, Anne Marie, op. cit, p. 366.

¹¹ CORBIN, Alain. Introdução, op. cit.

¹² “Capital cultural”: educação escolar e/ou familiar. Ver em BOUDIEU, Pierre, op. cit.

trabalhadora caíam, segundo Roy, na classificação de ociosidade ou barbárie, ou simplesmente como diversão.¹³

De acordo com o mesmo autor, os grupos produtores de lazer pretendiam garantir sua hegemonia cultural além do poder político e econômico que já possuíam. As classes médias reforçavam essa hegemonia devido ao seu desejo de introdução nos ritmos dessa sociedade e, portanto, no mundo dos lazeres, por meio de seu dinheiro. Assim, a estratégia de hegemonia cultural se expandia.

Para garantir a “boa” ocupação do tempo livre que os trabalhadores vinham conquistando, segundo Gabriella Turnaturi, novos passatempos e diversões eram desenvolvidos e inventados para que eles pudessem imitar e vivenciar os privilégios dos ricos sem se aproximar dos mesmos. Assim, o lazer em grupo e as férias em massa caracterizavam a economia da sociedade industrial.¹⁴

¹³ Como o ciclismo, atividade barata e de grande liberdade que abriu caminho para o campismo, a marcha, os passeios, os albergues da juventude, etc. ROY, Peter, op. cit.

¹⁴ TURNATURI, Gabriella. As metamorfoses do divertimento citadino na Itália unificada (1870-1915) in CORBIN, Alain (org.), op. cit, p.203-228.

SÃO PAULO NA VIRADA DO SÉCULO

De 1870, com o começo da imigração, até a queda da monarquia, em 1889, a cidade de São Paulo era ainda pequena e pouco movimentada, concentrando no final desse período 65 mil habitantes¹. A capital entrou no novo século com aproximadamente 240 mil habitantes (sendo 2/3 de estrangeiros), e até o pós-guerra chegou no patamar de dois milhões de habitantes². O crescimento desenfreado causou problemas de habitação, transporte, alimentação, higiene, saúde e, outras crises dando á cidade um sentimento de catástrofe³.

(...) a partir de aproximadamente da primeira Grande Guerra, a expansão decisiva do parque industrial paulistano, exigindo espaços enormes para a localização de fábricas e de oficinas, e traduzindo-se no loteamento de grandes propriedades na área suburbana.⁴

Os bairros operários entraram nos anos 40 com mais de 150 mil operários aglomerados em porões e cortiços, sem condições de higiene e salubridade, o que aumentou os casos de moléstias e doenças como a tuberculose e o raquitismo infantil⁵. Na entrada para o novo século, implantou-se a energia elétrica e em conseqüência, começou na cidade de São Paulo o novo sistema de transporte e a chegada da linha de ferro que passava pela Freguesia do Ó, Penha e Santo Amaro e, ao lado de fábricas e indústrias se concentravam bairros populares como, Brás, Pari, Mooca, Belenzinho, Bom Retiro, Barra Funda, Ipiranga e Vila

¹ CAMARGOS, Márcia. *Semana de 22: entre vaías e aplausos*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2002; Coleção Paulicéia.

² BARROS, Valêncio de. São Paulo, in *Revista do Arquivo Municipal: Antologia*, São Paulo, DPH, vol. 202, 2004, p.105-128.

³ Entre 1914 a 1919, o mundo atravessou um momento de crise com a Primeira Guerra Mundial. São Paulo viveu a crise dos quatros "G": a Gripe (espanhola), a Geada, os Gafanhotos, e as Greves (de 1917 e 1918). A gripe, a geada e os gafanhotos se tornaram um pesadelo recorrente na cidade. As greves garantiam a continuidade das lutas, mas, a guerra, dava a impressão de ter acabado. SEVECENCKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Além disso, a cidade passou por um surto de peste bubônica com os ratos vindo nos navios da Europa. ARAUJO, Vicente de Paula. *Salões, Circos e Cinemas de São Paulo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981, Coleção Debates: cinema.

⁴ BRUNO, Ernani Silva. São Paulo de agora (1918-1953), in *História e tradições da Cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954. Vol. 3, 2ª ed., p. 1316.

⁵ BARROS, Valêncio de, op. cit.

Prudente⁶. Esse cenário e bairros de aglomeração de trabalhadores carentes serão os lugares do foco de atenção para a implantação dos serviços sociais, anos mais tarde, nas áreas de saúde, higiene, salubridade, moradia, lazer, etc.

Com a industrialização, um novo corpo social ascendia além da aristocracia agrária ou industrial e dos operários, em virtude do aumento progressivo da necessidade de serviços nos setores urbano, financeiro, administrativo e comercial. Esses setores criavam o *comerciante urbano* concentrado no triângulo central, ganhando espaço na cidade, no trabalho e no lazer. Com a redefinição das funções urbanas, essa cultura popular dos bairros saltava para uma cultura do lazer citadino, acarretando uma revolução dos usos e costumes das ruas, juntamente com uma melhora na qualidade de vida, o que possibilitava a consagração de um estilo de vida urbano e divertido, além das satisfações das necessidades básicas e fundamentais. Momento este em que a arte de viver dos comerciantes expandia-se para um número maior de pessoas e a vontade econômica e política de organizar o lazer do povo eram beneficiadas pela expansão da procura social para a diversão⁷. A cidade estava começando a desenvolver-se, conseqüentemente o tempo livre, a ociosidade e a organização do lazer passaram a ser preocupação para o comerciante urbano.

A virada do século representaria o momento crucial da fase higienista, da civilização do corpo, da linguagem, dos comportamentos (criando novos hábitos de higiene, de cultura, etc), e do embelezamento da cidade com políticas e planejamentos de jardins, parques e praças públicas. E o lazer organizado – modelo europeu - ou, a recreação dirigida – modelo americano -, teria relevância ímpar nesse processo, com equipamentos de diversão, recreação, lazer e distração em praças, parques, jardins, circos, cafés-concerto, teatros, salões, confeitarias, cinemas, galerias de exposição, jornais, com o surgimento do rádio, de campos e quadras esportivas e de piscinas. Todos objetivavam a harmonia mundial e a paz social e, o carnaval de 1919, o mais comemorado dos últimos

⁶ MENDA, Mari Elizabeth & SANTOS, Vanessa Costa. *80 anos de Semana de Arte Moderna de 1922*. São Paulo, Lemos Editorial, 2002, vol. 1.

⁷ ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX*. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

anos, com intenso entusiasmo, representou um marco comemorativo da entrada de um novo tempo.⁸

*O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduquice. Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando os espíritos. Sob o epíteto genérico de 'diversões', toda uma nova série de hábitos, físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana.*⁹

Artes e espetáculos

O final do século XIX contava, para apresentações artísticas de teatro, concerto, dança, festa a fantasia, marcha, galope, bailes de carnaval, teatro amador, teatro beneficente, com os salões, teatros, cafés-concerto, confeitarias e teatros populares. No início do século, de acordo com Araújo, implantavam-se e legalizavam-se os princípios de segurança e tipo de atividade permitida dentro desses estabelecimentos.

O ano de 1911, marcava a inauguração do Teatro Municipal, mas a população dava preferência aos cafés-concerto como o Moulin Rouge ou o Éden-Theatre. No entanto, mesmo assim, os salões, teatros, cafés-concerto, casas e confeitarias se espalhavam pela cidade criando um hábito de divertimento noturno e dominical, espaço utilizado pelas mais diversas atividades, entre elas o cinematógrafo ambulante, segundo o mesmo autor.¹⁰

⁸ SEVCENCKO, Nicolau. A abertura em acordes heróicos dos anos loucos, in *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos anos 20*, op. cit, p. 23-87.

⁹ Idem, p.32.

¹⁰ Os teatros e cinemas, principalmente, exigiam bom comportamento e vestimenta adequada, o que provocou moda da roupa de domingo, uma vez que esse consistia no dia em que mais se procurava as diversões no centro da cidade. ARAUJO, Vicente de Paula, op. cit.

A música permeava esses aposentos, bem como antecedia as sessões de cinema, abrindo espaço para a música popular brasileira e a música “caipira”, que passava a ser gravada em disco.¹¹

Após a brincadeira da lanterna mágica, da fotografia animada, segundo Araújo, chegavam à cidade, em 1898, os cinematógrafos Lumière e Faure Nicolay. As máquinas de projeção tinham caráter ambulante e transcorriam por diversos salões, teatros e até mesmo na praça da República. Começou, então, a construção de salas especiais para a projeção desses filmes.

Serrador foi um dos principais empresários do cinema em São Paulo. Além de suas salas, ele comercializava cinematógrafos e fitas da *Pathé Frères*, a mais nova tecnologia na época, o que possibilitou a abertura de cinemas nos bairros populares, uma vez que, até então, a maioria das salas concentrava-se no triângulo central. Sem contar as apresentações em praças públicas, com o Cinema Reclame, levando o divertimento para um número maior de espectadores.¹²

Empresas cinematográficas surgiram em 1908 e, logo em seguida, as produtoras entravam no jogo dando maior autonomia ao campo, bem como a inauguração da Companhia Cinematográfica Brasileira, concentrando quase todos os grandes cinemas.¹³

Em 1913, apareceu o cinema colorido, segundo Araújo, e a cidade esteve tomada pela loucura do cinema em todos os bairros, mas predominantemente freqüentado pela classe trabalhadora; as classes dominantes, em 1921, começaram a investir no setor, com a inauguração do Cine Santana, da Família Penteadado e do Cine República (considerada a primeira sala luxuosa dos anos 20)¹⁴. A nova prática de lazer desbancou os circos, os cafés-concerto, teatros e

¹¹ GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950*. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

¹² Cinemas de bairro como: Teatro Popular, no Brás, Cinematógrafo Parisiense no Bom Retiro. ARAUJO, Vicente de Paula, op. cit.

¹³ Íris, Bijou, Radium, Teatro Rio Branco, Pavilhão Campos Elíseos, Smart, Ideal, Teatro Colombo, Marconi Theatre e Pathé Palace. Idem.

¹⁴ ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento, op. cit.

serões entrando no hábito da cidade e migrando de diversão popular para uma diversão também das classes média e alta¹⁵.

O campo da arte (pintura, literatura, escultura, música) organizava-se desde 1873, com o Liceu de Artes e Ofício, esfera essa, mais fechada para as elites intelectuais e para os próprios artistas. Em 1912, inaugurava-se o Pensionato Artístico Paulista concedendo bolsas de estudos para o aperfeiçoamento de artistas, uma vez que não havia curso superior. Até então, as artes, fora das elites, circulavam pelas igrejas e pela cidade apenas como adorno.¹⁶

Nos anos 30 surgiram diversas iniciativas artísticas com várias linguagens¹⁷. As artes tornavam-se mais públicas depois desses primeiros movimentos, mas só tiveram reconhecimento em larga escala no pós-guerra¹⁸. Segundo Arruda, o campo da arte começava a criar o hábito de apreciação da arte e expansão de seus domínios para alguns grupos, mas ainda restritos.

Diversões ao ar livre e esportes

Era hábito da população freqüentar nos finais de semana áreas públicas que propiciavam atividades de divertimento. Em relação aos espaços públicos - dentro da política de embelezamento da cidade - tínhamos, em especial, o Jardim da Luz, desde 1825, considerado o primeiro espaço público de lazer da cidade¹⁹, assim como muitos outros parques, praças, largos, ruas, várzea e vale que

¹⁵ MENDA, Mari Elizabeth & SANTOS, Vanessa Costa, op. cit

¹⁶ CAMARGOS, Márcia, op. cit. Nos anos 20, São Paulo contava com a Biblioteca Municipal (atual Mário de Andrade) e, até 1945 surgiram às primeiras bibliotecas de bairro. A imprensa deixava de ser expositiva para incitar críticas e debates, abrindo espaço para a cultura e para as questões nacionais, além de contribuir para a autonomização da esfera literária. Além de centros de debates, os cafés e livrarias funcionavam também como centros de lazer desses intelectuais. MENDA, Mari Elizabeth & SANTOS, Vanessa Costa, op. cit. E na esfera musical a Sociedade de Cultura Artística investia e incentivava o estudo musical; além da Sociedade Filarmônica de São Paulo - com orquestras e concertos filarmônicos pela cidade -, da Discoteca Pública Municipal - subordinada ao Departamento de Cultura. BRUNO, Ernani Silva, op. cit.

¹⁷ Sociedade Pró-Arte Moderna, Clube dos Artistas Modernos, a Família Artística Paulista com o Grupo Santa Helena, Salão de Arte da Feira Nacional de Indústrias; ampliação do número de galerias e de exposições e, a criação dos Sindicatos dos Artistas Plásticos. ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento, op. cit.

¹⁸ ARAUJO, Vicente de, op. cit.

¹⁹ Antigo Jardim Botânico, que passa a denominar-se de Jardim Público em 1855. ETZEL, Eduardo. O Verde da Cidade de São Paulo, in *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: antologia*, São Paulo, DPH, v. 202, 2004.

recebiam atividades recreativas e de lazer como circos, montanha russa, carrossel, quermesses beneficentes ligadas às igrejas, teatros, peteca, touradas, demonstrações musicais, desfiles, cinematógrafos, atividades esportivas, etc²⁰.

O ano de 1935, constituiu o ano embrionário de um projeto dentro do Departamento de Cultura da cidade: o projeto de Parques Infantis, que envolvia pedagogos, arquitetos, médicos, educadores e sanitaristas e objetivavam a implantação da política social higienista, nacionalista e modernista voltada para a construção da cidadania das crianças, dos jovens operários e das moças. O projeto baseado também nos ideais da Carta de Atenas (1933) para um urbanismo racionalizado, procurava recuperar o ar puro, o verde, a luminosidade e a água, para uma cidade mais funcional.²¹

Até então, os parques atuavam como espaços de lazer contemplativo e familiar com atrações teatrais, musicais, desfiles e encontro com a natureza. O novo projeto, junto com o movimento de culto ao corpo e à febre do “espírito esportivo”, trouxe para as crianças um lazer ativo e recreação dirigida, supervisionada e orientada por profissionais qualificados para tal, além de assistência médica. Até 1945 o projeto contava com oito unidades, todas localizadas próximas à população carente. Dentro dos parques infantis, à noite, funcionavam também entidades como: Clube de Menores Operários e/ou Centro de Moças; serviço semelhante era prestado pelas igrejas nos denominados Juventude Feminina Católica, Juventude Operária Católica, Juventude Universitária Católica. Para os próximos anos Mário de Andrade, um dos idealizadores do projeto, previa a construção de mais 70 parques.²²

²⁰ ARAUJO, Vicente de Paula, op. cit. Os circos, até os anos 20, exerciam grande atrativo às massas com apresentações não só nas praças, mas também em teatros, oriundos de nacionalidades e localidades diversas. O Circo Piolim, o mais conhecido no período, funcionava permanentemente na praça Marechal Deodoro, de 1944 até 1962, quando teria sido despejado. O circo era tão comum nos anos 20 a 40, que o historiador Ian de Almeida Prado, dizia que São Paulo poderia ser a “capital do riso” assim como Hollywood era a capital do filme. BRUNO, Ernani Silva, op. cit.

²¹ Em 1930 já existia o projeto de “Parques de Jogos” que foi assumido pelo Serviço Municipal de Jogos e Recreios para Crianças, que se transformou em Serviço Municipal de Parques Infantis assumido pelo Departamento de Cultura. NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. *Parques Infantis de São Paulo: lazer como expressão de cidadania*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

²² Unidades existentes: Parque Infantil do Ipiranga, Dom Pedro II, da Lapa, Santo Amaro, Tatuapé, Barra Funda, Catumbi e Vila Romana. Eram equipados com banheiros, salas cobertas,

O serviço social implantado pelo Sesc e SESI muito se assemelha com esse modelo dos parques infantis. Estas atividades assistenciais a que a classe trabalhadora tinha acesso mostram a intenção em formar uma personalidade e um caráter considerado prudente, mas também a intenção de dar mais uma possibilidade de atendimento e atenção para essa população. As atividades em áreas públicas de fácil acesso e sem muitas exigências de comportamento eram as mais freqüentadas pela classe trabalhadora, alimentando a possibilidade, o gosto, e o hábito de voltar a procurar as mesmas diversões, restringindo seu leque de oportunidade de escolhas.

O esporte representava uma outra esfera do lazer que começava seu desenvolvimento na virada do século XIX para o XX, como o Clube de Corrida, o *cricket*, aparelhos de ginásticas, o futebol, o basquete e a esgrima. Havia ainda o Velódromo incentivando o atletismo e o ciclismo²³; a *boccia*, praticada pelos italianos, e o boliche. O interesse pelo futebol iniciou logo nos primeiros anos do século XX, surgindo as primeiras delimitações do campo de futebol nos clubes, praticado no *São Paulo Athletic Club*, no *Mackenzie College*, no *S.C. Corinthians Paulista*, no *Palestra Itália*, bem como em qualquer campo improvisado ou nas praças e parques da cidade. Em 1940, foi inaugurado o primeiro estádio municipal, o Pacaembu, tendo além da quadra de futebol com arquibancada, espaço para a prática dos demais esportes.²⁴

O esporte é uma das atividades de lazer de maior facilidade de acesso, devido às informações, à possibilidade de improvisação de equipamentos e materiais, ao seu caráter lúdico e a satisfação gerada instantaneamente. Com isso o futebol, a corrida, o salto, ginástica, etc, podem ser vivenciadas nas ruas perto de casa, pequenas áreas livres, parques, etc.

Com o fim da primeira guerra tornou-se possível a abertura para novas modalidades e desenvolvimento do esporte e de competições. E, com isso, a

consultórios médicos, campos para prática esportiva, piscinas e playground com balanços, gangorras, passos gigantes, carrrosséis, deslizadores (escorregadores), caixas de areia, pórticos com cordas, barras paralelas, trapézios, mastros, cavalos, etc. NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa, op. cit.

²³ Transformou-se em Clube Atlético Paulista e, em 1915, foi demolido para a passagem da rua Nestor Pestana. ARAUJO, Vicente de, op. cit.

²⁴ BRUNO, Ernani Silva, op. cit

celebração dos corpos e dos músculos, a educação física e a educação dos corpos, independente da intenção das autoridades públicas, a prática esportiva, trazia para o praticante, gratificação instantânea. Em 1919, havia em São Paulo 150 clubes esportivos, campeonatos, ligas, e associações atléticas. O futebol, a esta época, já era o símbolo, a honra e o orgulho nacionais.²⁵

²⁵ SEVCENKO, Nicolau, *op. cit.*

2. CONSOLIDAÇÃO DO LAZER

Trabalharemos neste capítulo a consolidação do campo do lazer em São Paulo e a institucionalização deste com a criação do Sesc, entre outras entidades. O período de 1946 a 1964 foi um momento de grande expansão e incentivo à cultura, ao lazer e ao esporte. Esse novo movimento em relação ao lazer, não mais ligado às conquistas de tempo livre, mas sim às expansões das atividades e oportunidades como também à massificação e à intenção de democratização da prática, traz o início do que denominaremos de *lazer contemporâneo*.

Inicialmente trabalharemos a visão funcionalista defendida por Joffre Dumazedier na Europa, o qual trouxe para o Brasil, a pedido do Sesc, suas teorias e por Renato Requixa, seu principal seguidor na sociologia brasileira. Em seguida, iremos contrapor seus conceitos com a teoria crítica adorniana. Assim, pretendemos ilustrar como o debate sobre o lazer mostrou a efervescência e a necessidade de implantação e autonomização do campo; quais foram as principais transformações sociais e culturais; bem como os valores e diretrizes adotadas no momento da criação do Sesc e suas primeiras atuações.

Os primeiros movimentos dos funcionalistas seguiram o discurso oficial, tendo como diretriz a paz social e a mentalidade burguesa de organização dos lazeres dos trabalhadores como uma forma de controle e moralização das massas que, segundo visão da época, haviam tomado conta dos espaços da cidade de forma desordenada e ameaçadora para as classes dominantes.

Neste período começam a surgir os produtores culturais, ou como o Sesc denominaria, a *classe produtora*, e que, segundo Bourdieu, corresponderia a um segmento das classes médias por ele denominado como *intermediários culturais*; assim como, a aparição dos *novos capitalistas*¹ ou *negociantes*² criando uma nova linguagem no trabalho e, com o trabalho. O lazer ainda carregava muito o caráter de ocupação do tempo livre, mas começava a se expandir a classe de profissionais, as atividades, equipamentos, oportunidades e finalidades.

¹ BOURDIEU, Pierre. *La Distincion*. Madrid/Spain: Taurus, 1988.

² FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

INSTITUCIONALIZAÇÃO DO LAZER

Sim. São Paulo era uma cidadezinha quieta, perdida na solidão do planalto, mas quando vemos hoje através das imagens que o tempo conservou, as ruas que mesmo quando se chamavam Alegre eram tristes, ou quando se denominava Direita eram tortas, sentimo-nos dominado por essa estranha nostalgia, irracional e ilógica. (...) suas ruas desertas, aqueles homens sossegados de sobrecasaca e chapelão, vastos bigodes, românticas cabeleiras, um cavalo pastando tranqüilamente (...) ali um sonolento carro-de-bois entre sobradões de telhados inclinados e rótulas misteriosas, quase lamentamos o dinamismo, a aspereza, a correria da nossa existência de hoje, espremida entre automóveis e arranha-céus; e sentimos, com certa inveja, que os homens podiam com facilidade se locomover, visto que havia espaço; comer bem, visto que havia comida em abundância; tomar banho, dado que havia água; dormir, porque havia silêncio. E não só o silêncio havia: havia manhãs, havia noites naquele tempo.. Naquele tempo havia luar .¹

Locomotiva cultural

Com o fim das guerras, a sociedade brasileira começava a dar ênfase para o presente e o futuro e para um regime mais democrático, reconhecendo a ciência e a tecnologia como um caminho para o progresso. Na dinâmica cultural do pós 45, de um lado, estava a vontade de aglutinar o país em torno de um projeto nacional e, por outro lado, encontrava-se o desejo de inserção nos parâmetros universais da cultura². Segundo o IBGE, havia na cidade, em 1946, 1.811 estabelecimentos, entre salões, casas de espetáculos, cine-teatros, teatros e cinemas³.

De acordo Arruda, a cidade já era uma metrópole cultural. Como metrópole desenvolvia também atividades além das comerciais, industriais e financeiras, dando lugar ao terceiro setor, aumentando a rede de ensino, de cursos profissionalizantes, serviços pessoais, surgindo também estabelecimentos de luxo

¹ MARTINS, Luis. Quatro séculos de vida, in *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 de Janeiro de 1954, p.15.

² ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio do Século XX*. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

³ SITE do Sesc São Paulo, quem somos, história, visitado em janeiro de 2005: www.sescsp.org.br/sesc/sos/index.cfm?forget=14.

(hotéis, restaurantes, bares, salões de beleza, clubes, saunas) e serviços prestados nos recintos domésticos. A capital paulistana não tinha mais aquele tom estrangeiro com bairros preferenciais, o ritmo de vida urbana da economia cafeeira estava agora sob as chaminés industriais.⁴

De acordo com a autora, em 1950, com a imigração já bem reduzida, a primeira geração de descendentes alcançava o topo da escala social em diversas atividades, principalmente nos meios de comunicação, aparelhos culturais, literatura, cinema, teatros. Esse grupo de imigrantes em ascensão que ocupava cargos importantes nos meios de comunicação, como Ciccilo Matarazzo e Franco Zampari, entre outros, fizeram aparecer uma nova classe social não mais de comerciantes, mas sim de negociantes: a *classe produtora* de bens culturais e simbólicos, uma camada com capital cultural que estava se convertendo em capital econômico, um grupo com novos valores, costumes, trajetórias e gostos distintos. Essa nova parcela da sociedade entrava no jogo pela legitimidade junto com a aristocracia e os comerciantes. Esse grupo, a classe produtora, criou um novo espaço social de comunicação entre a “alta-cultura” e a “cultura popular”. E foram justamente os meios de comunicação e aparelhos culturais que tomaram a frente do gosto legítimo da cultura nos anos 50 e 60, trazendo consigo os novos estilos de vida. Crescia agora a migração interna e, com ela, mais um impacto cultural urbano na grande cidade. Aqui estava um grupo predominantemente pobre em capital cultural e econômico, fugindo das dificuldades climáticas e financeiras de suas regiões para uma ilusão de possibilidades apresentadas por essa imagem da cidade de São Paulo.

Mas, segundo Renato Ortiz, para fugirmos dessa polaridade entre cultura erudita e cultura popular, poderíamos ver as propostas desses negociantes por outro ângulo. Não se tratava apenas da contemporaneidade nas manifestações culturais da área erudita; essa contemporaneidade correspondia às mudanças importantes na esfera da cultura popular de massa, o que significava que não era

⁴ As comemorações do IV Centenário mostravam que São Paulo era a cidade central da cultura e da ciência brasileira, recriando a mitologia de que São Paulo era a “locomotiva” do país: a *mitologia paulista solidifica-se. Ao se enraizar, alça vôos. São Paulo torna-se o altar-mor da nacionalidade brasileira*. ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento, op. cit, p. 99.

um movimento isolado concretizado na cultura erudita, mas os mesmos empresários estavam nas duas esferas, tanto na modernidade das artes e do teatro, como na modernidade dos meios de comunicação de massa como jornais, rádios, televisão e companhias cinematográficas como a Vera Cruz. Havia também, além da contemporaneidade, o interesse cultural e econômico dos empresários, ou seja, empresas como a Vera Cruz eram *fruto do industrialismo da burguesia paulista, mas para expressar seu investimento numa indústria cultural e não numa cultura burguesa cuja referência seria a grande arte do século passado*.⁵

Os mesmos empresários estavam tanto no campo erudito como nos meios de massa, de forma que ocorria uma transferência do erudito para os meios de comunicação de massa fazendo deste um capital simbólico que se aderiu à cultura popular de massa.⁶

Esse movimento de fuga das velhas elites, de institucionalização das expressões culturais pelos novos negociantes dirigentes, de consumo dessas práticas pelas classes médias, formava a hierarquização das classes e dos hábitos culturais e criava o campo de lazer culto, distinto das outras práticas culturais, mais em termos de espaços sociais, do que em termos de gostos e interesses. Mas, a grande massa de trabalhadores também tinha seus centros sociais e culturais organizados por iniciativa do empresariado, como a criação do Serviço Social do Comércio e da Indústria - Sesc e SESI, respectivamente.

A arte e o lazer andavam juntos nesse período e passavam a ser vistos como produtos. Todas as iniciativas no campo das artes – abertura para exposições e aumento do número de galerias –; do teatro, do cinema, da imprensa – com revistas, livrarias, editoras, jornais –; novas associações e, finalmente, o início da televisão no Brasil (em 1950) começavam a funcionar e ganhar

⁵ ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. 3ª ed, p. 69-70.

⁶ Um exemplo típico foi o papel do teleteatro na televisão brasileira dos anos 50, no meio de uma programação popular, com shows de auditório, programas humorísticos, música popular, telenovela. Houve também uma hierarquia de valores quanto aos programas considerados mais legítimos, como o teatro e o teleteatro, e mais populares, como os produzidos segundo antigos esquemas de rádio. REQUIXA, Renato, op. cit.

autonomia.⁷

As ruas, os bares, praças, parques, cafés já possuíam uma vida própria, nos anos 50, e reuniam um público para atividades de distração, recreação e descanso, criando, assim, um ambiente de sociabilidade e trocas de experiências. Todo esse universo de cultura, lazer, comunicação, entretenimento começava a ganhar corpo e autonomia e a caracterizar os estilos de vida de cada grupo para, nos anos 70, iniciar o processo de popularização do lazer, principalmente, através da televisão, que se tornaria um utensílio doméstico indispensável.

Experiências paulistanas

As iniciativas das velhas oligarquias em comunhão com os novos negociantes – que assumiram o papel de mecenas – tiveram a ação fundamental de institucionalização da cultura com a criação do Museu de Arte Moderna, por Cicillo Matarazzo; do Museu de Arte de São Paulo, pelo nordestino Assis Chateaubriand; do Teatro Brasileiro de Comédia, sob o comando de Franco Zampari em associação com Cicillo. Todas empreitadas de grande importância cultural, com profissionais experientes para profissionalizar e “civilizar” as novas iniciativas culturais, bem como abrir as portas para um grande movimento de valorização da cultura.⁸

Essas iniciativas tiveram o apoio financeiro de banqueiros e de industriais, a mesma classe que desfrutava das conquistas artísticas e teatrais. Portanto, envolviam os produtores culturais mais intelectualizados e os consumidores com maior poder econômico. A institucionalização da vida universitária, nos anos 30, também alterou o estilo de reflexão e a constituição das organizações culturais

⁷ MENDA, Mari Elizabeth & SANTOS, Vanessa Costa. *80 anos de Semana de Arte Moderna de 1922*. São Paulo, Lemos Editorial, 2002, vol. 1. A indústria cultural e a cultura popular de massa emergiam pela sua insipiência, e não pela sua amplitude. Por isso, não era possível aplicar a esse período o conceito de indústria cultural, pois faltava ainda o caráter integrador. Por enquanto, o Estado tinha o papel de integrar as partes e utilizar-se dos meios de comunicação de massa como aparelho pedagógico *tendo por função o esclarecimento, o preparo, a orientação, a edificação, numa palavra, a cultura de massa*, a promoção da educação e a transmissão da palavra oficial, e não como diversão. Dessa forma o sonho de se construir um sistema radiofônico nacional desaparecia momentaneamente devido às impossibilidades materiais de realizá-lo, favorecendo então a radiofonia local. ORTIZ, Renato, op. cit, p. 51.

⁸ ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento, op. cit.

como museus, teatro, cinema, permitindo um processo de troca cultural com obras do exterior.⁹

No setor de cinema, de acordo com Arruda, até 1953, havia mais de 20 produtoras, todas resultantes da relação entre aristocracia, mecenato cultural e cultura cinematográfica. Mas, neste caso, havia um acordo com consumidores das classes médias que também tiveram seu papel na consolidação dessa esfera.¹⁰

Nos anos 30, de acordo com Ortiz, as emissoras de rádio, com a abertura para a propaganda publicitária, aumentaram a programação, desenvolvendo-se e expandindo-se para a cultura popular de massa, chegando a 300 emissoras de rádio, em 1950, contando com programas de auditório, espetáculos musicais, radio-novelas, ganhando, cada vez mais, popularidade. O advento da indústria de discos colocava a bossa nova e a música popular brasileira nas rádios e televisão - consagrando nomes como João Gilberto, num primeiro momento - abrindo espaço para iniciativas musicais, como alguns projetos do Sesc¹¹.

Nesse período, o que ocorria com os meios de comunicação era apenas uma modernização, os veículos pouco tinham de produtores culturais, funcionando mais como um meio de venda de produtos. O prestígio da televisão como algo elitista era uma visão dos seus próprios membros que se viam como produtores de cultura e não como vendedores de mercadoria cultural, visando *educar e divertir*, segundo proposta da TV Cultura, criada em 1960, por Chateaubrind¹². Na década de 50, a televisão foi marcada por esse duplo interesse: cultural e de mercado. Mas ainda não consagrada na lógica comercial. Os sinais via satélite de telefone e TV apareceram em 1962, mas só tiveram transmissão nacional no final

⁹ Tratava-se de uma cultura afirmativa, onde havia especialistas em cada ramo de atividade cultural querendo sua distinção social. ORTIZ, Renato, op. cit. O teatro também exercia um forte papel de denúncia dos problemas sociais e de críticas ao teatro convencional. SITE do Sesc São Paulo, quem somos, história, op. cit.

¹⁰ O consumo cultural se ampliou com o crescimento dos cinemas que viviam sua "idade de ouro" e por isso a iniciativa de se fazer o I Festival Internacional de Cinema no Brasil junto às comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo enraizando a cultura cinematográfica brasileira. A busca era tão grande que, em 1953, 45 milhões de paulistanos foram aos cinemas, ou seja, o equivalente a 85% da população da cidade da época. Jornal Correio Paulistano, São Paulo, Ed. Comemorativa do IV Centenário, 24 de Janeiro de 1954.

¹¹ SITE do Sesc São Paulo, quem somos, história, op. cit.

¹² ORTIZ, Renato, op. cit.

da década¹³.

Neste período, quanto ao espaço lúdico aberto, a cidade fez alguns avanços, como a criação do Parque Ibirapuera e a regulamentação do Parque Estadual do Jaraguá, além do esforço para ampliar os parques infantis e de manter a maior parte dos antigos parques e praças já existentes. Os parques infantis, segundo Niemeyer, tiveram o projeto de 46 novos parques, dos 70 previstos no programa, cancelado pelo Presidente Prestes Maia. A solução primeira foi criar 23 “unidades mínimas” e, posteriormente, os parques infantis fizeram convênio com as escolas, conseguindo, assim, organizar mais 87 unidades. Mas, já começavam a perder suas forças, cair no abandono da proposta lúdica e assistencial e, por fim, no governo de Paulo Maluf (1968-71), viraram escolas municipais de educação infantil.¹⁴

¹³ SITE do Sesc São Paulo, quem somos, história, op. cit. A televisão contava com a TV Record, a TV Tupi e a TV Paulista, que continha programação regional e apenas no período noturno. No mais, cobria eventos esportivos, além de uma programação de divertimento para toda a família, com novelas e o Sítio do Pica-Pau Amarelo, para as crianças. A nova cultura da imagem surgida com a televisão e com o desenvolvimento da comunicação *exprimiu a maneira de viver do homem no século XX e alterando os sistemas de representação que passam a estar sincronizado com o novo mundo* e principalmente criando um novo hábito audiovisual característico da cultura a partir dos anos 60. ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento, op.cit., p. 41.

¹⁴ NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. Parques Infantis de São Paulo: lazer como expressão de cidadania. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

SISTEMAS DE LAZER

Quando se fala de lazer nas Ciências Sociais o primeiro nome a ser citado é o do sociólogo francês Joffre Dumazedier (1914-2002). O sociólogo esteve no Brasil na década de 60 para passar seus métodos de educação de adultos e, no final dos anos 70, foi convidado pelo Sesc São Paulo a retornar e atuar por oito anos nas mais diversas áreas de lazer e de educação não-formal. Suas teorias e conceitos foram a base da ideologia do lazer contemporâneo e influenciaram – e ainda influenciam – muitos estudiosos sobre o assunto. A teoria de Dumazedier sobre o lazer na cultura contemporânea se refere a uma pesquisa feita com operários franceses entre 1950-1973.¹

Os sociólogos brasileiros, Renato Requixa, um dos principais seguidores de Dumazedier, e Luiz Octávio de Lima Camargo também são referências para compreender o pensamento funcionalista no Brasil já consolidado nos anos 70.² Para acompanhar a teoria crítica adorniana em relação ao lazer tomaremos como referência a conferência de Theodor Adorno da *Radio de Alemanha* realizada em 1969 e publicada como *Tiempo libre* em 1973, bem como outras leituras sobre a indústria cultural.

Sistema bio-funcional: o lazer idealizado

O tempo livre, nas palavras do próprio Dumazedier, constituiria o momento do sujeito expressar ou *satisfazer* os seus impulsos e desejos, uma *escolha pessoal e livre* e seria também oposto *ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana*.³

¹ Publicações no Brasil: Lazer e cultura popular (1976), Sociologia empírica do lazer (1979), Planejamento do lazer no Brasil (1980), Valores e conteúdos culturais do lazer (1980); os dois últimos publicados pelo Sesc. Os trabalhadores franceses estudados por Dumazedier apresentaram três principais movimentos de lazer: as migrações de lazer, os espetáculos e as curiosidades intelectuais. As duas primeiras manifestações introduziam-se na cultura cotidiana dos trabalhadores, tornando-se um hábito social e cultural presente no entre guerras.

² Publicações: As dimensões do lazer (1969), Lazer e ação comunitária (1973), Sugestão e diretrizes para uma política nacional de lazer (1980), O lazer no Brasil (1977) e os mais diversos artigos em periódicos e estudos do Sesc; O que é lazer (1986) e Educação para o lazer (2002), respectivamente.

³ DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Ed. Perspectiva, Coleção Debates, 1976. p. 31.

Assim, a prática do lazer estaria inserida no tempo livre, ou seja, só poderiam ter lazer aqueles que possuíssem tempo livre e, para isso, seria necessário ter trabalho e/ou obrigações sociais. O lazer seria uma das necessidades do indivíduo, mas não uma das básicas ou vitais – nem a social ou civil –, ocorreria no momento da satisfação dos desejos e necessidades individuais. Pois, segundo o sociólogo, todos teríamos *necessidades* psicológicas, emocionais e fisiológicas, e cada uma delas precisaria ser atendida de forma *equilibrada*, por meio de práticas que proporcionam ao indivíduo reposição de sua energia física, mental e emocional, além de prazeres.

Assim, segundo Faleiros, Dumazedier colocava o lazer com a função de melhorar as funcionalidades orgânicas do indivíduo e o limitava, apenas, à função de reposição psicossomática. Ou seja, se a função não fosse de recuperação de necessidades orgânicas e/ou de satisfação de desejos, a atividade não seria de lazer “puro”.⁴

Teríamos, por enquanto, que o lazer para os funcionalistas seria uma *ocupação não obrigatória, de escolha livre do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social*, segundo Renato Requixa. O interessante aqui seria a idéia de um *conjunto de valores*, enquanto algo que o homem deseja de forma ideal justificando até um esforço em satisfazer suas subjetividades como meio para a felicidade.⁵

Para Dumazedier, essa “felicidade” se transformaria em uma nova cultura, em uma nova forma de viver, um viver pelo lazer. A escolha livre se daria baseada no *conjunto de aspirações dos homens à procura de uma nova felicidade, relacionada com um novo dever, uma nova moral, uma nova política, uma nova cultura*.⁶

O lazer, para o sociólogo francês, não seria somente uma expressão da

⁴ FALEIROS, Maria Isabel Leme. Repensando o lazer, in *Perspectivas*, São Paulo, nº3, 1980, pp. 51-65. Não sendo lazer “puro”, era definida por Dumazedier como semi-lazer, hobby, ou até mesmo um trabalho para remuneração extra.

⁵ REQUIXA, Renato. *Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: Sesc, 1980.p. 35.

⁶ DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*, op. cit, p. 272.

“cultura popular”, mas também uma situação cultural realizada e realizável nos comportamentos e necessidades humanas. Por ser um fenômeno relacionado ao trabalho fabril e industrial, estaria também diretamente relacionado às cidades e, portanto, à urbanização. Devido às mudanças de ritmos dos centros urbanos, o lazer mostraria as novas necessidades humanas.⁷

Requixa ilustra melhor essa relação do lazer com a cidade e o modo de vida contemporâneo, ao dizer que *o lazer pode ser utilizado como elemento compensatório na deteriorização da qualidade de vida, especialmente nos grandes centros urbanos*, ou ainda, que *o lazer é produto do próprio processo de desenvolvimento industrial*⁸. Mas, com isso, segundo Faleiros, acabam por reduzir o lazer a determinadas atividades e não mais a uma dinâmica cultural.

Assim definidas, as atividades de lazer podem se referir aos seguintes interesses culturais:

FÍSICOS - Esportes coletivos e individuais, ginásticas, esportes radicais, excursões, trilhas, relaxamentos alternativos, musculação, caminhada, corrida, lutas, danças, enfim, atividades físicas em geral;

ARTÍSTICOS - Museu, biblioteca, cinema, teatro, quadra de escola de samba, manifestações folclóricas, shows e espetáculos musicais, pintura, canto, dança, habilidades com instrumentos musicais, representação teatral, artes de escrever; ou seja, atividades ligadas à estética e às linguagens corporais, escritas, visuais, etc;

MANUAIS - *Hobbies* em geral, manipulação de objetos e produtos, jardinagem, carpintaria, marcenaria, culinária, costura, etc;

INTELECTUAIS - Jogos intelectuais, xadrez, gamão, damas, *bridge*, palestras e cursos dissociados do trabalho;

SOCIAIS – Envolvimento de grupos e promoção da sociabilidade, festas, encontros em bares, restaurantes, parques, programas noturnos, passeios e atividades turísticas em geral.

⁷ Para o sociólogo, a “cultura popular” se confundiria com a cultura de massa e uma absorveria a outra, conseqüentemente o lazer “popular” também seria absorvido pela cultura de massa e até poderia ser entendido como a mesma coisa. DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*, op. cit.

⁸ REQUIXA, Renato. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1977. p. 82 e 92, respectivamente.

Nessa perspectiva, a vida urbana e moderna proporcionou novos recursos para o tempo livre, principalmente para atividades de massa, como a TV e o rádio, que eram de fácil acesso e operação, gerando assim, maiores possibilidades de recreação, comunicação, distração, diversão, entretenimento, etc; no entanto, nem sempre como uma possibilidade de lazer no conceito funcionalista. As atividades de lazer seriam, de alguma forma, um modo de melhorar a *qualidade de vida* e de *desenvolver a personalidade* do trabalhador explorado pelo sistema capitalista.

A tese de Dumazedier seria de que o lazer teria três funções, conhecidas hoje como os três “D”: 1) Descanso, 2) Diversão, 3) Desenvolvimento da personalidade, da sua formação e de informação, da sua participação social voluntária ou capacidade criadora. É esse terceiro “D” a novidade contemporânea explorada pelos funcionalistas: *desenvolvimento cultural e social da personalidade*. A leitura do lazer, agora, passaria a considerar a possibilidade do desenvolvimento da personalidade do praticante (obviamente segundo a leitura dominante no período), não mais unicamente uma ocupação do tempo livre para evitar que o indivíduo se marginalizasse; preocupando-se, também, com que tipo de atividade poderia estar integrando melhor esses indivíduos e não somente distraíndo-os. A intenção era a de melhorar a qualidade de vida, garantindo o bem-estar do trabalhador.⁹

Nessa visão bio-funcional, o lazer teria a função de recuperar os desgastes do trabalho e seria, portanto, necessariamente oposto a ele. A sociedade seria vista como um mecanismo harmônico, e a função do lazer seria a de manter a saúde física, mental e emocional do trabalhador, além de manter o equilíbrio do sistema de produção da sociedade capitalista uma vez que aquele retorna com mais disposição e produz mais. O lazer aqui faria parte de um mecanismo e funcionaria como um remédio para os males sociais, e seria sempre visto como algo bom, alegre, prazeroso e saudável em contraposição ao trabalho que seria algo ruim, cansativo, penoso, desgastante e doentio.¹⁰

⁹ Tínhamos definido no capítulo anterior que o lazer era constituído pelas atividades lúdicas, culturais e esportivas consideradas enriquecedoras produzidas pelas elites culturais com intenção de vigiar, controlar, moralizar as massas em seu tempo livre do trabalho.

¹⁰ PADILHA, Valquíria. *Tempo Livre e Capitalismo: Um Par Imperfeito*. Campinas: Ed. Alínea, 2000.

A visão funcionalista do lazer pode ser considerada dominante, apesar de estarem surgindo críticas e alternativas a ela. Essa leitura do lazer pode ser entendida de várias formas, segundo Marcellino¹¹. Dependendo de que aspecto o leitor dá ênfase, poderia ser:

Ênfase	Descrição	Exemplo de uso
<i>Romântica</i>	Quando a ênfase é dada aos valores das sociedades tradicionais ou quando se manifesta uma nostalgia em relação ao passado.	O ideal de muitos estudiosos do lazer que adotam essa linguagem, inclusive como uma saída para a complexidade da relação entre trabalho e lazer.
<i>Moralista</i>	Quando o lazer é visto como uma possibilidade de realização de atividades comprometedoras do ponto de vista da ordem social como atividade construtiva, benéfica para a tranquilidade moral da sociedade.	Atitude normalmente adotada por instituições sociais e governamentais.
<i>Compensatória</i>	Quando o lazer compensa a insatisfação ou alienação própria do trabalho.	Caso adotado por pessoas que têm um trabalho estressante e prolongado.
<i>Utilitarista</i>	Quando o lazer se resume à função de recuperação da força de trabalho ou quando sua utilização visa o desenvolvimento.	Atitude adotada pelas empresas que trouxeram para dentro do trabalho atividades esportivas.

Sistema da indústria cultural: uma crítica ao modelo burguês

Pretendemos aqui mostrar uma visão diferente e em diálogo com o sistema bio-funcional apresentado acima. A crítica adorniana ou a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt se referia ao modo de vida e ao pensamento burguês que, de certa forma, seria a síntese do sistema capitalista¹². Adorno também acreditava no ideal

¹¹ MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2002.

¹² No período a que estamos nos referindo neste capítulo, as atenções de Adorno e da Escola de Frankfurt estavam voltadas para a produção e não para o consumo dos produtos da indústria cultural. Para Escola de Frankfurt, as atividades de lazer, a arte e a cultura estavam sendo filtradas pela indústria cultural. Uma vez que a cultura estava se submetendo ao processo de produção, de mercado e aos mecanismos de troca, o que importava agora era a quantidade e não mais as diferenças, tradições culturais e qualidades. O valor de troca se tornava maior do que o valor de uso original dos bens. Assim, a indústria cultural produzia uma cultura de massa homogênea, desconsiderando a individualidade e a criatividade. FETHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e*

do lazer enquanto um *tempo livre para satisfação de interesses pessoais*. No entanto, ao olhar para a realidade, perceberia que isso não existia. Primeiramente porque o tempo livre não seria livre, e sim controlado pelo modo de produção capitalista; e em seguida, porque as atividades de lazer não seriam, verdadeiramente, uma liberdade ou distintas do trabalho, e sim preparatórias para o trabalho.¹³

O “tempo livre produtivo” de Adorno consistiria no privilégio de uma vida sem compromissos, qualitativamente distinta e mais gratificante, ainda assim, inseparável de seu oposto: o trabalho. Dessa forma, o tempo liberado tenderia ao seu contrário, fazendo dos homens escravos tanto do trabalho quanto do tempo livre. Ou seja, na leitura da realidade vigente, o autor acreditava que o tempo livre era tão alienante quanto o trabalho.¹⁴

Mas, o que Adorno chamava de *hobby*, e que podemos chamar aqui de lazer contemporâneo, parte da idéia de Marx de que a força de trabalho se transforma em mercadoria e, assim, o trabalho se converte em *coisa*. O ideal do lazer seria qualquer atividade que se entendesse como o contrário de toda *coisificação* ou mercadoria, ou seja, como *reserva de vida imediata* em um sistema global controlado por terceiros. No entanto, enquanto o limite entre trabalho e tempo livre estivesse fixo, até mesmo o lazer contemporâneo ou *hobby* (para manter a linguagem adorniana) se *coisificaria*. E essa *coisificação* da cultura e dos hábitos seria, então, a base da indústria cultural.¹⁵

O autor reconhecia que a norma de que tempo livre e trabalho eram duas coisas distintas, como viam os funcionalistas, e que essa norma estaria

Pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

¹³ ADORNO, Theodor. *Tiempo libre*, In *Consignas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973. Conferência divulgada pela *Radio de Alemania* em 25 de maio de 1969.

¹⁴ Essa visão apocalíptica da sociedade capitalista teria suas válvulas de escape caso o tempo livre fosse real para todos, então, as *ocupações fora do trabalho seriam parte da existência de cada indivíduo*, e o trabalho não seria a antítese do tempo livre, pois seria algo prazeroso. Essa realidade não existiria para todos, apenas para alguns privilegiados que poderiam escolher e organizar seu trabalho segundo suas próprias intenções. Esses poucos privilegiados desfrutariam então do ideal de lazer e trabalho adorniano. ADORNO, Theodor, op. cit.

¹⁵ Temos, então, os dois conceitos de tempo livre e lazer: um ideal e o outro real. O ideal é o que Adorno chama de *tempo livre produtivo*, esse tempo livre romântico no qual o indivíduo pode organizar seu tempo e trabalho livre e autonomamente, sendo tanto o hobby como o trabalho, prazerosos e partes iguais de sua existência. O real é esse que alimenta a indústria cultural.

impregnada, consciente e inconscientemente, em todos os aspectos da vida humana, pois, segundo a moral do trabalho vigente, o tempo livre teria a função de restaurar a força de trabalho, convertendo-se em extensão do trabalho.

Então, segundo o mesmo autor, o tempo livre diferia do trabalho e, simultaneamente, mas de modo discreto, melhorava o rendimento deste. Mas, de forma a não demonstrar essas intenções de controle e dominação, para que os indivíduos se sentissem livres e donos de si no tempo em que estivessem fora do trabalho.

A ideologia do lazer ilustrava a obrigação de uma ocupação do tempo livre, ditando que *a liberdade organizada é a liberdade obrigatória*¹⁶. Assim, a sociedade obrigava a ter previamente uma ocupação para o tempo livre, essa obrigação brotava da necessidade subjetiva já incorporada ao homem no sistema funcional. Mesmo os movimentos de protesto contra o convencionalismo burguês, como o camping, acabariam sendo industrializados e se tornando uma oportunidade de negócio, impondo aos homens o que desejam. Todo o fetichismo que prosperava no tempo livre estava sujeito a controles sociais suplementares. Estes controles e industrialização das atividades para o tempo livre faziam parte da indústria cultural.

Requixa fez a ressalva de que *Dumazedier reconhece as necessidades básicas como realmente impositivas*¹⁷, de modo que o lazer teria deixado de ser ociosidade para se tornar “moral da felicidade”. De acordo com Adorno, o lazer – funcionalista, utilitarista, compensatório e moralista – corresponderia à expressão da conduta burguesa frente ao trabalho. Assim, as ocupações não podiam cansar por demais e nem ir até altas horas da noite. Esse modo de entender o lazer predominava, mas não era o único, pois, o próprio Adorno reconheceu a existência de um grupo privilegiado que organizava seu próprio tempo desfrutando então do tempo livre produtivo, um grupo principalmente de intelectuais¹⁸.

¹⁶ ADORNO, Theodor, op. cit., p.57.

¹⁷ ANAIS do Seminário sobre Lazer: perspectiva para uma cidade que trabalha. São Paulo, 27 a 30 de outubro de 1969, Sesc/SEBES, p.13.

¹⁸ E esses privilegiados vivenciavam o lazer ideal adorniano, que acreditava que neste tempo livre era possível alcançar a felicidade e encher a vida de sentido; a atividade era exercida voluntariamente ou com devoção, e sem autocontroles, além de possuir em si a liberdade e a auto-

Esse ideal adorniano não se realizava na sociedade como um todo devido às amarras do sistema de produção e à indústria cultural, e qualquer atividade exercida fora do tempo de trabalho levava rapidamente ao tédio, ou pela própria insatisfação de suas “falsas” vontades, ou quando se terminasse de realizá-las. Isso acontecia com as pessoas dessa sociedade condicionada e cheia de rotinas. O tédio não existiria caso a conduta no tempo livre fosse autônoma e determinada pelos homens verdadeiramente livres, dispendo de si mesmos e de suas vidas.

Nessa leitura, o tédio se mostrava como a expressão social de que a sociedade estava deformada e precisando de ajustes. Na visão bio-funcional, a fadiga do trabalho foi o mesmo alarme. Assim, a solução seria a compensação do cansaço por meio de atividades diversas e, principalmente, do repouso. Para a teoria crítica adorniana a saída definitiva dessas amarras estaria somente na emancipação espiritual para então se chegar ao tempo livre produtivo, tempo esse impossível para os que estão dominados e condicionados ao modo de vida burguês; ou seja, somente quando o homem tomar consciência do sistema em que vive e o integrar ao tempo livre produtivo, ele será capaz de se auto-realizar e conhecer suas verdadeiras vontades.

Segundo Adorno, os indivíduos, estando adaptados à sociedade burguesa capitalista, logo perderiam a capacidade da fantasia essencial para o tempo livre produtivo, tratariam este como uma esmola e não um direito que lhe foi negado e suas diversões seriam as impostas pelos conservadoristas culturais a fim de reparar as forças e ordenar a sociedade, sendo assim, o tempo livre o adestramento para o trabalho. Por isso, o tempo livre da sociedade, em breve, não seria mais nem produtivo, nem criativo. *Essa necessidade de se ocupar com atividades supérfluas e desprovidas de sentido estaria integrada na sociedade como parte do jogo das necessidades sociais*¹⁹. Esse tempo livre significaria apenas a contraposição ao trabalho como o ideal de ocupação constante e uma projeção direta do trabalho, a começar pelo esporte condicionando o corpo à disciplina e à força.

realização.

¹⁹ ADORNO, Theodor, op. cit, p. 59.

O que Adorno chamava de indústria cultural seria esse meio de domínio e integração. Essa produção industrializada de desejos que regula o consumo, tanto no processo da vida material quanto da vida espiritual, principalmente onde se estivesse rodeado pelo material e pela indústria cultural; esse consumo regulado identificaria o estilo de vida de cada grupo. Assim, a *industria cultural e os consumidores se adequavam entre si*²⁰. Todavia, ainda assim não haveria plena integração da consciência e do tempo livre. Essa consciência, certamente, possibilitaria, para Adorno, a emancipação espiritual.

²⁰ Mas, anos mais tarde, o próprio Adorno duvidaria da validade dessa equação entre indústria cultural e consciência do consumidor, pois de fato, as pessoas consumiriam e aceitariam o que a indústria cultural oferecesse para o tempo livre, no entanto com uma certa reserva e crítica, pois a maioria não acreditaria inteiramente como real o que estaria sendo oferecido, veriam como se fosse uma peça de teatro ou um filme. Assim, Adorno, reconheceria mais tarde, a consciência dos homens sobre a indústria cultural, mas acreditaria que ainda não teríamos alcançado a maioria e integração total da consciência ao tempo livre para sermos, então, realmente livre. ADORNO, Theodor, op. cit., p. 62.

SESC EM SEU INÍCIO

Com o fim do totalitarismo e o estabelecimento da democracia, em 1945, tornou-se possível a realização – pelas lideranças empresariais do comércio, indústria e agricultura – a I Conferência das Classes Produtoras, em Teresópolis, na qual foi aprovada a Carta da Paz Social. O documento discutia os problemas relacionados à qualidade de vida dos trabalhadores urbanos e uma forma de participação política das classes produtoras para a formação de uma consciência empresarial.¹

De acordo com os documentos do Sesc, a carta deu forma a uma filosofia e ao conceito de “serviço social” custeado por empresários, segundo eles, uma iniciativa inédita na história e no mundo de conexão entre capital e trabalho². Essa carta foi decisiva para a criação dos serviços sociais oferecidos, a partir de 1946, para os industriários, comerciários e, posteriormente, agricultores também.

Não seria a toa que a carta se chamava da “paz social” pois havia nela a intenção e crença de que, como vimos anteriormente, somente as classes esclarecidas tinham condições de criar e estabelecer as atividades prudentes para as camadas desfavorecidas da cidade que representavam uma ameaça às classes dominantes. Mas tinha também a intenção de possibilitar a melhoria da qualidade de vida, o acesso à educação e à saúde, dos quais o Estado não dava conta, de democratizar e politizar a população para serem agentes transformadores, algo que já vinha sendo tentado por outras instituições como os parques infantis e a TV Cultura, por exemplo.

Assim, em junho de 1946, a Confederação Nacional da Indústria conseguiu o direito de criar o Serviço Social da Indústria (Sesi). Em menos de três meses, a Confederação Nacional do Comércio (CNC) entrou com o mesmo pedido junto ao presidente da república alegando que fosse atribuído a eles igual encargo para a criação de uma organização de serviço social em benefício dos empregados do comércio e respectivas famílias. Assim, em 13 de Setembro de 1946, nasceu o

¹ ANÁLISE dos atos normativos do Sesc que determinaram a ação no campo do lazer. Sesc/DN, 1979.

² SITE do Sesc Brasil, O Sesc, nossa história, visitado em novembro de 2004: www.sesc.com.br/main.asp?ViewID={8168325E-BE8D-4973-9280-57E680D0CB36}&u=u.

Serviço Social do Comércio – Sesc - sob direção, regulamentação e custeio da CNC, desde que aprovado pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

O então presidente da república, General Eurico Gaspar Dutra, utilizou-se do art.180 da Constituição, considerando que era dever do Estado *melhorar as condições de vida da coletividade* e, principalmente, *das classes menos favorecidas* por todos os meios possíveis e acreditando que o Sesc poderia contribuir para o

fortalecimento da solidariedade entre as classes, o bem-estar da coletividade comerciária, e, bem assim, para a defesa dos valores espirituais em que se fundam as tradições da nossa civilização

A finalidade primeira do Sesc era, segundo o artigo primeiro do Decreto-Lei nº 9.853:

*planejar e executar, direta ou indiretamente, medidas que contribuam para o bem-estar social e a melhoria do padrão de vida dos comerciários e suas famílias, e, bem assim, para o aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade. (...) Oferecendo assistência em relação aos problemas domésticos como nutrição, habitação, vestuário, saúde, educação e transporte, tomando providências na defesa do salário real dos comerciários, incentivando-o à atividade produtora e realizando atividades educativas e culturais para a valorização do homem, de pesquisas sociais e econômicas.*³

A contribuição financeira ficou estabelecida por meio do pagamento mensal de 2% do montante pago aos empregados pelos estabelecimentos comerciais ligados às entidades sindicais subordinadas à CNC além dos empregadores com empregados segurados pelo Instituto de Aposentadoria e Pensionistas dos Comerciários (IAPC)⁴. Tal financiamento já ocorria naturalmente para as classes favorecidas através dos mecenas, bancários, industriais, em benefício de seus próprios interesses culturais. O Sesc, diferentemente do IAPC que prestava

³ Decreto lei nº 9.853 de 13 de Setembro de 1945. SITE do Sesc Brasil, o Sesc, estrutura, criação. Visitado em novembro de 2004: <http://www.sesc.com.br/main.asp?TeamID=&ViewID={0E4EF841-0848-459A-BC2A-F7C917C6EBD8}¶ms=itemID={B8F4AB53-0D74-46EA-8B25-9A071138F66E}&ServiceInstUID={99735A3A-42D5-4AA8-BC90-13DD2B0CFB83}&u=u>.

⁴ Reduzido em 1966 para 1,5%, adendo do Decreto-Lei 9.853, op. cit.

previdência aos comerciários, se comprometia a prestar assistência social⁵.

Assim, a partir de 1947, passava a ter nas Linhas Gerais de Ação do Sesc, além da intenção da defesa do salário real para aumento da capacidade aquisitiva, a prioridade na assistência à saúde onde havia a maior necessidade. Essa atenção se dava, principalmente em relação à tuberculose, maior causa de morte no período (inclusive entre os ricos, como Cicillo Matarazzo, citado anteriormente que viveu por anos com a doença). Mas o comerciário era prejudicado devido às condições de vida e habitação nesse período pois viviam aglomerados em cortiços sem saneamento básico. Outro campo de ação do assistencialismo voltava-se à maternidade, odontologia, nutrição e educação sanitária como medicina preventiva.⁶

O Conselho Regional do Sesc São Paulo, presidido por Basílio Machado Neto, instalava-se em uma sede provisória cedida pela Associação Comercial de São Paulo no viaduto Boa Vista, em outubro de 1946, mas logo no início do ano de 1947 teria sua sede própria na rua Florêncio de Abreu*, onde funcionava também a clínica odontológica e assistência médica⁷. No mesmo ano, inaugurava também: Centro Social “Bento Pires de Campos”, na rua Celso Garcia, no Tatuapé*; as unidades “Horácio de Melo”, na rua Fausto Ferraz, na Bela Vista e, “Mário França Azevedo”** primeiramente situada na rua Voluntários da Pátria*, em Santana, perpendicular ao seu segundo endereçamento na rua Conselheiro Saraiva; Restaurante do Comércio “Alcântara Machado”**, na rua Asdrúbal Nascimento, no centro (também encontrado em documentos do Sesc como situado na rua Riachuelo, que faz esquina com a anterior) com capacidade para servir 1.800 refeições por dia, e logo seria ampliado*. Outro restaurante abriu na rua do Carmo, em 1960, o qual se tornou, mais tarde, a unidade operacional

⁵ PLANO geral de ação. Sesc/DN, 1953.

⁶ ANÁLISE dos atos normativos do Sesc que determinaram a ação no campo do lazer, op. cit

* SITE do Sesc São Paulo, quem somos, história, 1947, história do Sesc. Visitado em janeiro de 2005: <http://www.sescsp.org.br/sesc/sos/index.cfm?forget=14>.

⁷ Conhecida hoje como, unidade Sesc Odontologia, por se ater apenas às atividades de odontologia, tanto de manutenção, como de prevenção e orientação, com capacidade de 500 atendimentos por dia, em 2.844 m². SITE do Sesc São Paulo, quem somos, unidades, odontologia, op. cit.

** RELATÓRIO anual de 1954. Sesc/SP, 1955.

conhecida hoje por Sesc Carmo⁸.

Nos primeiros cinco anos, de acordo com os documentos, o Sesc manteve um estudo permanente de questões imediatas no qual os problemas a serem atendidos eram levantados pela própria classe comerciária, criando o movimento Ação Ativa junto às comunidades dos bairros onde atuavam associados ao governo municipal e estadual, visando a educação de adultos comerciários (para aquisição de direitos políticos não concedidos a analfabetos na época⁹), trabalhos comunitários, e promoção de atividades esportivas e culturais; essas ações realizadas junto com o governo eram abertas à comunidade em geral, assumindo, assim, um caráter supletivo à ação oficial.

Ainda no mesmo documento, relata-se que as atividades de recreação e cultura eram realizadas em associação com outras entidades e órgãos oficiais. Neste período, 70% dos recursos do Sesc eram destinados aos serviços médicos. Mas, a partir de 1949, o IAPC criou o Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (SAMDU) assumindo boa parte dos serviços médicos e possibilitando abertura do orçamento do Sesc para a criação de centros de lazer como clubes e colônias de férias, com as primeiras atividades, em 1948¹⁰, na colônia de férias “Ruy Fonseca”¹¹, em Bertiooga.

De acordo com os dados históricos do site do Sesc São Paulo, a partir de 1949, o Sesc passaria a organizar departamentos esportivos de estímulo à atividade física e esportiva, tendo sido realizada a I Olimpíada do Comércio neste mesmo ano. Na esfera do teatro, os incentivos vinham com distribuição de ingressos para trabalhadores do comércio terem a oportunidade de freqüentarem os teatros da cidade. Este foi também o ano do primeiro show musical do Sesc em São Paulo realizado no Conservatório Dramático e Musical. E com isso passaram a serem organizados festivais com piano, violão, canto, balé e shows. O apoio à música resultou no Coral do Comerciário, que se apresentava no Teatro Cultura

⁸ Com capacidade de 3.500 refeições por dia no restaurante, e com aproximadamente 4.200 m² para demais atividades. SITE do Sesc São Paulo, quem somos, unidades, Carmo, op. cit.

⁹ Movimento considerado pelo Sesc como fracassado devido à falta de consciência política e cidadã. ANÁLISE dos atos normativos do Sesc que determinaram a ação no campo do lazer, op. cit.

¹⁰ SITE do Sesc/SP, quem somos, história, 1947, história do Sesc, op. cit.

¹¹ PLANO geral de ação, op. cit.

Artística e em diversos cursos de música com resultados transmitidos na Rádio Difusora, obtendo grande sucesso. A entidade também produzia o jornal *Sesc em marcha*, com tiragem de 10 mil exemplares.

Com a mudança de atuação de assistencialismo à saúde, agora sob responsabilidade do IAPC e SAMDU, para um serviço social voltado à cultura, foi necessário estabelecer um Plano Geral de Ação do Sesc organizado pela I Convenção Nacional de Técnicos, que ocorreu em Bertioga, em 1953, tendo sido aprimorada e reafirmada na segunda (1956) e na terceira convenção (1961), estabelecendo, assim, uma orientação educacional com as seguintes recomendações:

a) prática sistemática do Serviço Social de Casos junto aos serviços assistenciais mantidos pelo Sesc;

b) conveniência do desenvolvimento das atividades de grupo;

c) preferência para a criação e desenvolvimento de obras recreativas, assosiativas e culturais das atividades que admitam planejamento a longo prazo;

d) adoção de critérios sistemáticos de remuneração para os serviços prestados, de forma a evitar a gratuidade, como regra;

*e) articulação da Administração Nacional com a direção das entidades que prestam serviços assistenciais aos comerciários das atividades com objetivo de evitar paralelismos de serviços.*¹²

O Serviço Social de Casos (SSC) *eram atividades que constituíam formas simples de tratamento social, não havendo aplicação técnica mais desenvolvida que visasse o estudo da personalidade do assistido e que auxiliasse a vencer dificuldades de origem psicológicas.*¹³

As atividades de grupo ou *atividades associativas* foram os primórdios do programa de lazer desenvolvido no Sesc, em 1964. Nos primeiros cinco anos, essas atividades tinham pouco alcance e eram de caráter psicossomático. Somente depois de 1951, ganhariam um caráter educativo, mas ainda não

¹² Idem, p. 2.

¹³ Idem, p. 3.

inteiramente definidas como lazer.¹⁴

As atividades de grupo contavam eram organizadas pela Divisão de Recreação e Cultura como: cursos, colônia de férias, centro campestre “Basílio Machado Neto”, veraneios, excursões, sessões de cinema, bailes, shows, convescote, piquenique, distribuição de roupas, festas de Natal; atividades educacionais e culturais como: teatro, biblioteca, cursos, competições esportivas (futebol, cestobol – como era chamado o basquete –, voleibol, pingue-pongue), discoteca; e associativas: com os centros sociais “Mário França Azevedo”, “Bento Pires de Campos”, “Horácio de Melo” e “Carlos de Souza Nazareth” (avenida Francisco Matarazzo) e clubes.¹⁵

Nas atividades educacionais em grupo pretendia-se desenvolver a sociabilidade, as qualidades morais e intelectuais, as aptidões práticas, o fortalecimento do caráter e o enriquecimento da vida do trabalhador do comércio. O Serviço Social tinha a função de prestar auxílio e supervisão técnica para essas atividades, que deveriam ser, preferencialmente, espontâneas. Para os filhos dos comerciários existia, desde o jardim da infância, centro infantil ou juvenil, escola de artes, escotismo, bandeirantismo, clube de menores comerciários, clube de moças comerciárias, além de palestras, círculos de estudos ou cursos de preparação para o casamento e a vida do lar. Para os adultos: associação de pais, clube de donas de casa, economia doméstica, clubes de caça e pesca, esportes, música, biblioteca e cultura, boletim ou jornal do comerciário e atividades de férias. O Sesc trabalhava com os grupos de interesses assim definidos: teatro, música, dança, cinema, artes plásticas e fotografia; anos mais tarde acrescentaria a literatura e as novas mídias digitais, constituindo então a área cultural.¹⁶

Os depoimentos sobre eficácia dos serviços sociais de grupo, de acordo com uma pesquisa realizada em 1966, variavam muito. Alguns mostram os resultados obtidos:

¹⁴ ORIGENS e implantação do programa de lazer no Sesc. Sesc/DN – CEI/SEP, 1982.

¹⁵ PLANO geral de ação, op. cit.

¹⁶ Idem, p. 5-6.

*As técnicas do serviço social tem ajudado muito na mudança de mentalidade e da grande maioria dos membros.*¹⁷

Outros mostram a eficácia do controle e disciplina da personalidade de membros que eram desviantes:

*Sim, porque os elementos que participam dos nossos grupos, pertenciam antes a grupos de “esquina”, pequenos clubes e outras organizações dirigidas por leigos (ou eles próprios) e pouco ou nenhum foi o desenvolvimento individual ou cotelivo.*¹⁸

*As técnicas do ssg (serviço social de grupo) são efetivas porque vêm de encontro às necessidades do ser humano de viver em grupo. Os membros de grupos são inseguros e não sabem como se organizar e como realizar suas atividades.*¹⁹

No entanto, outros questionam a técnica e os técnicos que a aplicam:

*Em parte, pois o trabalho educativo é lento, exige grande esforço para atingir o resultado desejado.*²⁰

*Tenho dúvidas. Acho as técnicas do ssg ainda muito fragmentadas. Não nos é possível dizer, com certeza, se o sucesso é da técnica ou de quem a aplica.*²¹

Outros ainda, questionam as dificuldades dos assistentes sociais de implantá-las:

*De maneira que vem sendo aplicadas, as técnicas de serviço social não são eficazes. Há necessidade de formação profissional mais cuidadosa. Além disso, o assistente social, isoladamente, não pode atender a todas as necessidades com que se defronta.*²²

Mas, mesmo assim, havia um interesse muito grande no funcionamento do serviço social de grupo por parte dos freqüentadores, de melhoria e de uma base científica maior. Em suma, bem ou mal, o serviço social estava agindo, ampliando seus conhecimentos e suas técnicas.

¹⁷ MOTTA, Edith Magalhães. Alguns aspectos do serviço social de grupo no Brasil. Sesc/DN – DEP/SEP, 1968, p. 147. Relatos anônimos.

¹⁸ Idem, p. 175.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Idem, p. 176

²¹ Idem, p. 177

²² Ibidem.

De acordo com as recomendações iniciais do Plano Geral de Ação, o Sesc deveria criar novas fontes de renda: primeiramente, abriu 20% da sua atuação para não-comerciários e entidades similares, os quais deveriam pagar a anuidade para ter acesso ao Sesc; depois, gradualmente, passou alguns serviços e atividades, até então gratuitos, para baixo custo, deixando a gratuidade para uma parcela menor das atividades. Mas, ainda assim, essa gratuidade deve ser questionada e referida como sem custo adicional, uma vez que ela já era custeada pela contribuição financeira à CNC. A renda agora estava destinada mais para as atividades em grupo, e menos para a saúde, evitando um serviço paralelo com o do IAPC. Assim, no âmbito nacional, as atividades de grupo que, em 1948, representavam 9,22% das atividades realizadas no Sesc, chegariam, em 1964, a tomar 48,88% das atenções; as de saúde que representavam 41,36% terminariam o período reduzidas à 23,01%; e as atividades de caso, ou seja, individuais, também diminuiriam de 49,42% para 28,11%.²³

No ano do IV Centenário, o Sesc da cidade de São Paulo possuía 7.557 comerciários e 11.342 dependentes matriculados – ainda restrito para os comerciários e dependentes. Contou com nove caravanas para visitar o Parque Ibirapuera levando 403 pessoas. Possibilitou a apreciação de 11 espetáculos, dentre os quais o Circo Piolim, o Teatro Santana, Teatro Leopoldo Froes, Teatro Colombo, Museu de Arte, Teatro Nicete Bruno e Teatro Alumínio, com 8.261 atendimentos na capital. Nas sessões cinematográficas foram 29.412 pessoas em 172 filmes na capital e no interior, 116.630 pessoas em 292 sessões, seguindo as tendências e hábitos culturais de todas as camadas sociais em termos de disponibilidade e apreciação desse universo cultural e utilizando os estabelecimentos da cidade. O Sesc possuía também o seu teatro amador que fazia três apresentações na capital e uma em Santos, neste mesmo ano, além de diversas atividades cívicas e sociais, em homenagem ao aniversário da cidade.²⁴

De acordo com o Sesc a mística desenvolvimentista do período era que a aliança entre várias classes sociais (empresariado nacional, camadas médias e

²³ ORIGENS e implantação do programa de lazer no Sesc, op. cit.

²⁴ RELATÓRIO anual de 1954, op. cit.

setores populares), possibilitaria a ascensão das classes populares através da atuação política junto com a sociedade civil.²⁵

*A ascensão das classes populares na década de 1950 e 1960, decorre essencialmente da tentativa do grupo no poder de inauguração de um novo sistema de domínio, baseado não exclusivamente na sociedade política, mas também, na sociedade civil.*²⁶

Nos anos 60, o Sesc assume um caráter progressista paralelo aos planos do governo, no qual as atividades assumem um caráter de educação social, deixando a recuperação psicossomática em segundo plano²⁷. A intenção da entidade era de elevar a consciência das massas utilizando-se da mobilização popular e procedimentos sociais e culturais para assim saírem dos movimentos populares para os movimentos de educação de base²⁸.

Segundo Requiza, a visão funcionalista queria que se investisse mais no desenvolvimento da personalidade, o lazer tinha esse papel de facilitador da participação social e integração no grupo, possibilitando o crescimento individual para mais conteúdo e mais criatividade, motivando para mais estudos, mais conhecimento, mais educação, mais participação para aumentar, assim, o progresso.²⁹

Percebe-se aqui a nítida semelhança com o sistema bio-funcional dissertado no início do capítulo: a tentativa principal era de incluir os comerciários no sistema capitalista, apoiando-se também num discurso progressista, de acordo com o qual, era necessário elevar a consciência dos comerciários para patamares considerados mais elevados, pois as classes produtoras, fazendo parte das elites e em complementaridade à ação oficial do país, deveriam criar condições para a paz social entre todas as camadas sociais.

²⁵ ANÁLISE dos atos normativos do Sesc que determinaram a ação no campo do lazer, op. cit., e ORIGENS e implantação do programa de lazer no Sesc, op. cit.

²⁶ ANÁLISE dos atos normativos do Sesc que determinaram a ação no campo do lazer, op. cit, p. 9.

²⁷ ORIGENS e implantação do programa de lazer no Sesc, op. cit.

²⁸ ANÁLISE dos atos normativos do Sesc que determinaram a ação no campo do lazer, op. cit.

²⁹ ANAIS do Seminário sobre Lazer: perspectiva para uma cidade que trabalha. São Paulo, 27 a 30 de outubro de 1969, Sesc/SEBES .

*Todas as atividades do Sesc devem ser entendidas como instrumentos capazes de provocar um processo educativo integral (educação social e democrática). (...) bem-estar, qualquer que seja a formulação que assuma, exige sempre, para existir, que se identifiquem com aquelas consideradas indispensáveis à existência do homem numa sociedade como a nossa (necessidade material e cultural). Atingir um nível de vida compatível com a dignidade humana, eis o fim derradeiro.*³⁰

O indivíduo deveria ter em conta a necessidade do avanço de sua consciência social:

*Tal se origina da concepção do homem enquanto ser livre, capaz de atuar no seu meio para modificá-lo e fazê-lo progredir, responsável não só pelo seu destino individual como também pela sua comunidade e sociedade, com direitos iguais aos seus semelhantes, com sua liberdade limitada pela liberdade do próximo e com seu bem-estar individual subordinado ao direito de todos ao mesmo bem-estar.*³¹

A intenção do Sesc, de acordo com o mesmo documento, era a de que suas atividades funcionassem como instrumentos para uma educação social informal para posteriormente se alcançar uma educação integral como fim maior. Uma educação progressiva na tentativa de deslocar a consciência e as capacidades das “classes populares”. Para isso, o primeiro passo seria o indivíduo se transformar em um agente ativo, transformador e consciente, através de atividades em grupo, com condições de programas intensos, não passivas, receptivas ou beneficentes.

Esse primeiro período de consolidação do Sesc marcaria seu caráter assistencial e supletivo à ação oficial voltado primeiramente para a saúde e, logo em seguida, para a educação e acompanhamento dos movimentos culturais e de lazer efervescentes em toda a cidade. Entre 1960 e 1963, mantinha setores voltados especialmente para a infância e para a terceira idade, e grêmios de funcionários que atuavam junto às empresas. A partir de 1969, tema do próximo capítulo, sua atuação privilegiará o lazer e terá uma outra leitura sobre educação, baseada nas concepções do educador francês Pierre Furter, e sob orientação de Joffre Dumazedier.

³⁰ ANÁLISE dos atos normativos do Sesc que determinaram a ação no campo do lazer, op. cit, p. 10.

³¹ Idem, p. 11.

3. POPULARIZAÇÃO DO LAZER

O terceiro capítulo refere-se ao período militar no Brasil, de 1964 a 1984, quando ocorreu a industrialização do entretenimento e da cultura e, com ela, a popularização do lazer. Consolida-se, então, como mercado de bens simbólicos: a comunicação, a TV e o rádio (presentes em quase todos os lares); as técnicas e tecnologias em grande desenvolvimento¹; e, no Sesc, o campo do lazer torna-se prioritário².

A parcela da classe média, denominada de intermediários culturais no capítulo anterior, entra agora no jogo mais qualificada como novos intermediários culturais, portando ensino superior e especializando-se no mercado de serviços, produção e comercialização de bens simbólicos diretamente ligados aos meios de comunicação em massa. Na expressão de Featherstone a, até então, *classe produtora*, transforma-se em *classe cultural*.

A aposta no desenvolvimento da personalidade do sistema bio-funcional traz mais uma possibilidade de leitura do lazer contemporâneo: o desenvolvimento cultural. Assim, o desenvolvimento cultural é introduzido no campo do lazer. Para a leitura sobre o desenvolvimento cultural utilizaremos dois nomes: o pedagogo francês Pierre Furter – dando a base para as *Diretrizes gerais de ação do Sesc*, a partir de 1964 –; e o historiador e filósofo italiano, chefe de uma das unidades da UNESCO nos anos 80, Ettore Gelpi. Esse esteve no Brasil, a pedido do Sesc, para ministrar o curso sobre *Lazer e educação permanente*.

Nesse momento, o Brasil, embora situado na periferia do sistema, tinha condições de participar do dinamismo de crescimento e de desenvolvimento das economias capitalistas centrais – mesmo que de modo dependente, subdesenvolvido e imperializado –, possibilitando assim uma economia capitalista³. Com isso, a capital paulista começa a desenvolver políticas para o lazer. O Sesc, nesta segunda fase de sua existência, terá suas ações voltadas

¹ ORTIZ, Renato. O mercado de bens simbólicos, in *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1991, 3ª ed.

² ANÁLISE dos atos normativos do Sesc que determinaram a ação no campo do lazer. Sesc/DN, 1979.

³ FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

para a educação em grupo com atividades de lazer e a inauguração do Sesc Pompéia – um marco histórico, tanto para a entidade, como para a cidade e sua cultura do lazer, por ser a concretização espacial de toda a filosofia e intenção da instituição.

SÃO PAULO PARA O LAZER

Apesar do Brasil ser um país em desenvolvimento, existe, especialmente nas zonas urbanas industriais, uma prosperidade material, uma grande escolha de bens de consumo e uma real disponibilidade de tempo livre.¹

Devido a suas vantagens geográficas, à sua infra-estrutura e à imaginação, a cidade se tornou o centro industrial e comercial do país, e mais: seu principal foco de inovação cultural e artística.²

Políticas para o lazer

Os movimentos mundiais, as novas políticas federais e municipais começavam a modificar o clima sobre o lazer no mundo todo, trazendo mudanças nos pensamentos e, inclusive, nas ações na cidade. Falava-se de lazer nos meios de comunicação, nos encontros culturais, políticos, médicos, em projetos arquitetônicos, entidades sindicais e de assistência ao trabalhador, com preocupação em defini-lo e ampliá-lo não sendo visto apenas como diversão e evasão, mas ao mesmo tempo como cultura e educação. Ao mesmo tempo, havia um aumento da jornada de trabalho com as horas extras, ou segundo trabalho, na tentativa de aumentar a renda familiar. Técnicos e cientistas sociais, ligados ao Sesc, falavam em uma “civilização do lazer”.³

No âmbito federal, o Decreto do governo nº 67.227, de 1970, teria no item II, o seguinte compromisso, segundo Sant’Anna: *o governo se comprometeria a ceder empréstimos financeiros às entidades sindicais para a construção, reforma, ampliação ou aquisição de sedes, escolas, colônias de férias, campos de esporte, clubes recreativos (..) e incentivos á realização de atividades culturais, recreativas e cívicas.*⁴

¹ GELPI, Ettore. *Lazer e educação permanente: tempos, espaços, políticas e atividades de educação permanente e do lazer*. São Paulo: Sesc/SP, 1983, p. 125.

² BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. São Paulo: Edusp, 1994, p. 33.

³ SANT’ANNA, Denise. *O Prazer Justificado: Lazer em São Paulo (1969/1979)*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1988.

⁴ Idem, p. 36.

Esse decreto, de acordo com a historiadora, colocava o lazer como eixo de tensão e articulação entre sindicatos e o governo federal, ampliando o papel dos sindicatos para além de mediadores de serviços médicos e assistenciais e de distribuição de bolsas de estudos. Os sindicatos começavam a usar os cursos, conferências e atividades de entretenimento para trazer os trabalhadores à ação sindical.

Mas, o governo impôs aos sindicatos, em 1976, com o Decreto-Lei nº 6.386, que parte da receita arrecadada fosse utilizada em atividades assistencialistas vinculadas aos interesses do governo, como a ampliação ou criação de bibliotecas, congressos, conferências, colônias de férias e centros recreativos com finalidade esportiva e social; reformulando, assim, as condições e o conteúdo das atividades sindicais devido às novas exigências político-econômicas, diminuindo o caráter reivindicativo dos sindicatos e acentuando o assistencial e recreativo, ação que há trinta anos já vinha sendo desenvolvida pelo Sesc e Sesi.⁵

São Paulo representava então a modernidade dos trópicos. No entanto, segundo Willi Bolle, nos anos 70/80, percebia-se que o processo de modernização estava inacabado e começava a mostrar as faces do “pós-modernismo”: pobreza, miséria, violência, degradação humana, ausência de esperança, ou esperança de emancipação política e social. A década de 70, do mesmo modo, foi marcada pelas instituições privadas e setores da administração paulista buscando conhecer os usos do tempo livre da população para produzir técnicas e instrumentos para administrar esses usos e, transformando o lazer em disciplina racional e científica, tornando-o politizado, além de incorporá-lo em setores sociais diferentes.⁶

Em 1974, ocorreu, em Curitiba, o I Seminário Nacional do Lazer e, no ano seguinte, o I Encontro Nacional do Lazer, com Joffre Dumazedier criando uma leva de seguidores⁷. No âmbito mundial, o lazer passava a ser considerado como um direito de todos, após o Congresso para uma Carta do Lazer, de 1976, em

⁵ O decreto-lei pode ser lido na íntegra no site da Previdência Social, visitado em maio de 2005: <http://www81.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1976/6386.htm>

⁶ BOLLE, Willi. A metrópole, in *Fisiognomia da metrópole moderna*, op.cit, p. 365-400.

⁷ SANT'ANNA, Denise, op. cit.

Bruxelas, do qual o Brasil também participou. Nesta carta, as atividades de lazer ficaram assim definidas no artigo 2:⁸

são precisamente caracterizadas pelo tempo durante a qual o homem é capaz de realizar-se, de acordo com suas aspirações pessoais e expressar suas identidades de maneira criativa

Além de que, no artigo 3, a existência do tempo livre tem o objetivo comum para qualquer padrão social

a salvaguarda e a promoção do desenvolvimento físico e mental, mantendo e estimulando o contato com a natureza e a cultura, intensificando a vida social e comunitária, encorajando o comprometimento, a participação voluntária, o espírito esportivo, a apreciação do turismo como um componente de auto-realização e a compreensão entre países

Tanta importância era dada ao lazer que se atribuía aos poderes públicos, a família, a escola, os educadores, os meios de comunicação, os grupos políticos, sociais, culturais e religiosos e, igualmente os cidadãos a responsabilidade de: iniciar a criança numa atividade lúdica e ativa de lazer; de uma democracia participativa e; evitar a exploração das atividades de lazer que conduzam a falsas necessidades e formas de recreação incompatível com a liberdade criadora e a dignidade humana.⁹

Indústrias culturais e equipamentos de lazer

Os dados de 1968 mostram que a cidade era equipada com pelo menos: 15 bibliotecas, 107 parques infantis, 23 unidades infanto-juvenis, 15 centros juvenis noturnos, 3,6 poltronas de cinema para cada 100 habitantes; 63% das residências possuíam televisão e 90% rádio; havia quatro teatros oficiais, um estádio municipal capaz de atender 4,6% da população, 400 clubes de futebol amador; 280 campos de futebol; 5 clubes profissionais com 300 mil associados,

⁸ A Carta do Lazer in *Cadernos de Lazer*. São Paulo: Sesc, jun/1976, nº1, p. 9-10.

⁹ Apesar de o dado sobre o ano do seminário ser de 1976, o Sesc possui os Anais do Seminário sobre Lazer com a data de 1969.

3.260 espaços livres sendo 210 tratados; e a área verde somava 4,8m²/habitante.¹⁰

O período militar, de 1964 a 1984, foi o momento de consolidação das indústrias culturais: editorial, cinematográfica, fonográfica, televisiva, publicitária, radiofônica; marcando a consolidação do mercado de bens culturais e simbólicos, tendo a televisão como veículo de massa e o cinema nacional como indústria, segundo Renato Ortiz. O país começou a se modernizar também no campo da comunicação com: a EMBRATEL (e sua política modernizadora de telecomunicação), o incentivo do governo para a fabricação de papel e importação de maquinário para edição, o Ministério da Comunicação e, o sistema de microondas de rádio e TV ligando todo o território nacional. O Estado autoritário passa a atuar junto às esferas culturais, incentivando novas instituições e uma política da cultura. Surgindo no período o Conselho Federal da Cultura, Instituto Nacional do Cinema, EMBRAFILME, FUNARTE, Pró-memória.¹¹

Com isso, de acordo com o mesmo autor, estava montado o sistema para funcionamento da indústria cultural e a transformação econômica, período conhecido por “segunda revolução industrial” no Brasil. A união do Estado com o poder empresarial da comunicação, além de promover a integração nacional, promoveu a integração política e de mercado, incrementando o consumo de massa e desenvolvimento de um mercado interno. A censura se dava quando o produto apresentado pudesse prejudicar os interesses do Estado e/ou do empresariado, era repressiva e disciplinadora por incentivar formas de expressão cultural e selecionar pensamentos e obras artística: reprimia as peças teatrais, filmes, livros, mas não ao teatro, cinema, ou indústria editorial.

Nesse período, as publicações começavam a pensar sobre a estética da sociedade de massa, a partir de traduções de Theodor Adorno e Walter Benjamin. A cultura cinematográfica atingiu seu auge, embora viesse a declinar nos anos 80 devido à competição com outros meios de comunicação como a TV a cabo, videogame, computador, internet, etc. O mercado fonográfico teve sua arrancada

¹⁰ ANAIS do Seminário sobre Lazer: perspectiva para uma cidade que trabalha. São Paulo, 27 a 30 de outubro de 1969, Sesc/SEBES.

¹¹ ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, 3ª ed.

nos anos 70 com a facilidade de aquisição de eletrodomésticos como: toca-disco, a fita cassete, além do uso do cassete em automóveis e no lazer fora de casa, integrando-se ao hábito do consumidor, passando a ser o veículo de maior penetração social. Devido ao deslocamento da verba publicitária para a televisão, de acordo com Ortiz, as rádios especializaram-se em responder às demandas de mercados com faixas econômicas diferentes e gostos diferentes. E assim, o que melhor caracterizou a consolidação da indústria cultural no Brasil foi o desenvolvimento da televisão. Em 1969, o Estado permitiu a transmissão em rede, conseqüentemente veio a transmissão simultânea e a idéia de vender cultura brasileira, criando um mercado mais racional uma nova integração de consumidores, superando o mercado cinematográfico. A novela como nova lógica da produção empresarial acabou com os gêneros dramáticos dos anos 50.

*A implantação de uma indústria cultural modifica o padrão de relacionamento com a cultura, uma vez que definitivamente ela passa a ser concebida como investimento comercial*¹²

Quanto ao teatro, a maioria das vezes de custo mais elevado, era perceptível a retração na sua procura. Segundo Tânia Álvares, mantendo um banco de dados dos freqüentadores de 23.586 cadastrados, em São Paulo, em 1978, 3% da população freqüentava o teatro. Desses freqüentadores, 49,2% eram profissionais liberais; 24,7% estudantes; 16,7% comerciários e industriários; 0,5% servidores públicos; 0,5% forças armadas¹³. O importante aqui é salientar o número de comerciários e industriários que freqüentavam o teatro, pois o Sesc e o SESI incentivavam sua clientela para tal atividade com teatros em suas dependências e distribuindo ingressos para peças nos teatros da cidade.

Em termos de espaços públicos foi um período significativo, pois contou com a recuperação do Parque Trianon, a inauguração de 14 novos parques na capital e um parque na grande São Paulo, o Cemucam (Centro Municipal de Campismo), na Granja Viana, região de Cotia, com atividades educativas. Os demais somavam espaços de área verde para a cidade e eram equipados para

¹² Idem, p. 144.

¹³ ALVARES, Tânia Nogueira. O público de teatro em São Paulo, in *Caderno do lazer* nº4, op. cit.

atividades físicas, esportivas, de diversão para crianças, e de descanso¹⁴. Os parques se voltavam agora mais para as atividades físicas, esportivas e de descanso; anteriormente, como vimos, eles eram bastante utilizados para atividades musicais, artísticas, artes cênicas, e nos parques infantis, atividades educativas.

¹⁴ Parques inaugurados: Alfredo Volpi (antigo Parque Morumbi), Guarapiranga, do Carmo, do Piqueri, Anhangüera, Vila dos Remédios, Previdência, Nabuco, São Domingos, Raposo Tavares, Lina e Paulo Raia (antigo Conceição), Rodrigo de Gásperi (antigo Parque Pirituba) e, Ecológico do Tietê. Como caminhada, bicicleta, ginásticas, quadras e campos poliesportivos, playground, a maioria deles com lagos e/ou quiosques, e alguns com churrasqueiras. SITE do Sesc São Paulo, hot site, andar e pedalar, parques, visitado em novembro de 2004: www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/andarepedalar/trilhas_rotatorios_parques.htm.

SISTEMA DO LAZER EDUCATIVO

Como era dever dos esclarecidos garantir a paz social, pedagogos - pertencentes à classe cultural - desenvolveram um sistema político-pedagógico de ação por meio do lazer como uma nova forma de adquirir riquezas culturais. Partiam do princípio de que os rumos da educação em países em desenvolvimento não possibilitava uma vivência para o lazer nem, tão pouco, para o conhecimento, a experiência e a oportunidade de melhoria da qualidade de vida dos indivíduos da classe popular. Assim, organizaram o projeto de *educação permanente* ou *desenvolvimento cultural* ¹.

Na ocasião, a produção, a transmissão e a disseminação do conhecimento e da cultura não estavam mais exclusivamente nas mãos de antigos dominantes. A *classe cultural* era capaz de interpretar os sinais e de formar platéias e opiniões. Portanto, o lazer - até então composto pelo ócio (das camadas privilegiadas); pelas atividades organizadas de interesse (artístico, físico, manual, social e turístico); pelas atividades de entretenimento, recreação, diversão e distração - recebia agora um projeto educativo.

Nessa visão de integração entre educação e entretenimento, educadores como Pierre Furter e Ettore Gelpi desenvolveram uma pedagogia partindo do desenrolar do sistema bio-funcional, dando ênfase para o terceiro “D” de Dumazedier: o desenvolvimento da personalidade, ou seja, *desenvolver sua informação ou formação desinteressada, da sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora*.² O desenvolvimento cultural, assim resumido, foi incorporado nos estudos sobre educação permanente passando a ter importância para a política educacional assumida pelo Sesc neste período³.

O desenvolvimento cultural é um conjunto de intervenções culturais, sucessivas e contínuas que provocarão uma modificação – considerada positiva pelos responsáveis da vida nacional – do universo simbólico que abrange tanto os interesses, as

¹ FURTER, Pierre. *Educação permanente e o desenvolvimento cultural*. Petrópolis: Vozes, 1974.

² DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Ed. Perspectiva, Coleção Debates, 1976, p. 34.

³ ANÁLISE dos atos normativos do Sesc que determinaram a ação no campo do lazer. Sesc/DN, 1979.

*representações quanto os valores das diversas populações da nação, a fim de transformar em riqueza e recursos mentais e físicos dos homens disponíveis.*⁴

Para Furter, a população deveria saber e poder expressar suas necessidades e aspirações. Isso poderia ser conquistado por meio de uma educação permanente assumida coletivamente, no qual o indivíduo torna-se capaz de transformar-se. Depois dessa “tomada de palavra” por parte do indivíduo, existiriam dois projetos complementares entre si: o primeiro uma educação extra-escolar de intervenção pedagógica; o segundo, uma educação permanente, por meio de um *sistema global de formação que reparta as tarefas de cada ação educativa segundo as especificidades e os meios reais, proporcionando-se às clientelas o direito de opção entre diferentes ações.*⁵

Gelpi mostra a importância da educação permanente autônoma e não dependente nem do autodidatismo, nem do ensino escolar, pois o sistema educacional prepara o homem para suprir uma demanda econômica e social de trabalho e não para uma demanda cultural – retardando, assim, a possibilidade da educação permanente. As estruturas educativas teriam se tornado incapazes de atender as aspirações dos jovens que vivem num mundo mais moderno e técnico do que o que a escola é capaz de oferecer, por isso, precisaria salientar uma melhor integração entre educação e cultura, ou seja, a experiência e vivência artística, científica e filosófica. Pois o desenvolvimento dinâmico se faz, segundo Gelpi, por meio da educação incentivadora da criatividade, necessitando do domínio de instrumentos, técnicas, meios de comunicação e linguagem. Para ele, a tarefa da educação permanente está em

*reconstruir as estruturas educativas e formar os educadores é talvez uma das tarefas prioritárias das políticas de educação permanente: a libertação de condicionamentos a ideologias cristalizadas e à lógica de reprodução pode ser uma das primeiras medidas a se tomar.*⁶

⁴ DUMAZEDIER, Joffre apud FURTER, Pierre, op. cit, p. 101-102.

⁵ FURTER, Pierre, op. cit, p. 84.

⁶ GELPI, Ettore. *Lazer e educação permanente: tempos, espaços, políticas e atividades de educação permanente e do lazer*. São Paulo: Sesc/SP, 1983, p. 27.

A política da educação permanente, segundo o mesmo autor, visa o desenvolvimento global do homem, sem um término previsto como no plano escolar e, inclui a educação formal (escolar) e a não-formal (atividades em instituições no qual a educação não é a finalidade). As transformações na educação deveriam estar em dialética com as transformações sociais, econômicas e culturais. Além do mais, necessitaria introduzir e valorizar objetivos sociais, educativos e culturais dentro do trabalho como, do mesmo modo, enriquecer a experiência educativa escolar com experiência social e produtiva.

Assim, o indivíduo reorganizaria sua vida social de modo a extrair experiências, oportunidades, aprendizados e participações, reinventando a sociedade e seus significados. Ou seja, *uma transformação do universo simbólico, dos interesses, das representações e valores para aumentar os recursos mentais e físicos do homem em função das necessidades de sua personalidade e da sociedade.*⁷

Mas, Dumazedier fazia uma ressalva para não limitar a democratização cultural a uma difusão de sub-culturas; ele pretendia estabelecer uma comunicação entre o que chamou de *cultura mais elaborada* da sociedade nacional e internacional e a *cultura vivenciada* pelas diferentes populações. Assim, imaginava não mais favorecer o predomínio dos privilegiados sobre a massa amorfa e passiva. *E isso só se tornará possível pela participação real e institucionalizada do público, graças a um diálogo entre ele e os organizadores do desenvolvimento cultural.*⁸

Com isso, os pedagogos da educação permanente, pretendiam distribuir a tarefa educativa a diversas instituições e diminuir o peso dado à educação escolar, construindo uma educação ao longo da vida, uma vez que já se adquiriu o mínimo necessário para uma educação permanente.

Essa pedagogia será enfim libertadora, porque seu objetivo final é a eliminação do educador em proveito da afirmação do educando, ou melhor, a constituição pelo

⁷ DUMAZEDIER, Joffre apud Furter, Pierre, op. cit, p. 153.

⁸ Idem, p. 104.

*educando de mecanismos internos de uma autodidaxia permanente, isto é, uma recriação constante de cada pessoa por ela mesma.*⁹

A partir dessa política pedagógica o Sesc assume a idéia de uma ação constante por meio do lazer a fim de transformar o indivíduo, tornando-o consciente de si e de seus direitos. Como veremos nas considerações finais a proposta da educação permanente é uma simplificação do problema educacional, sobretudo, num país como o Brasil.

⁹ FURTER, Pierre, op. cit, p. 106.

LAZER: EDUCAÇÃO EM FOCO

Nessa fase, segundo documento de 1979 do Sesc, a entidade colocou o lazer como campo prioritário de ação, além de construir e ampliar unidades, estabelecer novos planos de ação e seguir uma nova linguagem educacional baseada no pedagogo francês Pierre Furter, um educador especializado na filosofia, ciência e técnica de educação de adultos. Na IV Convenção Nacional de Técnicos, realizada em 1969, estabeleceu-se as seguintes Diretrizes Gerais do SESC:

Política de educação social de propósitos democratizantes é negada em favor das formulações pedagógicas de Pierre Furter – doutrinário da postura individual – particularista na prática educativa.¹

Mas, segundo o próprio Furter, era necessário ver o caso do Brasil em suas particularidades, pois o sistema de educação forjava o “capital humano”, organizado de maneira a subestimar a capacidade criativa do indivíduo, e o trabalho era visto como um esforço físico. Apesar dos avanços técnicos, o nível de cultura técnica ainda não era satisfatório. A distância entre as elites culturais e a população em geral tendia a aumentar, tornando mais difícil a comunicação social. Assim, a tarefa do educador permanente consistiria em:

a) instrumentalizar a cada cidadão para aumentar a capacidade analítica (...) o que só será possível se houver multiplicação e modernização das redes de comunicação; acréscimo dos meios de difusão dos “bens culturais” e da existência cultural.(...)

b) tornar as populações capazes, graças a um esforço intelectual crítico de interpretar, compreender, e sobretudo confrontar a realidade com os planos e projetos de desenvolvimento. (...)

c) estimular atitudes criadoras e imaginativas que, em determinada situação, procurem todas as possibilidades existentes para suscitar fatores geradores de novos valores.(...)

¹ ANÁLISE dos atos normativos do Sesc que determinaram a ação no campo do lazer. Sesc/DN, 1979, p. 13.

*d) ensinar a organizar a vida no tempo e especialmente no tempo livre e disponível, para que este não seja mais um tempo de ociosidade.*²

Baseado em Furter, o segundo Plano Geral de Ação do Sesc teve mudanças profundas colocando a Educação Permanente junto com a Ação Comunitária (dois sub programas da entidade), visando o desenvolvimento da personalidade e reajustando à dinâmica da sociedade de acordo com essa nova pedagogia. Tratava-se de uma concepção mais madura devido às condições sociais agravadas pelas condições de trabalho nas indústrias que, conseqüentemente, geravam tensões sociais preocupando o poder público e comprometendo a paz social.³

O Programa de Lazer do Sesc ganhava, então, um caráter pedagógico como tentativa de colocar em prática a educação pelo e para o lazer. A instituição pretendia acompanhar, compreender e administrar as expectativas dos usuários em relação às atividades programadas para transformá-las de modo que lazer, diversão e descanso estivessem associados aos valores e objetivos da instituição, tornando inteligível, dizível, e visível os usos do tempo livre.⁴

Com essa filosofia voltada à educação e as atenções voltadas para o lazer, a entidade organizou e delimitou seu campo de ação com os seguintes objetivos de cada subprograma do Programa de Lazer⁵:

- Férias e Fins-de-semana: recuperação psicossomática dos indivíduos e sua programação ativa em diferentes programas sócio-culturais;
- Cultura e Orientação Social: apropriação cultural, incremento da vida associativa e o incentivo à ação social;
- Educação Física: contribuir para o equilíbrio físico, psíquico e social do indivíduo;
- Recreação: objetiva o atendimento das necessidades humanas de participação, solidariedade, criatividade, recuperação física e mental.

² FURTER, Pierre. Educação permanente e o desenvolvimento cultural. Petrópolis: Vozes, 1974, p 155-156.

³ FIORES, Maria Heloisa. *Origens e implantação do programa de lazer no Sesc*. Sesc/DN – CEI/SEP, 1982.

⁴ SANT'ANNA, Denise. O Prazer Justificado: Lazer em São Paulo (1969/1979), Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1988.

⁵ FIORES, Maria Heloísa, op. cit.

Firmados nos fundamentos funcionalistas, acabaram por organizar o universo do lazer em quatro esferas: descanso e/ou recuperação psicossomática, desenvolvimento cultural, desenvolvimento físico-esportivo e recreação. Outras esferas do lazer como o consumo material e a indústria cultural ficaram fora dos seus objetivos por serem considerados pouco enriquecedores para a educação e recuperação do indivíduo.

A concretização da nova orientação se realizou, no entanto, em 1973, na V Convenção Nacional de Técnicos, estabelecendo então as Diretrizes Gerais de Ação do Sesc e as Normas para Aplicação das Diretrizes Gerais de Ação do Sesc, objetivando contribuir para a solução de problemas dos comerciários e suas famílias nos seguintes campos de ação: saúde, alimentação, lazer, habitação, vestuário, transporte, educação profissional e social.⁶

Nesse período, as atividades de lazer passaram a representar quase a metade das atividades da instituição, a outra metade ficava dividida entre os outros campos de ação (saúde, alimentação, habitação, vestuário, educação). O lazer entrava como campo prioritário de ação juntamente com a nutrição; a educação e a saúde faziam parte do campo de ação fundamental:⁷

*o lazer está, hoje em dia, profundamente relacionado com os problemas básicos do trabalho, da família, da política e da sociedade; o lazer funciona como superador do tédio causado pela monotonia do trabalho que caracteriza a sociedade urbana industrial; o lazer funciona como equilibrador que ajuda a suportar a disciplina e as imposições obrigatórias da vida social; o lazer é encarado como veículo de alta rentabilidade sócio-educativa; a ação do Sesc no campo do lazer implicará sempre no aproveitamento das horas livres da clientela em ocupações que permitem atingir os objetivos educacionais, em consonância com o sentido do progresso nacional.*⁸

Além de servir para recuperação psicossomática e criação de um “espírito social”, favorecia o desenvolvimento do bem-estar e aprimoramento cultural. O lazer proposto pelo Sesc, segundo Sant’Anna, supôs um trabalho e uma política de lazer visando *combater essa concepção do lazer como sendo a negação do*

⁶ ANÁLISE dos atos normativos do Sesc que determinaram a ação no campo do lazer, op. cit.

⁷ FIORES, Maria Heloísa, op. cit.

⁸ ANÁLISE dos atos normativos do Sesc que determinaram a ação no campo do lazer, op. cit, p. 15-16.

trabalho. Por terem Dumazedier em sua equipe, pretendiam quebrar a dualidade entre trabalho e lazer, queriam criar uma realidade verdadeira da qual o lazer fizesse parte indiscutível.⁹

Em 1976 – ano do Congresso para uma Carta do Lazer –, a entidade realizou o evento cultural internacional *Seminário sobre lazer*, com Joffre Dumazedier como palestrista, o qual passou a fazer parte do quadro de funcionários do Sesc. Dois anos mais tarde, a entidade abriu o Centro de Estudos do Lazer. Nessa mesma década, assiste-se a um grande crescimento das pesquisas e publicações sobre estudos e programas de lazer na entidade. Estava decretada a prioridade do lazer em suas atividades.¹⁰

Neste momento o Sesc amplia seus equipamentos com a expansão de unidades anteriores e inauguração de cinco novas unidades¹¹:

- ✓ Unidade “Horácio de Melo”, na Bela Vista, recebia quadras cobertas poliesportivas, em 1964, transformando-se em centro social;
- Centro Cultural e Desportivo “Carlos de Souza Nazareth” – antes na avenida Francisco Matarazzo ou Água Branca – foi inaugurado em 1967, na rua Vila Nova, situada no bairro da Consolação. Ele é conhecido hoje como Sesc Consolação¹² - trazendo um novo conceito de centro cultural com arte e esporte na mesma unidade, tendo o Teatro Anchieta, o CEM – Centro Experimental de Música – e o CPT – Centro de Pesquisa Teatral - , em suas dependências;
- Centro Campestre do Sesc – hoje Sesc Interlagos¹³ –, a partir de 1975;
- Sesc Paulista, em 1978, onde passou a funcionar na nova sede, e com programação para artes plásticas¹⁴;

⁹ SANT’ANNA, Denise, op. cit, p.45.

¹⁰ SITE do Sesc São Paulo, quem somos, história, história do Sesc, visitado em março 2005: <http://www.secsp.org.br/sesc/sos/index.cfm?forget=14>.

¹¹ Idem.

¹² Hoje com 16.571 m² construídos com capacidade para 3.500 pessoa/dia; contém além do CEM, o CPT e o Teatro Anchieta. SITE do Sesc São Paulo, quem somos, unidades, capital, Consolação, op. cit.

¹³ Com 500 mil metros quadrados de área verde, conjuntos aquáticos, equipamentos esportivos, áreas sociais, espaço para espetáculos e shows a céu aberto, e capacidade de atender 12 mil pessoas por dia. SITE do Sesc São Paulo, quem somos, unidades, capital, Interlagos, op. cit.

- CineSesc¹⁵, em 1979, uma unidade voltada inteiramente para o cinema;
- Sesc Fábrica da Pompéia – hoje Sesc Pompéia – inaugurada em 1982, e o conjunto esportivo em 1986. Esta unidade começava a marcar sua cara e sua história com as peças de teatro e uma nova leitura dos espaços.

Em 1980, a instituição passou por uma crise econômica - reflexo dos acontecimentos do país - sendo obrigada a fazer um corte de pessoal e a buscar novas parcerias na iniciativa privada, criando duas unidades móveis de odontologia; além disso, as matrículas podiam ser feitas no próprio local de trabalho, facilitando o ingresso de um número maior de matriculados, tentando aumentar o interesse do comerciário, bem como a renda da entidade.¹⁶

Outra preocupação da instituição diz respeito a implantação de projetos de inovação no campo artístico como:

- as atividades teatrais do Teatro Anchieta e, as musicais do Teatro Pixinguinha (1977) e do Centro de Estudos de Música – CEM – (1978) – alguns concertos de música e de dança eram apresentados na TV Cultura;
- diversos projetos e festivais como o: I Festival de Música Popular Brasileira do Sesc, I Festival de Dança (com co-patrocínio do Conselho Estadual de Cultura), I Festival de Teatro Amador do Sesc¹⁷;
- os projetos de artes plásticas: Projeto Pixinguinha, em colaboração com o MEC e a Funarte, exibindo concertos de música erudita, junta às obras de arte do MASP, expostas no Centro Campestre do Sesc e o Projeto Caixote da Arte Popular com produção artesanal brasileira;
- o projeto esportivo para popularização da prática do tênis;
- o projeto turístico Sesc Roosevelt divulgando e fazendo ofertas no programa de turismo social;

¹⁴ Com 8.043 m² construídos é basicamente administrativo, apesar de, hoje, a administração estar sendo descolada para uma nova torre no Sesc Belenzinho. SITE do Sesc São Paulo, quem somos, unidades, capital, Avenida Paulista, op. cit.

¹⁵ Hoje com 1.470 m² de área construída e capacidade para 1.400 pessoas/ dia. SITE do Sesc São Paulo, quem somos, unidades, capital, CineSesc, op. cit.

¹⁶ SITE do Sesc São Paulo, quem somos, história, história do Sesc, op. cit.

¹⁷ Evento repetido anualmente de 1968 a 83, com exceção dos anos entre 1975 e 82 devido à repressão militar que proibia espetáculos e perseguia atores.

- os programas culturais estaduais com exposições temáticas acontecendo simultaneamente em todas as unidades e;
- na mesma linha dessa última, o Programa Lazer de Corpo e Arte, de 1980, que ocorreria no pavilhão da Bienal, inaugurando uma nova frente do Sesc voltada para a cultura física e artística utilizando os equipamentos tradicionais da cidade.

A programação teatral da instituição começava a se destacar com projetos inovadores como o Teatro Anchieta, o qual apresentou, em 1969, a peça *A Moreninha*, primeira peça dedicada ao público jovem, e atraiu três vezes mais público que o sucesso da temporada paulista no mesmo ano. Isso por causa não só do direcionamento ao público jovem, mas também ao projeto *A escola vai ao teatro*, voltado para o primeiro e segundo grau, incentivando as escolas a levarem os estudantes ao Sesc. Com esse projeto em ação a peça era apresentada três ou quatro vezes ao dia.

O VII Festival de Teatro Amador, em 1983, colocou o teatro como instrumento de educação social, mostrando ao público e à crítica a qualidade de seu trabalho. O Teatro Pixiguinha, também no Sesc Consolação, foi dedicado à música popular brasileira. Ainda na esfera musical apareceu, em 1978, a Orquestra de Cordas do Sesc, o qual, mais tarde, transformou-se no CEM – Centro de Estudos de Música. Além do Teatro Mambembe, que teve, no período entre setembro de 1976 e 1978, 38 apresentações em praças e parques públicos, pátios de fábricas e praia do Gonzaga em Santos, com mais de 40 mil espectadores¹⁸. Justificando os índices de 16,7% de comerciários e industriários freqüentando os teatros em São Paulo, apresentados anteriormente.

No entanto, nem todos que usufruem os serviços da entidade faziam parte dessa camada de trabalhadores, como mostra uma pesquisa de 1976, sobre os *hábitos de lazer da população comerciária*¹⁹. Essa se referia a uma análise comparada das pesquisas da Seção de Estudos e Pesquisas (SEP), da Divisão de

¹⁸ CADERNOS de Lazer. Ed. Brasiliense, São Paulo, nº 1-4, jan/77-mai/79, Caderno nº 2.

¹⁹ ARAÚJO, Maria Heloisa Mendes . *Hábitos de lazer da população comerciária*. Sesc/DN, 1976.

Estudos e Planejamento (DEP) e do Departamento Nacional (DN), do Sesc, entre 1972 e 1975, em 12 capitais²⁰.

O perfil do público matriculado, segundo a pesquisadora Maria Heloísa Araújo, era de mais de 60% de solteiros, com menos de 28 anos e ganhando até dois salários mínimos. Para a pesquisadora, a idade e estado civil facilitavam o interesse por atividades sociais, mas a baixa renda dificultava a possibilidade de gastos além das necessidades básicas, limitando os gastos com lazer, pois muitos tinham outras atividades para completar a remuneração, aumentando, assim, a necessidade de repouso, limitando-se a atividades mais baratas e mais passivas (devido à fadiga), mostrando um baixo nível de aspirações por atividades de lazer.

O Sesc valorizava a prática de lazer para os comerciários, segundo a mesma autora, mas no máximo um terço dos freqüentadores eram associados, ou seja, 28,0% dos filiados eram comerciários. Mas, ainda assim, apenas 14,3% dos sócios freqüentavam regularmente, e 50,8% eventualmente ou nunca. O motivo apresentado para a não freqüência era a falta de interesse, motivos financeiros ou falta de tempo. No pequeno tempo fora do trabalho, 52,3% o utilizavam para descansar, 33,5% para estudar, 8,7% para praticar esportes, 7,8% em outras atividades e 5,0% com bicos ou serviços remunerados. Quando se divertiam, 40,3% procuravam as praias, 35,2% o cinema, 22,2% assistiam futebol, 17,0% se entretinham com televisão e rádio, 15,4% praticavam esportes como diversão e 4,0% freqüentavam o teatro.

A freqüência ao teatro por parte dos comerciários é um índice interessante, uma vez que iguala-se aos 3% da população de São Paulo que tinha esse hábito, segundo a pesquisa de Tânia Álvares, citada anteriormente. Isso mostra, pelo menos, que a ação do Sesc abria oportunidades, e que, junto com a *boa vontade cultural*, é fator determinante para a prática de lazer. *Boa vontade cultural* pois, como vimos, o perfil desse público é mais carente (por ser uma parcela da população que não está em idade escolar, não possui os mais altos níveis de instrução e, nem tão pouco, renda elevada), portanto, seria de se esperar um índice menor de freqüência a esse tipo de espetáculo.

²⁰ Belém, Cuiabá, Recife, Salvador, Florianópolis, Vitória, João Pessoa, Fortaleza, Porto Alegre.

4. COMPLEXIDADE DO LAZER

Chegamos agora aos anos 80 e 90 mostrando a complexidade do lazer atual devido à diversificação das práticas e um novo entendimento do uso do lazer. Na era da globalização, do consumo, da informação, da cultura, do entretenimento tudo se interliga e se relaciona. As barreiras começam a se esfumegar e as divisões das práticas cotidianas se mesclam e se confundem, possibilitando usos e interpretações diferentes sobre uma mesma atividade.

Momentos de massificação, expansão, difusão e aumento da indústria do lazer e de entretenimento; industrialização do esporte; fortalecimento do mercado cultural e artístico; aumento do poderio dos meios de comunicação; o crescimento de parques temáticos; chegada da TV a cabo, do computador, da internet, do celular, dos robôs, etc. Enfim, a tecnologia interligando todo o planeta.

Podemos, neste momento, observar a superação da relação entre lazer e tempo livre. Vimos como nos sistemas de lazer apresentados anteriormente o trabalho ocupava um lugar central, sempre pensado como o par oposto do lazer. Porém, o desenvolvimento de uma cultura do consumo modifica este quadro, pois, como observou Renato Ortiz, *o consumo atravessa a esfera do lazer e do trabalho, a cultura e a produção, sem opô-los*¹. Segundo o autor, a esfera autônoma de consumo está conectada com o processo de globalização econômica e mundialização cultural trazendo valores mundiais que determinam novos padrões de dominação. Esse universo de diversão e desfrute tornou-se referência obrigatória para todos, a música, os esportes, as viagens, os carros, os programas televisivos, restaurantes, compras, etc. Este é o mundo no qual devemos nos divertir.² Assim, não faria mais sentido discutir a existência do tempo livre e nem opor o lazer ao trabalho.

Com o aumento do desemprego estrutural, no final do século XX, o lazer passa a ser visto como uma possibilidade de inclusão social, na medida em que torna-se um setor que gera muito mais empregos que o setor produtivo tradicional.

¹ ORTIZ, Renato. Trabalho, Consumo, Estilo de Vida, in *O Próximo e o Distante: Japão e Modernidade-Mundo*, São Paulo, Brasiliense, 2000, p. 109.

² Idem.

Congressos e atividades sociais voluntárias difundem o lazer como um sucesso da inclusão. A prática de lazer passa a ser quase obrigatória para a qualidade de vida. E o Sesc cresce e começa a se espalhar pela cidade incentivando e divulgando o lazer e a cultura.

Neste período, o Sesc já se firmou como sinônimo de lazer, esporte e cultura. O Sesc Pompéia, inaugurado em 1982, torna-se uma unidade de referência cultural da entidade, e o Sesc Belenzinho abre oportunidades de atividades voltadas para o corpo na zona leste. Projetos como o *Prata da Casa* do Sesc Pompéia e, o *Ser Saudável* do Sesc Belenzinho demonstram o alcance de público e objetivos da entidade frente à indústria cultural e de entretenimento, além de serem uma possibilidade de fuga para aqueles que buscam atividades alternativas, criando uma rede de informações e trocas de experiências para uma camada social com *boa vontade cultural*³ ou capital cultural um pouco mais elevado.

³ BOURDIEU, Pierre. *La Distincion*. Madrid/Spain: Taurus, 1988.

DISCURSO DA INCLUSÃO PELO LAZER

Nesse momento o país torna-se urbanizado em sua maioria, mais de 70% da população brasileira vivia no perímetro urbano, segundo o IBGE. Assim, o fenômeno social e as manifestações associadas ao lazer eram questões constantes na política e na sociedade. Na constituição brasileira, de 1988, no artigo 6, o lazer passa a ser considerado um *direito social* juntamente com: *educação, saúde, trabalho, moradia, segurança, previdência social, segurança à maternidade e à infância e assistência aos desamparados*. Considera, ainda, no artigo 217, parágrafo terceiro ser *dever do Poder Público incentivar o lazer, como forma de promoção social*; e no artigo 227, ser um *dever da família, da sociedade e do Estado* assegurar tal direito. Como proposto na Carta do Lazer, doze anos antes.¹

O discurso sobre lazer cresceu muito e com ele muitas linhas, linguagens e publicações. A maioria vinculada ao sistema bio-funcional, mas algumas iniciativas de crítica, porém, de menor alcance, segundo Kátia Sá. As produções intelectuais recentes dissertam sobre a importância do lazer educativo, humanizador e cultural mas, principalmente, sobre a prática socialmente inclusiva e será esse discurso que entrará nas ações sociais da cidade.²

Um dos maiores eventos de difusão, discussão e estudos de lazer, atualmente, é o ENAREL – Encontro Nacional de Recreação e Lazer que ocorre desde 1989. Nos dois primeiros anos como Encontro de Profissionais de Recreação e Lazer. O Sesc São Paulo já se responsabilizou por três destes encontros: o 5º ENAREL, em Bertioga, em 1993, sobre o tema *Lazer e suas inter-relações na sociedade*; o décimo, na capital, em 1998, realizado juntamente com o 5º Congresso Mundial do Lazer, sobre o tema *Lazer numa sociedade globalizada: inclusão ou exclusão* e o décimo quinto, em Santo André, com o tema *Lazer e trabalho: novos significados na sociedade contemporânea*. O 10º encontro teve

¹ SITE da República Federativa do Brasil visitado em março de 2005: <http://www81.dataprev.gov.br/sislex/paginas/22/Consti.htm>.

² SÁ, Kátia Oliveira de. *Lazer, trabalho e educação: pressupostos ontológicos dos estudos do lazer no Brasil*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador/Bahia, 2003.

como resultado a publicação do livro *Lazer numa Sociedade Globalizada* pelo Sesc juntamente com o WLRA - World Leisure and Recreation Association. Esse encontro é realizado anualmente, cada vez em uma cidade, não tendo sido recebido ainda pela região Norte do país.³

Num artigo publicado nesta coletânea, Milton Santos, afirma que o lazer industrial globalizado faz parte de um sistema fechado e auto-sustentado e estaria agindo sobre a sociedade, transformando-a, distinguindo os gostos, domesticando o tempo, impondo e reforçando imagens de mundo e do outro e, cada vez mais, intensificando a exclusão de muitos que não têm a mesma possibilidade de lazer.⁴

De fato, o lazer é hoje um hábito incorporado na cultura das sociedades capitalistas ocidentais mesmo nas classes menos favorecidas. No entanto, apesar de ser um fenômeno encontrado em todas as camadas, existem diferenças nos usos, nas práticas, no acesso, nas escolhas e possibilidades de escolhas do lazer⁵. Isso teria provocado grandes movimentos em favor de uma maior acessibilidade e de uma democratização do lazer legítimo por parte de instituições públicas e privadas, ONGs, intelectuais e produtores culturais, cada um se esforçando para levar e/ou trazer os excluídos para as atividades prudentes.

Historicamente, segundo Theodorus Beckers, até os anos 80, o Estado investia no lazer ditando o que era melhor para a população, e a indústria fazia das necessidades e preferências do consumidor suas diretrizes. Desta forma, o Estado se responsabilizava pelas dimensões tradicionais como parques, espaços para lazer, centros culturais e esportivos. Atualmente, o lazer não-mercadológico tornou-se uma prestação de serviços pelo Estado, organizações comerciais – entre as quais se inclui o Sesc - e voluntários.⁶ Isso porque a indústria cultural dominou grande parte das atividades de lazer existentes e consegue expandir-se mais rapidamente que as outras instituições, tanto em termos de espaços como em tipos de atividades.

³ SITE do Sesc São Paulo, hot site, enarel, visitado em 2004: <http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/enarel/apresentacao.htm>.

⁴ SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de empregos, in *Lazer numa Sociedade Globalizada: Leisure in a Globalized Society*, São Paulo, Sesc/WRLA, 2000.

⁵ Ver MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2002.

⁶ BECHERS, Theodorus. Capital humano em lazer, in *Lazer numa Sociedade Globalizada*, op. cit.

A saída para o potencial inclusivo constituiria na conscientização da população para a importância do lazer e na educação para a sua prática, bem como para a autonomia do lazer. Para Lino Castellani Filho, somente a gestão pública de esporte e lazer não garantiria a inclusão, ou seja, haveria uma necessidade de atuação conjunta com a sociedade civil. O lazer da indústria cultural possibilita a integração social, mas não a inclusão. Possibilitaria aos grupos consumirem atividades e bens simbólicos parecidos, identificarem-se criando uma sociabilidade através desses símbolos.⁷

No entanto, as políticas públicas e o Sesc pretendem inserir no jogo de legitimidade do lazer o perfil inclusivo e democrático. Vale ressaltar que quando instituições como o Sesc falam em inclusão estão se referindo à inclusão nos padrões da sociedade capitalista. Ou seja, querem provocar uma transformação do indivíduo em favor da manutenção do sistema atual. Uma pessoa com informação, cultura, conhecimento e lazer alimenta o próprio sistema de acumulação de capital econômico, cultural, humano, etc, essenciais para a sociedade capitalista. E, quando falam em democratização, é a democratização do lazer considerado prudente, mesmo constando elementos da cultura popular.

⁷ CASTELLANI FILHO, Lino. Trabalho, lazer e suas relações com a cidadania, in *XV ENAREL, – Encontro Nacional de Recreação e Lazer*. Santo André/São Paulo: Sesc São Paulo e Prefeitura de São André, CD-ROM, 2003, painéis de debate.

CULTURA DA LUDICIDADE

No momento da globalização e da mundialização surge uma nova leitura de mundo, a qual não se refere diretamente a uma mudança das relações e interações sociais, mas a uma mudança na forma de os estudiosos e críticos perceberem a realidade. Grande parte da produção estava voltada para o consumo, o lazer e os serviços, com uma crescente produção de bens simbólicos, imagens e informações.

Assim, ser espectador e consumidor passa a ser também uma possibilidade de lazer, tanto nos shoppings e centros de consumo, como nas casas, por meio da televisão ou do rádio ou, ainda, nos centros culturais. O lazer passava a ser, entre outras, a possibilidade de se ter uma vida de consumo, ou seja, de um autoconsumo da vida individual, o centro onde o homem procura se afirmar enquanto indivíduo.¹

O mundo do consumo teria o papel de escola e de família. Trabalho, lazer, diversão e expectativa de vida seriam disputadas por diversas instâncias sociais hierarquizadas, criando modos de vida. Dessa forma, o lazer passa a consistir em uma *esfera de valor concorrente com outras instâncias de socialização*.²

*A cultura de consumo muito se misturava com lazer pois, dava a oportunidade de aperfeiçoar e exprimir a si próprio (...) Este é o mundo dos homens e das mulheres que procuram a última novidade em termos de relacionamentos e experiências; que têm espírito de aventura e assumem os riscos de explorar plenamente as opções de vida, conscientes de que têm somente uma vida para viver e precisam se esforçar muito para desfrutar, vivenciar e exprimir a vida.*³

Como apontou Featherstone, o capitalismo produz imagens e locais de consumo que endossam os prazeres do excesso, estes, por sua vez, embaçam as fronteiras entre a arte e a vida cotidiana, fazendo da cultura de consumo um espetáculo de prestígio saturado com elementos da tradição carnavalesca, e

¹ MORIN, Edgar. Uma Cultura de lazer, in *Cultura de Massas no Século XX*, Vol.1, 9ª edição, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.

² ORTIZ, Renato. Trabalho, Consumo, Estilo de Vida in *O Próximo e o Distante: Japão e Modernidade-Mundo*, São Paulo, Brasiliense, 2000, p. 111.

³ FEATHERSTONE, Mike. Estilo de vida e cultura de consumo, in *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995, p. 123.

transformando-o em imagens da mídia, design, publicidade, vídeos, cinema, etc, ou então em locais de consumo como *resorts*, estádios esportivos, parques temáticos, lojas de departamento e shoppings. São “mundos de sonhos”. Com isso, o consumo, inclusive o de informação e cultura, passa a ser esta nova noção pequeno-burguesa de lazer: um jogo criativo de exploração emocional “narcísea” e de construção de relacionamentos, o qual, ao mesmo tempo, amplia e questiona as *noções vigentes de consumo, pondo imagens do consumo como sugestão de prazeres e desejos alternativos*.⁴

A chegada à terceira fase da expansão do capital, a que tem sido denominada de globalização ou mundialização, segundo Maria Celeste Mira, ao propiciou a explosão da diversidade cultural. Com ela, houve mudanças no crescimento das indústrias culturais nacionais, na relação do espectador com o produto local e nas novas estratégias de atuação das próprias indústrias culturais globais, as quais passaram a se alimentar de novos produtos vindos de diferentes partes do mundo. Os estudos culturais e de recepção mostram como nem tudo está dado pela produção. Os usos modificam a cultura, são manifestações dos grupos na vida cotidiana. As redes de lazer são utilizadas de forma a extrapolar os sentidos e a lógica da produção, criando formas não previstas pela indústria cultural. A globalização da mídia não eliminaria, pelo contrário, estimularia as produções locais gerando maiores diversidades com os usos da cultura, fortalecendo, assim, as diferenças.⁵

*Sabemos então que, assim como não existe uma única cultura legítima, em cuja cartilha todos devem aprender a mesma lição, tampouco uma cultura popular tão sábia e poderosa que possa ganhar todos os confrontos com a cultura dos meios de comunicação de massa, fazendo com os produtos da mídia uma colagem livre e orgulhosa, nela inscrevendo seus próprios sentidos e apagando os sentidos e as idéias dominantes na comunicação de massa.*⁶

⁴ FEATHERSTONE, Mike. Teorias da cultura de consumo, in *Cultura de Consumo e Pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995, p. 41.

⁵ MIRA, Maria Celeste. O global e o local: mídia, identidades e usos da cultura in *Revista Margem*, São Paulo, nº 3, dezembro de 1994, p. 131-149.

⁶ SARLO, Beatriz. *Cenas da Vida Pós-Moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000, p. 121.

Desde as primeiras manifestações no tempo livre e no ócio, obtidas por meio do lazer, descanso, ociosidade, arte e cultura; passando, depois, pelo lazer organizado, recreação dirigida e entretenimento; até chegar ao momento da inclusão dos eventos de massa, diversão, passatempo, educação e consumo e, com isso, a superação do tempo livre em função do lazer; em todos esses casos, o lazer se foi se fortalecendo até tornar-se um imperativo social, orientando as ações dos indivíduos na busca de satisfação no mundo exterior.

Ocorre que como percebeu Beatriz Sarlo, o lazer mercadológico constitui um obstáculo para a homogeneização cultural por dois motivos: Primeiro porque continua sustentado pelas desigualdades econômicas. O acesso aos bens simbólicos é muito desigual, as escolas públicas são lugares de pobreza simbólica e não podem concorrer com os meios de comunicação de massa de acesso fácil e pouco custoso. Segundo, porque após os anos 70, a cultura letrada entrou em crise e as habilidades adquiridas pelo *zapping* e o videogame entraram no jogo. Ocorreu uma hibridização entre as culturas populares e culturas da mídia.

Os setores populares não têm mais obrigações do que os letrados: não é lícito esperar que sejam mais espertos, nem mais rebeldes, nem mais persistentes, nem que vejam com mais clareza, nem representem outra coisa senão eles mesmos. Mas, em contraste com as elites econômicas e intelectuais, eles dispõem de uma quantidade menor de bens materiais e simbólicos, estão em condições de usufruto cultural piores e têm menores possibilidades de praticar escolhas não condicionadas pela pobreza da oferta ou pela escassez de recursos materiais e instrumentos intelectuais; em geral demonstram mais preconceitos raciais, sexuais e nacionais do que os intelectuais, que aprenderam a ocultá-los ou mesmo a eliminá-los. Dessa forma, não são portadores de uma verdade nem responsáveis por sua demonstração ao mundo. São sujeitos num mundo de diferenças materiais e simbólicas.⁷

Os novos mecanismos de produção de legitimidade, segundo a mesma autora, quebraram o monopólio da legitimidade cultural dos letrados. Assim não é mais possível falar em hegemonia cultural das classes dominantes, nem em autonomia restrita à cultura das elites. Hoje vale a capacidade dos grupos culturais de misturar seus instrumentos culturais, ou seja: os da cultura letrada, os usos

⁷ SARLO, Beatriz, op. cit, p. 121-122.

próprios de identidade, a cultura institucional-escolar e a cultura da mídia. Construindo assim uma cultura do lazer mista, com elementos diversos e não mais uma cultura de lazer unicamente classista.

SESC: MAIS CULTURA EM VOCÊ!¹

Na década de 80 a instituição conscientizou-se das mudanças em relação ao binômio trabalho-lazer e procurou se adaptar à realidade contemporânea, aproveitando ao máximo seu potencial de prestadora de serviços para o lazer, uma vez que esse, agora, é um fim em si mesmo e não depende mais do trabalho.

Observa-se uma tendência à substituição do valor do trabalho pelo valor do lazer, situação decorrente da constatação de que o trabalho, para quase a totalidade dos indivíduos, pouco oferece em termos de perspectivas de realização pessoal. Em contrapartida, a industrialização do lazer ao transformá-lo em objeto de consumo, sobrepõe à sua função primordial uma outra, qual seja, a da promoção social pela simbolização de prestígio e 'status'. Neste sentido o lazer visto como objeto de consumo torna-se fim em si mesmo, prevalecendo o mais ter sobre o mais ser, caracterizando-se assim como um antilazer, atividade empreendida compulsivamente com o mínimo de autonomia pessoal, que impede a auto-realização e autenticidade individual.²

Foi a década da descoberta do corpo nos teatros, esportes, atividades físicas, danças, ginástica, curso de iniciação esportiva, tudo para a consciência corporal, percepção do espaço, expressão da personalidade, o prazer do movimento, o sentimento do lúdico, a superação dos bloqueios físicos e mentais, a saúde e o bem-estar pessoal. No mais, a entidade se tornou uma referência de acesso à oportunidade de criação e produção cultural com cursos, debates e oficinas. Com isso, acreditam ter alcançado o ideal da democratização e de acesso à cultura, um elemento essencial para a qualidade de vida e para o exercício da cidadania, no qual, o tempo livre deve ser utilizado para a formação da consciência crítica.³

Assim, o Sesc se considera, hoje, um patrimônio público e um exemplo de responsabilidade social, pois, para a instituição, a atividade empresarial não se

¹ Do slogan de inauguração do Sesc Pinheiros, em 2004: Sesc Pinheiros: mais lazer em você, ou "mais cultura" ou "mais esporte ou "mais saúde".

² A AÇÃO Finalística do Sesc. RJ: Sesc/DN, 1999, p. 28.

³ SITE do Sesc São Paulo, quem somos, história, 1980, história do Sesc, visitado em 2004: www.sescsp.org.br/sesc/sos/index.cfm?forget=14.

esgota com a produção de bens e riquezas, mas se estende à promoção de bem-estar social e qualidade de vida.⁴

Em alguns pontos a entidade mudou sua ação, em outros apenas reafirmou o que já vinha sendo proposto e definido desde sua fundação. Em 1988, foi realizada, no Departamento Nacional, uma *Avaliação das Diretrizes Gerais de Ação do Sesc*. A região sudeste, na qual está incluso o Estado de São Paulo, acreditava que as Diretrizes gerais de ação era um instrumento tecnocrático característico dos anos 70 vinculado ao planejamento estatal e levantou a necessidade de estabelecer uma filosofia de ação educativa com função *propositiva*. A conclusão geral foi que as diretrizes estavam desatualizadas devido à conjuntura sócio-político-econômica ultrapassada.⁵ (ver tabela I)

A função *propositiva*, na definição da instituição, partiria da compreensão e conhecimento da realidade sócio-econômica da comunidade pelos técnicos do Sesc, possibilitando, assim, uma proposta de novos caminhos à população por meio de atividades de qualidade, criativas, com novos serviços, técnicos e soluções originais, além da acessibilidade dos preços, do atendimento e da localização.⁶

Com isso, a entidade elaborou um método subjetivo de pesquisar o que a população gostaria e como teria prazer numa prática, sem perguntar diretamente aos interessados. Segundo Suzana Garcia, coordenadora da programação permanente do Sesc Pompéia, algumas atividades recebem o elogio do público através do animador sócio-cultural ou por meio do Voz Ativa (caixa de sugestões); outras vezes, os organizadores programam as atividades que são solicitadas a serem rerepresentadas, os quais, baseados nesses dados, acreditam estar proporcionando a atividade adequada.⁷

⁴ Sesc desafios e realizações. São Paulo: Sesc/SP, 2004, p. 1.

⁵ Como resultado tiveram seis documentos regionais avaliativos que refletiam o posicionamento crítico dos órgãos regionais frente às questões polêmicas detectadas. AVALIAÇÃO das diretrizes gerais de ação do Sesc. Sesc/DN, SPN/APLAN: 1988, 44p.

⁶ DIRETRIZES Gerais de Ação. Rio de Janeiro, Sesc/DN, 2004.

⁷ GARCIA, Suzana. *Coordenadora da programação permanente* do Sesc Pompéia, em depoimento à autora em 02 de março de 2005.

Tabela I

Tema*	Sugestão*	Conclusão*	Resultados**
Política institucional e indicadores de ação	Atualizar	Necessidade de clareza, objetividade e precisão para definir a identidade da instituição de modo geral e essencial e, não aspectos conjunturais - papel do Plano de Ação ou programas regionais;	A diretriz básica do SESC é a de se desenvolver um trabalho educativo que permeie direta ou indiretamente todas as atividades e serviços ofertados pela Entidade, fazendo com que ultrapasse seus objetivos mais imediatos, tornando-os mais eficazes e eficientes ao contribuírem para a informação, capacitação e desenvolvimento de valores***
Fins e objetivos	Fins: a retratação da "paz social" apenas como referência histórica; Objetivos: reajuste geral por serem genéricos e desatualizados;	Limitar-se às imposições do decreto lei nº 9.853 nas definições de finalidades e objetivos; a "Paz Social" não representa empecilhos à ação, uma vez que tal não se encontra no decreto-Lei;	Objetivo educativo opõe sua ação programática à tendência do lazer consumista, repetitivo e evasivo. Pretendem proporcionar experiências de reflexão, fantasias, entretenimento, recreação e desenvolvimento físico; atendimento às necessidades humanas de recuperação física e mental, participação, solidariedade e integração sócio-cultural.
Campos de ação	Educação: revisão de concepções conceituais e enriquecimento; Lazer: inserção do lazer no campo da cultura, ou criação do Campo Lazer e Cultura; além de valorização das dimensões estéticas e lúdicas e de direito à informação e participação ou conjunto de práticas sociais diversificadas; Saúde: apresentar um conceito, incluir a nutrição neste campo; Cultura: criação desse campo, ou do campo Cultura e Lazer.	Distinção entre campo de ação e programa: cada Estado deve eleger nomenclatura coerente com a ação, sem ficar atrelado à classificação programática oficial; Ação educativa do SESC: revisto no seu caráter direto e verticalista, aprofundamento pedagógico; Indicadores de Ação: revisão desprezando os conjunturais e considerando os estruturais; Campos de Ação: devem ser o mais abrangente possível, definidos por conteúdos e não por ações, não necessariamente atrelados aos programas e nem fazer distinção quanto a prioridade.	Lazer definido como: entretenimento e lúdico-recreativo; Campo cultural: área mais expressiva para elevação dos indivíduos aos patamares superiores da condição humana e da produção de conhecimento. Possibilidade de enriquecer intelectualmente o indivíduo: levá-los à preparação mais acurada; propiciar nova compreensão das relações sociais; releitura do seu estar-no-mundo, para transcender suas condições de origem e formação; dotá-los de consciência universal.

* AVALIAÇÃO das diretrizes gerais de ação do SESC, op. cit.

** AÇÃO finalística do SESC, op. cit.

*** Idem, p. 25.

Assim, em 1988, cria-se o I Planesc – Plano de Ação do Sesc – aprovado nacionalmente, no qual a principal mudança social pretendida era o desenvolvimento integral dos indivíduos⁸. Para tanto, ficou determinado que uma das formas do Sesc atuar seria por meio do estímulo à produção cultural, sendo a entidade um articulador entre produtores e consumidores de bens culturais, possibilitando a criação de bases materiais (espaços e equipamentos) para apresentação dos produtos⁹.

Os próprios funcionários do Sesc reconhecem, ainda hoje, a importância das teorias de Dumazedier para a estruturação, função e ação da entidade na sociedade. Apesar de inspirada em Dumazedier e baseada em Pierre Furter, o gerente técnico da ação cultural, Oswaldo Almeida Júnior, afirma não ser mais possível sustentar o Sesc por essas bases porque a sociedade mudou muito, de modo que esses autores servem apenas de referência da origem dos pensamentos e atuações e das mudanças da instituição.¹⁰

Todos os animadores sócio-culturais – ou coordenadores de programação - e gerentes são profissionais com curso superior e, quando não, com pós-graduação ou especialização no exterior na área específica em que atuam. Com isso, os profissionais do Sesc acabaram incorporando ao seu universo um autor como Mike Featherstone, o teórico da *cultura do consumo* já citado anteriormente. A expressão *intermediários culturais* cunhada por Pierre Bourdieu, aqui explicada pelo autor inglês, define perfeitamente estes profissionais do Sesc:

Especialistas e intermediários culturais capazes de vasculhar diversas tradições e culturas para produzir bens simbólicos e, além disso, fornecer as interpretações necessárias sobre seu uso. Seu habitus, disposições e preferências de estilo de vida são tais que eles acabam por se identificar com os artistas e intelectuais; todavia, nas condições de desmonopolização dos redutos de mercadorias artísticas e intelectuais, eles têm os interesses aparentemente contraditórios de sustentar o prestígio e o

⁸ SITE do Sesc São Paulo, quem somos, história, história do Sesc, op. cit.

⁹ A AÇÃO Finalística, op. cit.

¹⁰ ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo e PACKERS, Gilson, gerentes técnicos da Ação Cultural na Administração Central, em depoimento á autora em 04 de agosto de 2004.

*capital cultural desses redutos e, ao mesmo tempo, popularizá-los e torná-los acessíveis a públicos maiores.*¹¹

Marcos Carvalho, gerente técnico da ação cultural, começou, há treze anos, como estagiário em comunicação enquanto cursava a faculdade. Ao se formar prestou o concurso e trabalhou como animador cultural no Sesc Ipiranga, depois no Sesc Vila Mariana e, posteriormente, no Sesc Pompéia, onde tinha como função:

ajudar a criar a programação cultural do Sesc. É quem escolhe as atividades, quem discute, quem vai a traz, produz, recebe o público, enfim... Normalmente [o animador cultural] cuida de uma programação, cuida da concepção, da idéia... até o pagamento quase. Tem uma série de coisas burocráticas, mas passa por todo contato com os artistas, recepciona os artistas, faz a preparação do espaço para o público, a recepção desse público, enfim, o fechamento da atividade e o fechamento burocrático da atividade. Então, a gente pega praticamente tudo que envolve a atividade, e a gente se envolve diretamente com o público.

Depois de trabalhar diretamente nas unidades com as atividades foi convidado a trabalhar na gerência técnica da administração central:

*Essa função nossa aqui é, às vezes, de criar uma atividade e, às vezes, de intermediar a relação interna. A gente tem a proposta da unidade, a gente avalia essa proposta e dá um parecer que vai ser encaminhado ao diretor para ele aprovar ou não a realização dessa atividade. Ele é um avaliador, que faz esse meio campo, essa intermediação, que é a ponte.*¹²

A estrutura administrativa do Sesc é horizontal, segundo Almeida Júnior e Carvalho. A primeira faixa profissional, de acordo com Almeida Júnior, são os *animadores sócio-culturais* que organizam a atividade e o seu espaço, atuando em uma unidade. Podem ser divididos em: *animador cultural, monitor de atividade física, animador do Kurumim ou da terceira idade*. Ou seja, os *avaliistas* de cada área de atuação, segundo Carvalho. Acima deles, estão os gerentes das unidades, depois os gerentes das áreas técnicas – Educação e Ação Social,

¹¹ FEATHERSTONE, Mike. Teorias da cultura de consumo, in *Cultura de Consumo e Pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995, p. 39.

¹² CARVALHO, Marcos. *Gerente técnico da Ação Cultural* da Administração Central, em depoimento à autora em 30 de julho de 2004.

Esporte e Saúde, Cultura e Lazer, na administração central e, por fim, o diretor do programa social.

Gilson Parckers, gerente técnico da ação cultural, conta da importância de sua formação para o cargo que assume hoje na administração central:

Eu comecei como animador cultural em São Caetano, cuidava de artes visuais, depois passei a cuidar de música - passei para a coordenação de programação daquela unidade. Vim pra uma outra unidade, na Vila Mariana: assumi a coordenação do núcleo de comunicação. Sou formado em artes visuais, mas fiz várias especializações: administração, administração política, o último curso que eu fiz foi um laboratório de política cultural na França. Tudo isso faz parte da formação, você tem uma formação continuada, não é porque você tem aquela formação que você vai ficar a vida inteira nessa área. Essa é uma prerrogativa do Sesc em todos os programas: essa atualização constante tanto nos programas, como para o corpo técnico. Então, eu comecei desde animador, passei para a área de coordenação, passei pro núcleo de comunicação - trabalhava com a produção gráfica - até vir pra cá: pra administração central. Estou no Sesc há 18 anos.¹³

A concepção do gerente co-adjunto do desenvolvimento físico-esportivo da Administração Central, José Roberto Ramos, expressa bem visão liberal do Sesc, enfatizando as opções individuais e não as condições sociais. Para ele, o lazer hoje depende da consciência da possibilidade de escolha espontânea de uma prática dedicada a si mesmo, propiciando prazer, independente do modismo ou pressão sociais e realizada fora do horário das obrigações.

A gente tem que essa prática de atividade física quando ela é realizada de maneira espontânea, quando ela é realizada fora do seu horário ou da sua situação das obrigações do seu dia-a-dia, sejam obrigações de trabalho, obrigações familiares, obrigações das mais diversas, é quando você consegue ficar com aquele tempo pra você. Você tem que ter a possibilidade, também, de escolher o que fazer. Então a gente entende como lazer quando a pessoa pode, inclusive, escolher fora de toda a moda, toda a onda que esteja vinculada pela mídia, por toda as influências que as amizades possam ter, que a pessoa tenha condições de não se sentir oprimida por ter que fazer o lazer.

¹³ PACKERS, Gilson, op. cit.

Em seu discurso, o gerente acrescenta ainda que o Sesc tem a intenção de possibilitar essa escolha e qualificar o indivíduo com tal consciência.

*Então essa consciência da escolha é o que a gente entende como ponto mais importante para eu ter uma atividade que eu considere de lazer. O que vai ser um lazer pra mim? O que eu faça o que me dê prazer. Que eu faça o que eu goste. (...) Essa consciência que eu quero trabalhar. E pra essa escolha, também, há uma oferta diversificada de atividades. A atividade física do Sesc ela tem uma característica um pouco diferente de uma academia, que um aluno quando ele vai a uma unidade do Sesc pra fazer uma aula de ginástica, além dessa ginástica, uma série de outras atividades que acontecem na unidade são opções pra ele. De repente, ele está passando e está tendo uma aula aberta de dança, uma apresentação de teatro, tem uma exposição, tem um show musical que ele nem sabia que tinha. De repente essas outras oportunidades enriquecem as possibilidades de lazer. Isso é uma grande vantagem pra quem freqüenta as atividades físico-esportivas do Sesc.*¹⁴

A formação dos profissionais, o entendimento de lazer e a estrutura das unidades são pensados para atingir o *desenvolvimento integral do indivíduo*. As atividades propostas pela entidade deveriam por meio da informação, capacitação e desenvolvimento de valores, habilitar e formar o indivíduo para a não-coisificação. Elevando, assim, a sua escolaridade, possibilitando o domínio de novas habilidades, inserindo-o em novos segmentos sociais, melhorando a sua auto-estima e condição de vida, além de desenvolver os sentimentos de autonomia, iniciativa individual e solidariedade. Com isso, a entidade estaria contribuindo para *a formação sócio-cultural, a inserção e a interação produtiva dos indivíduos e a assimilação de conhecimentos que possibilitem o desenvolvimento integral dos mesmos*.¹⁵

Para Almeida Júnior, o diferencial da entidade está justamente nessa idéia de *desenvolvimento integral do indivíduo* e na *programação de caráter processual*. Esta está baseada no sistema pedagógico de lazer-educativo inspirado no desenvolvimento cultural da personalidade, uma das três funções do lazer de Joffre Dumazedier.

¹⁴ RAMOS, José Roberto. *Gerente co-adjunto de desenvolvimento físico-esportivo* da Administração central, em depoimento à autora em 03 de novembro de 2003.

¹⁵ DIRETRIZES gerais de ação do Sesc, op. cit, p. 9.

*O fundamento por trás dessa idéia é transformar a pessoa. O que consta na programação visa, principalmente, uma transformação do indivíduo. É uma programação que possibilita a melhoria da qualidade de vida e a compreensão do indivíduo. A programação do Sesc é de caráter processual. O programador cultural que coordena as atividades monta uma programação que tem unidade, faz parte de um processo, as atividades estão interligadas entre si. Às vezes, as pessoas vão ao Sesc por uma atividade específica, mas ela faz parte de um conjunto temático, então, se ela avaliar essa atividade dentro do conjunto temático ela vai percorrer esse processo, ela completa uma fatia do bolo. Os outros tendem a olhar muito essas atividades isoladamente, mas ela faz parte de um processo. E muitas vezes é uma rede entre todas as unidades.*¹⁶

No grifo nosso percebemos que, apesar da intenção da entidade ser de caráter processual, o indivíduo deve vivenciar a experiência como tal para conseguir o resultado esperado pela entidade. Caso contrário, ele continuará indo para sua atividade específica sem interligar as experiências, ou seja, acaba utilizando o Sesc como academia, ou como museu, ou como casa de shows, ou como teatro, etc.

Após as observações e análise da implantação das novas ações para os anos 90, um novo documento de diretrizes gerais de ação foi elaborado em 2004, definindo que:

O Sesc configura-se (...) como uma entidade de prestação de serviços, de caráter sócio-educativo, cuja atuação se dá no âmbito do bem-estar social dentro das chamadas áreas de Saúde, Cultura, Educação e Lazer, com o objetivo de contribuir para a melhoria das condições de vida da sua clientela e lhe facilitar os meios para seu aprimoramento cultural e profissional.

E que

Trabalhar para a generalização dessas qualidades significa induzir transformações profundas no plano dos valores predominantes na sociedade brasileira; e é inquestionável que a produção, o debate, a divulgação de obras e objetos de cultura constituem o espaço privilegiado em que se forjam, em que se transformam e em que se difundem novas visões de mundo, e se acumulam o conhecimento e a compreensão da realidade. (...) Tal doutrina expressa a ideologia que afirma a

¹⁶ ALMEIDA JR, Oswaldo, op. cit.

*superioridade da ação privada e que coloca nas mãos de cada indivíduo a responsabilidade maior pela sua vida e pelo seu destino, respeitadas as regras da convivência democrática.*¹⁷

Reafirmaram, ainda, as finalidades tendo como objetivo para alcançá-las:

1 - Fortalecer, através da ação educativa, propositiva e transformadora, a capacidade dos indivíduos para buscarem, eles mesmos, a melhoria de suas condições de vida;

2 - Oferecer serviços que possam contribuir para o bem-estar de sua clientela e melhoria de sua qualidade de vida;

*3 - Contribuir para o aperfeiçoamento, enriquecimento e difusão da produção cultural.*¹⁸

Entendem por qualidade de vida *as condições materiais e imateriais da existência do trabalhador e de sua família, as condições de emprego e de salário que garantem essas condições e o estado físico, psíquico e social dos componentes do grupo familiar*¹⁹. Determinaram também como os preços devem ser estabelecidos: primeiramente, de acordo com as condições sócio-econômicas da clientela e, secundariamente, pensadas no valor de mercado – sendo a receita principal vinda da contribuição compulsória e não da operacional, ou seja, da renda arrecadada pela CNC a partir do percentual pago pelos estabelecimentos comerciais e de serviços, como vimos no segundo capítulo.

Segundo Carvalho, a determinação de qual atividade pode ser gratuita, na prática, não é pré-estabelecida, dependendo de alguns fatores, mas, *em tese, tudo deveria ser gratuito*. No entanto precisam levar em conta: oportunidade de realização da gratuidade, uma vez que já são subsidiados pelas empresas de comércio e serviços; necessidade de completar a receita (por meio da bilheteria-custo de ingresso, matrícula e/ou inscrição); necessidade de organização do espaço físico (quando muito pequeno para uma atividade que prevê um grande público, há a necessidade de limitar por meio do ingresso); cachê dos artistas (parte da bilheteria arca com o cachê e outra parte vai para a receita do Sesc); oportunidade de expressão da obra em outros meios e equipamentos de lazer;

¹⁷ DIRETRIZES Gerais de ação do Sesc, op. cit, p. 4-5.

¹⁸ Idem, p. 6.

¹⁹ Ibidem.

interesse em investir na proposta (quando o trabalho de pesquisa é algo inovador ou uma oportunidade única no país); processo educativo para a valorização da obra de arte (o ingresso como parte da educação para que o público dê valor ao espetáculo).²⁰

A escolha de que trabalho pode ser apresentado no Sesc passa por alguns critérios, de acordo com o mesmo gerente, entre os quais se considera a proposta do trabalho, a intenção da obra, o histórico em que essa obra está inserida, a pesquisa inovadora do artista, o ineditismo da obra, o questionamento imposto pela arte e o sentido que desperta no espectador. Acreditam assim estar evitando o entretenimento pelo entretenimento e a reprodução artística. Há também uma restrição legal técnica e administrativa quanto ao vínculo empregatício, pela qual os contratos são de no máximo três meses e só podem ser contratados novamente após um ano.

Esses fatores de seleção, segundo Almeida Júnior, são os elementos que caracterizam que atividade pode ser considerada a *cara do Sesc*, ou até mesmo a *alma do Sesc*. Para o gerente, a forma de arrecadação financeira e retorno vai além do subsídio, bilheteria, matrículas, inscrições, lucros da lanchonete; leva em consideração também a transformação pessoal, o desenvolvimento do indivíduo, o conteúdo da atividade e os questionamentos implantados.

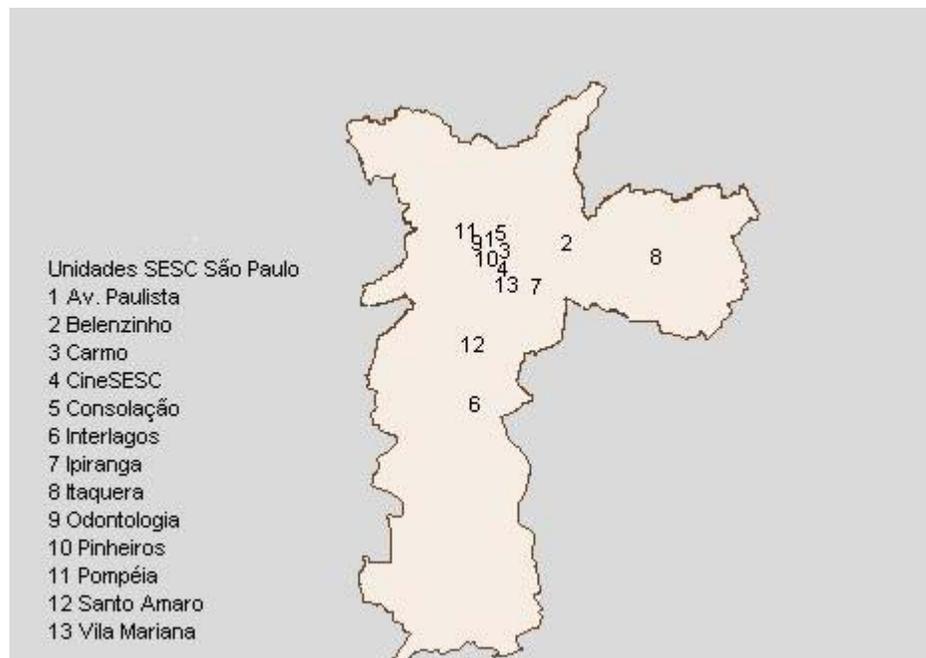
Cada regional tem sua área predominante de ação. Em São Paulo, segundo Almeida Júnior, como as áreas de educação e saúde contam com muitas outras instituições que as promovem, a regional pôde se direcionar para a cultura e lazer. Assim, definiu três diretrizes programáticas de ação sócio-cultural, ou seja, voltada à arte e não ao entretenimento: *formação da cidadania, distribuição social da cultura e excelência dos serviços, se norteando pelo binômio cultura-cidadão*.²¹

Quanto aos espaços físicos, essas duas últimas décadas teriam sido o período de maior expansão da entidade, dobrando o número de unidades em funcionamento. Além das sete já existentes, Av Paulista, Carmo, Consolação,

²⁰ CARVALHO, Marcos, op. cit.

²¹ CARVALHO, Marcos, op. cit; e SITE do Sesc São Paulo, op. cit: quem somos, história.

Interlagos, Pompéia, Odontologia e CineSesc²², foram inauguradas outras sete: Ipiranga, Itaquera, Paraíso, Pinheiros, Belenzinho, Vila Mariana e, Santo Amaro²³, ampliando-se o espaço utilizado de 140 para 340 mil m². No mais, está em construção a unidade definitiva do Belenzinho e a unidade Santana e, em aprovação para reforma ou ampliação, as unidades 24 de Maio, Santo Amaro e Dino Bueno. Quanto à capacidade de atendimento, os números subiram de 27 mil para 60 mil pessoas por dia²⁴.



O mapa acima mostra a concentração das unidades na região central. O Sesc Av. Paulista (número 1), o CineSesc (número 4) e o Sesc Odontologia

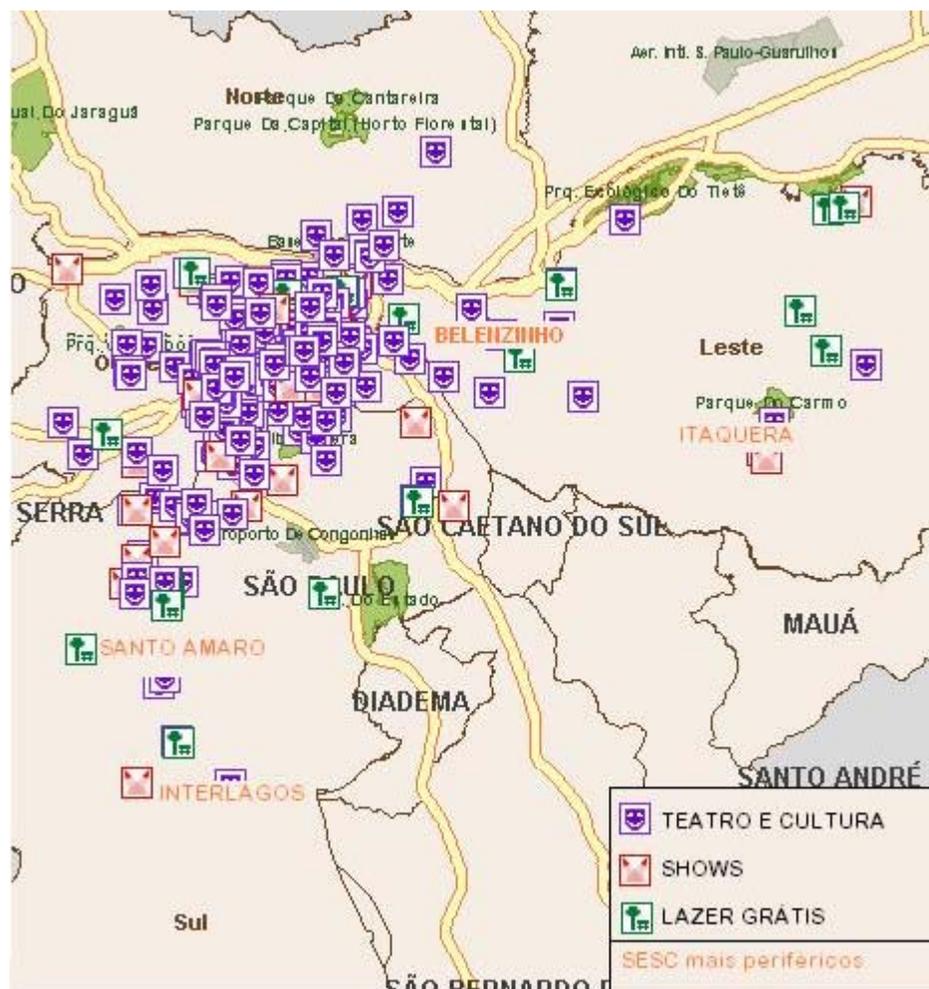
²² O CineSesc funcionava na Av. Faria Lima num terreno alugado e mudou-se para a rua Augusta em 1999.

²³ Ipiranga: inaugurada em 1992, com 8.530m² de área construída e capacidade para 3.500 pessoas/dia. Itaquera: inaugurada no mesmo ano, torna-se uma unidade campestre conhecida por Parque Lúdico de Itaquera em 1994, com 350.000m² e capacidade para 20.000 pessoas/dia. Paraíso: inaugurada em 1993, mas, em março de 2005, se transferiu para o Sesc Av. Paulista (SITE do Sesc São Paulo visitado em julho de 2005, Sesc/SP, Revista E, nº 95, abril/2005, edição nº 212, Avenida paulista: www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=212&Artigo_ID=3294&IDCategoria=3573&reftype=2). Pinheiros: funcionava numa casa alugada entre 1993 e 2004, quando foi inaugurado um grande prédio com 37.786m² de área construída. Vila Mariana: inaugurada em 1997, possui um prédio com 26.634m² de área construída e tem capacidade de atender 6 mil pessoas por dia. Santo Amaro: unidade provisória inaugurada em 1998, possui 7.587m², e tem capacidade para 2 mil pessoas/dia SITE do Sesc São Paulo, quem somos, unidades, op. cit.

²⁴ Sesc desafios e realizações, op. cit. No Estado de São Paulo, apesar da capacidade para atender mais de 500 mil pessoas por semana, o Sesc atende, efetivamente, 300 mil.

(número 9) são unidades especializadas e não centros culturais, ou seja, contemplam um único tipo de atividade. O Av. Paulista abriga a administração central. A zona norte ainda não tem como desfrutar das atividades e é uma das zonas de grande concentração residencial, carente de equipamentos de lazer e com uma população de capital econômico e cultural menos privilegiado. O extremo sul também é ignorado quanto aos seus direitos de acesso ao lazer.

Segundo a entidade, a cidade muda mais rápido do que a entidade tem capacidade de acompanhar. Os centros comerciais se deslocam e as unidades se fixaram em regiões antes, predominantemente, comerciais ou de moradia dos comerciários. Hoje, a proposta funcional das unidades é o fácil acesso ao comerciário.²⁵



²⁵ DIRETRIZES gerais de ação do Sesc, op. cit.

A ilustração mostra os equipamentos de lazer como teatros, casas, oficinas e outros espaços de cultura, casas de shows e espaços de lazer gratuito, espalhados na cidade de São Paulo, bem como a localização das unidades do Sesc em regiões periféricas. Mais uma vez, a concentração na zona central é evidente. As próprias unidades mais periféricas do Sesc, não estão tão equipadas como o centro e a zona oeste, contando apenas com alguns equipamentos e atividades similares.²⁶

Enquanto instituição, o Sesc afirma ter consciência de que suas unidades mais periféricas, como Interlagos e Santo Amaro na região sul da Capital, Belenzinho e Itaquera ao leste, e Santo André e São Caetano na Grande São Paulo, estão em regiões urbanas carentes em e visam integrar os moradores destes bairros, procurando alcançar soluções para os problemas sociais locais.²⁷

O espaço de trabalho para o Sesc, são seus espaços físicos, instalações e equipamentos, em primeiro lugar. Depois viria a comunidade, ou seja, os espaços abertos para a população em geral com programação da entidade. Em terceiro lugar, estariam as empresas comerciais e, por fim, o espaço virtual da televisão, rádio e internet. *É preciso que o uso da Internet pela entidade tenha uma maior interatividade com sua clientela e a comunidade em geral, e que seja efetivamente um meio na ação educativa nos termos preconizados por este documento normativo.*²⁸

A partir de 1999, o Sesc começou a aparecer quase diariamente na imprensas brasileira, além de fazer parcerias com redes de TV e rádio, por exemplo, com a TV Cultura no Programa Bem Brasil; em Debates Impertinentes, junto com a TV PUC; no Vozes do Brasil, programa quinzenal na Rádio Eldorado; e em Concertos Sesc & Sinfonia Cultural apresentado na Rádio Cultura FM.²⁹

Em 2000, inaugura a rede Sesc e SENAC de televisão – STV –, em canal aberto com programação 24 horas por dia. Em 1994, lança a *Revista E*, com tiragem de 42 mil exemplares e estimativa de 160 mil leitores por mês,

²⁶ Mapa com ilustração dos pontos de lazer da cidade obtido através do site visitado em julho de 2005: <http://maplink.uol.com.br/lazer.asp>. Legenda e localização do Sesc nossas.

²⁷ RELATÓRIO anual de 2003, Sesc/SP, 2004.

²⁸ DIRETRIZES gerais de ação do Sesc, 2004, op. cit., p. 7.

²⁹ SITE do Sesc São Paulo, quem somos, história, história do Sesc, op. cit.

apresentando a programação mensal, entrevistas e matérias sobre lazer, cultura, esporte, terceira idade, saúde, alimentação etc. Três anos depois, a entidade entra na Internet, criando o *site* www.sescsp.org.br que disponibiliza a programação, atividades interativas, informações sobre as unidades, acesso às publicações como *Revista E*, *Problemas do Brasil*, *Terceira Idade*, *Revista Digital*; bem como os acervos do Sesc, seu histórico, notícias etc. Em 2004, o *site*, registrou a média de mais de 50 mil acessos e um milhão de páginas consultadas por semana. Com os anúncios em jornais, rádio e televisão atingem potencialmente dois milhões de pessoas por mês.³⁰

Quem são essas pessoas? Que público frequenta os espaços e atividades criados pelo Sesc. Eis aí uma pergunta mais difícil de responder. O documento Diretrizes Gerais de Ação do Sesc, de 2004, prevê que

*a clientela preferencial do Sesc é o comerciário de menor renda e seus dependentes que terão facilitado seu acesso aos serviços/atividades oferecidos pela Entidade, mediante o estabelecimento de critérios relativos que assegurem essa preferência. Poderão ser admitidos sob a classificação de usuários do Sesc outras pessoas que não estejam enquadradas na categoria de comerciários e dependentes, em conformidade com o documento que regulamenta a matéria. Os serviços/atividades voltados para o atendimento de grandes contingentes poderão ser estendidos à comunidade.*³¹

O público do Sesc tem aumentado ano a ano, tendo sido efetuadas 1.112.800 matrículas e realizados 67.317.557 de atendimentos em 2003. Os dados do relatório deste ano revelam que 93% dos matriculados são comerciários e seus dependentes, dos quais 80% tem renda de até cinco salários mínimos. Em torno de 70% tinha mais de 18 anos, ou seja, poderia estar cursando ou já ter concluído o 3º grau, enquanto que 14% estava cursando ou já concluíra o ensino superior.³² Apesar de parecer pouco, na verdade, o número é bastante significativo se comparado com a sociedade brasileira na qual, apenas 5,36%

³⁰ Sesc desafios e realizações, op. cit.

³¹ DIRETRIZES gerais de ação do Sesc, 2004, op. cit. p. 6.

³² RELATÓRIO anual de 2003. Sesc/SP, 2004. Em termos de estado civil e gênero não se observa nenhum dado relevante, temos 51% de solteiros o que é equivalente aos matriculados mais jovens e às crianças, 45% casados, e 4% entre viúvos e divorciados. As mulheres representam 52% dos matriculados em 2003.

curso uma graduação, segundo o censo do IBGE de 2000; e mesmo se cotejado com os universitários do Estado de São Paulo que não passam de 6,76%. Voltaremos a esta questão crucial no final do trabalho.

Em seu discurso sempre auto-valorativo, a própria entidade tem consciência disto quando afirma que o

*número de beneficiários é inevitavelmente pequeno, sobretudo se comparado com o volume dos que dela necessitam, sempre haverá formas de trabalho que possibilitem atender a um maior número, com a mesma ou melhor qualidade, e essas devem ser preferidas.*³³

A regional de São Paulo pensa poder enfrentar o problema através dos seguintes programas: cultura, desenvolvimento físico-esportivo, saúde e alimentação, educação ambiental, infantil, internet, turismo para todos, terceira idade e, mesa Brasil Sesc/SP.³⁴

O programa cultural (literatura, cinema, vídeo, cultura digital, dança, artes visuais, teatro e música) visa fomentar e divulgar as artes nas suas diferentes manifestações e tem sido para o Sesc um de seus principais compromissos. As atividades de apresentações artísticas e desenvolvimento artístico e cultural somaram 10.062.601 atendimentos na capital, proporcionando, muitas vezes, uma alternativa às opções oferecidas pela grande mídia³⁵. Com certa razão, a instituição percebe e se ufana do fato.

*Todas as artes são bem-vindas ao Sesc. Sejam relacionadas ao popular ou ao erudito, ao antigo ou ao novo, ao regional ou ao universal. São bem-vindas porque por intermédio delas atribuímos ou ampliamos os significados do mundo. A programação afronta o cotidiano, a mesmice. Contempla diversidade de idéias e formas de sentir e pensar. No Sesc todos os públicos também são bem-vindos e se integram no mundo das artes, seja apreciando bons espetáculos ou participando de oficinas de criação e aprendizagem.*³⁶

Já o desenvolvimento físico-esportivo prestou 1.992.312 atendimentos na capital entre ginástica, cursos esportivos, torneios ou campeonatos, clube de

³³ DIRETRIZES gerais de ação, 2004, op. cit, p 9.

³⁴ SITE do Sesc São Paulo, quem somos, programas, op. cit.

³⁵ RELATÓRIO anual 2003, op. cit.

³⁶ SITE do Sesc São Paulo, quem somos, programas, cultura, visitado em 2005, op. cit.

caminhada e ciclismo, etc. Recreação infantil e turismo social também fazem parte da ação do lazer, mas não estão aqui relacionadas.³⁷

*A saúde, o prazer, a segurança e a autonomia conduzem o trabalho do Sesc na área esportiva e das atividades físicas. Além da prática orientada, valoriza os estudos e as pesquisas relativas aos interesses físicos como parte indisponível da cultura geral do indivíduo, pondo a inteligência a serviço do bem-estar corporal. São permanentes (...) a realização de campanhas para constituição ou mudança de hábitos e a formação de clubes de interesse em uma determinada atividade.*³⁸

³⁷ RELATÓRIO anual 2003, op. cit.

³⁸ SITE do Sesc São Paulo, quem somos, programas, desenvolvimento físico-esportivo, op. cit.

CIRCUITO MUSICAL ALTERNATIVO X CIRCUITO ESPORTIVO ADAPTADO

Observaremos agora como as unidades Pompéia e Belenzinho vêm disponibilizado atividades sem custo adicional e gratuitas para a população; qual o tipo de atividade preferencial em cada unidade; e que público tem desfrutado delas. Para tanto, vamos focar o público freqüentador com base na observação participante das atividades, em informações fornecidas por gerentes e programadores em entrevista, bem como em projetos de destaque de cada unidade apresentados pelos próprios programadores. Utilizamos também o banco de dados por nós levantados em 2003, além de depoimentos de freqüentadores do Sesc e das entrevistas com os gerentes das unidades Pompéia e Belenzinho e coordenadores da programação as mesmas.

A fábrica de signos e o corpo provisório

As unidades Sesc Pompéia e Sesc Belenzinho foram escolhidas por sua localização em zonas opostas da cidade, pela hipótese do trabalho de que o perfil do público ao seu redor seria diferente, pelo acesso desimpedido (ausência de catracas e portões abertos como se fosse a continuidade da rua ou uma praça) e pela capacidade de atendimento de 5.000 e 3.900 pessoas por dia, respectivamente.

O Sesc Pompéia, antiga Fábrica da Pompéia, localiza-se entre os bairro da Barra Funda, o de Perdizes, e o da Lapa. Uma região, hoje, com diversos espaços para teatro e cultura alguns para shows e espetáculos como: o TUCA, o Centro Cultural SENAC, Teatro Cacilda Becker, Studio das artes, Galeria Espaço aberto/Ophicinas, Espaço Cultural Arte Güllik, Casa das Caldeiras, Memorial da América Latina, Teatro da Faculdade Santa Marcelina, Espaço Cultural Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourir, Centro Cultural Authos Pagano, Teatro Caleidos, Teatro Centro da Terra, Instituto Moreira Salles, Teatro Arte Tangível, Espaço CUCA, Oficina Boracea, Teatro São Pedro, Funarte, Espaço Cultural França, Teatro Folha, Teatro da Cultura Inglesa, Teatro FAAP, Tusp, Café teatro & cia, Espaço Oficina Cultural, Estúdio Jacqueline Terpins; Casa de Cultura e show Tendal da Lapa, Olympia, Claro Louge e; Oficina da Palavra Casa Mário de Andrade.



A antiga fábrica, que hoje abriga o Sesc Pompéia, foi construída em 1938, pela firma Mauser & Cia. Ltda, baseada num projeto inglês. Em 1945, a Ibesa – Indústria Brasileira de Embalagens – comprou-a e transformou-a numa fábrica de tambores, e posteriormente instalou a Gelomatic – indústria de geladeira a querosene. Em 1977, a arquiteta Lina Bo Bardi começou as obras de restauro para o Sesc visando *criar um ambiente vital e ativo, mutável dentro de um espaço histórico* mantendo as formas originais da construção econômica à produção cultural, segundo Graziella Bo Valentineti, irmã de Lina.¹

Ninguém transformou nada. Encontramos uma fábrica com uma estrutura belíssima, arquitetonicamente importante, original, ninguém mexeu... O desenho de arquitetura do Centro de Lazer Sesc Fábrica da Pompéia partiu do desejo de construir uma outra realidade.

Nós colocamos apenas algumas coisinhas: um pouco de água, uma lareira.

*A idéia inicial de recuperação do dito Conjunto foi de 'Arquitetura Pobre', isto é, não no sentido de indigência, mas no sentido artesanal que exprime Comunicação e Dignidade máxima através dos menores e humildes meios.*²

¹ CIDADELA da liberdade. Sesc/SP, 1999, p. 5.

² BO BARDI, Lina in *Cidadela da liberdade*, op. cit, p. 27.

A intenção era transformar o antigo espaço da fábrica em um equipamento de lazer não convencional, um centro de lazer disponibilizando arte, cultura, esporte, recreação, criatividade, divertimento, enfim, convivência; ou seja, de concretizar a filosofia e ideal da entidade na arquitetura e nas atividades de tal unidade. Algo que fosse diferente dos museus e centros culturais tradicionais e que, por isso, tinha em seu projeto os seguintes pressupostos, segundo Erivelto Busto Garcia, coordenador da Assessoria Técnica e de Planejamento do Sesc de São Paulo, em 1982: 1º) que fosse inovador, e tudo a ser programado levasse esse pressuposto: *fazer o que ainda não se fez, o que ainda não se ousou fazer*; 2º) que se tornasse um patrimônio cultural da coletividade, equipamento cultural que precisasse ser aberto ao público e às tendências para ser rico. Propunha que se adotasse o nome “fábrica” para não ficar restrito ao bairro; 3º) para um público de criadores, de animadores, e de futuros animadores culturais, visando a produção cultural sempre antes do consumo; 4º) que fosse um campo cultural abrangente e flexível, assim a noção de cultura popular e erudita, de cultura de classe ou de massa não discriminariam e, sim, funcionariam como instrumentos didáticos ou operacionais, tentando fugir do tradicional ou conhecido, ou “institucional”.³

*Daí o cuidado indispensável no encaminhamento da ação e da produção cultural de forma a nos resguardar, a um só tempo, do espontaneísmo, em que tudo vale; do elitismo cultural, em que, inversamente, quase nada conta, e do burocratismo oficial que não enxerga a sua complexidade em tudo e em todos que quer colocar suas camisas-de-força.*⁴

Com isso pretendiam dar nova vida à fábrica e seus espaços. Desde a rua central, até os prédios do conjunto esportivo, tudo possuía uma proposta de lazer pensada por Lina para tal finalidade.⁵

*A obra transpunha a ideologia vigente e abria horizontes para o homem do terceiro milênio, que tem necessidade de conhecer a si e aos outros, de respeitar-se e de respeitar os outros e ao entorno.*⁶

³ GARCIA, Erivelto Busto in *Cidadela da liberdade*, op. cit. p. 9.

⁴ Idem.

⁵ CIDADELA da liberdade, op. cit, p. 105.

Andando pela rua Clélia, no quarteirão próximo à avenida Pompéia e à Rua Guaicurus, há uma grande parede de tijolos aparentes e um grande portão de madeira, inteiramente aberto, com o nome da unidade acima. Antes era um logotipo com uma torre de onde saem flores no lugar de fumaça. No sopé, o nome “Sesc” em letras grandes e vermelhas cortadas no centro pela denominação da unidade “Fábrica da Pompéia” - um significado dialético de trabalho-lazer, segundo Thuzuki. “Pompéia” como signo de uma Itália, apesar de distante. Italianos que também fizeram parte da história da cidade.

Mas o portão é tão largo que quase não se percebe que ele é a porta de entrada para um dos centros culturais mais conhecidos da entidade. Percebe-se, sim, uma comprida rua de paralelepípedos com grandes galpões na lateral e movimentação de crianças, famílias, jovens e senhoras. Quem estiver passando por ali, no final de semana, observará a recreação e diversão ao ar livre numa rua que não se sabe onde termina.

Entrando nesta rua, à direita, encontra-se uma enorme carranca junto a uma central de informações, protegendo a entrada administrativa. Do outro lado da rua, um enorme pedestal indicando a localização de cada espaço. O primeiro deles é a área de convivência de 4.700m². No começo é só um espaço grande, no qual observam-se crianças brincando nos jogos de xadrez gigantes. Mas, em determinados meses do ano, aquele espaço fica separado dos demais por uma cortina e apresenta as exposições da unidade.

No centro deste galpão podemos sentar em sofás ou poltronas almofadadas ao lado da biblioteca com meias paredes: adultos e crianças lêem jornais e revistas, ou podem desfrutar do acervo de 11 mil livros de arte; outros descansam ou conversam. Ou então, junto à lareira, podem assistir a espetáculos musicais, teatrais, de dança ou de literatura. Da biblioteca pode-se ir ao mezanino para ler ou praticar jogos de raciocínio como gamão ou xadrez. No final do galpão, crianças e jovens participam de atividades dirigidas às margens do “rio São Francisco” - um espelho d’água, assim apelidado em homenagem aos nordestinos

⁶ THUZUKI, Neusa Maria Pires. *Arquitetura e cultura popular na obra de Lina Bo Bardi*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, São Paulo, 2003, p. 81.

que suaram na construção dessa cidade, unindo áreas de funções diferentes. Lina pretendia, assim, dar mais significados a sua obra, mostrando nela a união entre italianos e nordestinos, símbolos da construção histórica da capital cosmopolita e cultural, como a *cidade que queremos e merecemos*⁷.

Saindo da área de convivência e atravessando a rua central chegamos na choperia e lanchonete. Na choperia há grandes mesas coletivas - de laminado industrial de pinho -, desenhadas por Lina, atendendo 850 pessoas (em média) no horário de almoço; ou então, 800 pessoas, sendo 280 sentados para assistir aos espetáculos noturnos musicais ou de dança.

Atravessando novamente a rua entramos no hall do teatro onde, às vezes, ocorre uma instalação ou exposição. Podemos entrar no teatro pela platéia passando em frente ao palco ou pelas galerias laterais acima do palco. Ao sentar na cadeira de pinho - também desenhada pela arquiteta - vemos a nossa frente o palco e, do outro lado do palco, a outra platéia. Nas laterais, acima da platéia, há as galerias com espectadores debruçando-se para apreciar ao espetáculo e as platéias.

O teatro inovador é parecido com uma arena, segundo Marcos Villas Boas, coordenador de música e artes cênicas do Pompéia⁸. E lembra, segundo a própria Lina, que

os Autos da Idade Média eram apresentados nas praças, o público de pé e andando. Os teatros grego-romanos não tinham estofado, eram de pedra, ao ar livre e os espectadores tomavam chuva, como hoje nos degraus dos estádios de futebol, que também não têm estofado. Os estofados aparecem nos setecentos e continuam até hoje no 'confort' da Sociedade de Consumo.

*A cadeirinha de madeira do teatro da Pompéia é apenas uma tentativa para devolver ao teatro seu atributo de 'distanciar e envolver', e não apenas de sentar-se.*⁹

⁷ ACAYABA, Marlene. *Revista Projeto*, nº 92 e nº 149, SP, out/1986 e jan/fev/1992; e reimpresso, in *Cidadela da liberdade*, op. cit, p.111.

⁸ VILLAS BOAS, Marcos. Coordenador da programação de música e artes cênicas do Sesc Pompéia, em depoimento à autora em 03 de maio de 2005.

⁹ BO BARDI, Lina, in *Cidadela da liberdade*, op. cit, p. 38.

Marcos Carvalho, gerente de comunicação, nos conta que a proposta arquitetônica do teatro era de uma comunhão: as platéias voltadas para si permitem que você veja o outro e, ambos façam parte do espetáculo.¹⁰

Depois dessa sala de espetáculo alternativo com capacidade para 760 pessoas sentadas, podemos seguir pela rua central até o galpão das oficinas. Lá dentro observamos os trabalhos do semestre entre uma sala redonda e outra, as quais comportam o material e equipamento necessário para cada uma das experiências entre: música, arte têxtil, cerâmica, marcenaria, fotografia, desenho, pintura.

Do outro lado da rua há mais um galpão com apresentações de artes cênicas e dança. Por fim, chegamos ao término da rua de paralelepípedos e desaguamos na “rua da praia” podendo desfrutar do sol, descontraí e relaxar no deck-solário. Ou então, entrarmos no bloco esportivo.

O conjunto esportivo conhecido como “cidadela da liberdade” teve sua inauguração em 1986. Passou por algumas dificuldades na construção, pois uma parte do terreno não tinha capacidade para receber uma estrutura tão pesada. Então, Lina Bo Bardi elaborou as duas torres unidas por “braços”. Cidadela, segundo André Vainer e Marcelo Carvalho Ferraz, arquitetos colaboradores de Lina no Projeto Sesc Pompéia, viria do inglês ‘goal’, ou seja, ‘meta’ ou ‘ponto de defesa da cidade’; e liberdade no sentido de *rico e variado público*.¹¹

*O esporte e as atividades culturais são tratados sob ótica do lazer criativo, a cultura deve ser recriada todos os dias nos ateliês e nos grandes espaços reservados às festas e encontros e o esporte é visto como uma modalidade de lazer e confraternização, não contando portanto com quadras e piscinas nas dimensões oficiais para a sua prática.*¹²

Na parte recreativa, a proposta era de criação e prazer, ou seja, de lazer, de integração; de transformar a fábrica em lugar de recreação e de dignidade humana porque *sociologicamente, a fábrica é um centro de trabalho, de esforços humanos, e uma das coisas mais violentas que existem. Eu vejo uma fábrica*

¹⁰ CARVALHO, Marcos. Gerente técnico de comunicação da Ação Cultural na Administração central, em depoimento à autora em 30 de julho de 2004.

¹¹ VAINER, André & FERRAZ, Marcelo Carvalho, in *Cidadela da liberdade*, op. cit, p. 11.

¹² BO BARDI, Lina, in *Cidadela da liberdade*, op. cit, p. 115.

como algo ardendo, expelindo chamas, dizia Lina Bo Bardi.¹³ E Dumazedier complementarmente:

*O Sesc Pompéia é a transformação de um lugar destinado ao trabalho em um lugar destinado ao lazer do próprio trabalhador. Não é um lugar destinado à produção de coisas, de objetos, de bens de consumo. É diferente. É um lugar voltado à produção de pessoas. Nele as pessoas se produzem a si mesmas por si mesmas. A Pompéia serve para criar sonhos. Para fazer sonhar com intensidade. A Pompéia é uma fábrica de sonhar. É urgente começar a diminuir o ritmo da corrida em direção ao consumo desenfreado. É preciso sonhar em ser mais, em lugar de ter mais; sonhar em criar o corpo, a imaginação, a sociabilidade. A Pompéia promete novos modelos de cultura.*¹⁴

Conversando com o gerente de comunicação, Marcos Carvalho, ele nos informou que a inauguração da unidade foi um marco na cidade no ponto de vista da produção artística, pois, quando surgiu, *era praticamente o único lugar que dava espaço para uma produção artística nova, jovem (...) era um reduto de artistas e de gente em busca de arte*. Mas que, mesmo localizado numa região privilegiada, o Sesc Pompéia sempre atraiu um público muito diferenciado, que tinha uma alternância de faixa cultural e econômica, que estava lá mais pelo interesse cultural.

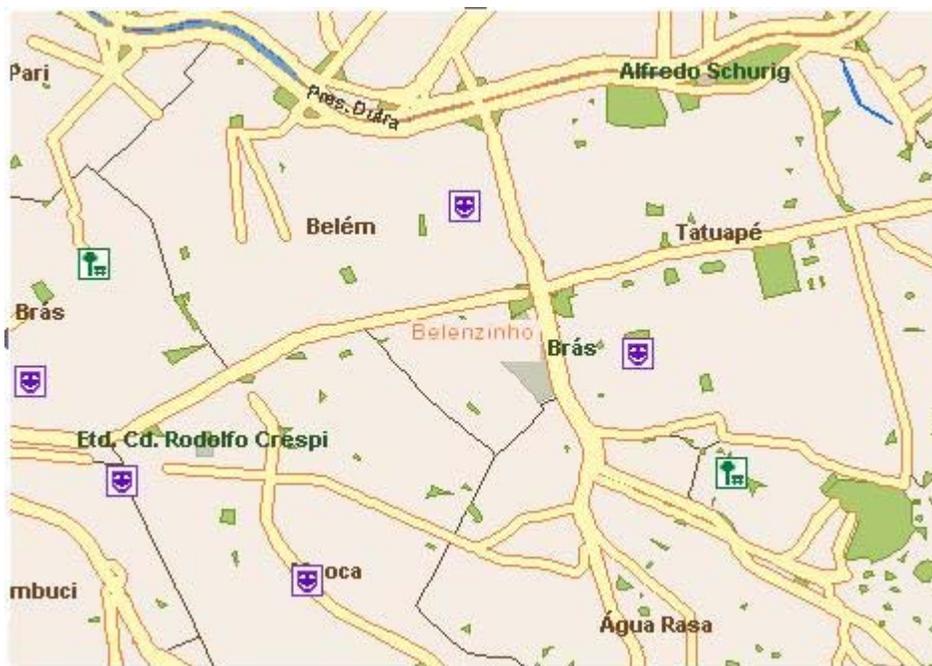
Mais de 20 anos depois, sentados nas dependências da unidade, Suzana Garcia, coordenadora da programação permanente, e Villas Boas lembram da intenção de *vanguarda* da unidade no momento da criação e do *incentivo à pesquisa artística* desde seu início, dando a entender que, com isso, pretendem garantir as intenções de promoção da cultura e não apenas de consumo da obra apresentada. No mais, o próprio espaço físico seria um diferencial, pois daria a sensação de *continuidade da rua*, diferentemente de outros centros culturais que parecem museus ou palácios, ou então prédios verticais parecidos com edifícios comerciais, inibindo, assim, o acesso democrático.¹⁵

¹³ Idem, p. 117.

¹⁴ DUMAZEDIER apud THUZUKI, Neusa Maria Pires, op. cit, p. 81.

¹⁵ GARCIA, Suzana. Coordenadora da programação permanente do Sesc Pompéia, em depoimento à autora em 02 de março de 2005 e; VILLAS BOAS, Marcos. Coordenador de música do Pompéia, op.cit.

Já o Sesc Belenzinho, com um terreno de 32.072m² funciona como unidade provisória, desde 1998, tendo capacidade de atender 3.900 pessoas por dia¹⁶. Nas suas proximidades há o Teatro Espaço Pequeno Gesto, Teatro Raimundo Magalhães Júnior, Teatro Arthur Azevedo, Instituto Metodista Benett, Teatro Silvio Romeiro; Oficina Cultural terceira Idade e Oficina Cultural do Tatuapé Raul Seixas, ou seja, muito menos equipamento cultural do que ao redor do Sesc Pompéia.



Revelando também sua diferença em relação ao Sesc Pompéia, o histórico da unidade encontra-se apenas num folheto, de 1998, quando foi aberto ao público pela primeira vez, com os seguintes dizeres, na íntegra:

O futuro do Sesc Belenzinho

Situado no local da antiga fábrica da Cia. Paulista de tecidos, o Sesc Belenzinho abrigará futuramente um amplo e moderno complexo cultural e desportivo, destinado a dinamizar a vida sócio-cultural da região.

O projeto 'Fantasia Brasileira: o balê do IV Centenário', evento paralelo à Bienal de 1998 coloca, desde já o futuro centro cultural do Sesc sob signo da modernidade. O tema do projeto e da Bienal – a antropofagia de Oswald de Andrade – remete ao

¹⁶ SITE do Sesc São Paulo, quem somos, unidade: www.sescsp.org.br/sesc/sos/index.cfm?Forget=14.

movimento de renovação artística consecutivo à Semana de Arte Moderna de 1922, fundamental à definição dos rumos da cultura brasileira. Escolha mais do que adequada para um espaço voltado à criação, à invenção, à participação e à expressão em todas as suas formas.

O enorme projeto, em termos de espaço físico, para o novo centro cultural mobilizou técnicos e funcionários do Sesc, escolas, comunidades ao redor e associações de amigos do bairro¹⁷. Enquanto não realiza o projeto, a entidade se esforça para manter a qualidade das obras tendo recebido o prêmio da APCA pelo balê *Fantasia Brasileira: o Balé do IV Centenário*, como o melhor evento de dança em São Paulo; e para as peças teatrais *Paixão Segundo G.H.* e *A Poltrona Escura*, por exemplo¹⁸.

A unidade iniciou suas atividades regulares em 1999, tendo entre elas muitos projetos voltados à literatura, arte, teatro e cultura dos modernistas que inspiram o projeto da futura unidade como:

- Coração dos Outros – Saravá, de Mário de Andrade;
- Mostra Só o Brasil nos Une, a qual criou e expôs três gigantescos brinquedos em forma de animais (um tatu, um bicho-preguiça servindo de pula-pula e um tamanduá escorregador e oca) ainda hoje na unidade;
- músicos como Sandra de Sá e o saxofonista Paulo Moura interpretando sucessos da MPB;
- espetáculos baseados em *Meu Tio Luau* de Guimarães Rosa ou;
- inspirados em obras de Clarisse Lispector, ou então;
- na vida de personagens da cidade como o projeto *Pagu Que*;
- clássicos como *Medeia* ou *Macbeth* e;
- projetos contemporâneos como o Sesc OnLine.¹⁹

Na rua Álvaro Ramos, a poucos metros do metrô Belenzinho, próximo à avenida Alcântara Machado e Salim Farah Maluf, um grande portão de grades abre as portas para a unidade, ao lado um placar escrito “Sesc”. Logo se observa uma praça com redes e crianças brincando orientadas por um animador cultural.

¹⁷ EXPOSIÇÃO: fantasia brasileira, in *Revista E*, nº17, out/1998, ano 5.

¹⁸ DOSSIÊ: Prêmio APCA de dança, in *Revista E*, nº 21, fev/1999, ano 5 e; Dossiê: Prêmio APCA in *Revista E*, nº 80, jan/2004, ano 10.

¹⁹ REVISTA E, nº 21, op. cit, e nº 24, mai/1999, ano 5.

Ao lado da entrada tem uma carreta de odontologia estacionada definitivamente. Do outro lado da praça, uma construção antiga.

Subindo as rampas, encontra-se uma sala comportando a central de atendimentos: internamente é pintada, com ar condicionado e uma apresentação moderna, mas na verdade, esse espaço é só para atendimento ou para entrar na coordenação. Atualmente, a unidade possui técnicos para a parte esportiva, outros para os teatros, alguns no projeto Ser Saudável, e outro para internet livre e atividades infantis. Do lado de fora, observa-se um corredor comprido sem muito movimento para um lado e, para o outro, barulho de jovens. Seguimos pelo corredor no qual há três portas pesadas de ferro, à esquerda é o armazém da praça que serve para exposições e depósito. E os dois à direita são galpões adaptados para teatro.

No fim do corredor chegamos na área de convivência com um sofá e jogos de raciocínio. Algumas instalações artísticas apontam para a outra área de convivência com mesas e poltronas. No fundo, num salão à parte, está a lanchonete. Há mais duas portas de ferro, uma que serve à sala de ginástica e palestra, e a outra que dá num corredor que serve de depósito e nos leva até o fosso no subsolo.

Para chegar ao fosso enfrenta-se um labirinto que desemboca numa escadinha estreita e de teto baixo, na qual um homem de estatura normal tem dificuldade para passar. Enfim, no subsolo úmido, sem muita iluminação encontra-se o fosso utilizado como quarta opção adaptada para apresentações teatrais. Com uns cinco metros de profundidade e cinco de diâmetro, é servido por uma escada em espiral dando acesso a uma platéia em forma de arena. Do parapeito também é possível debruçar-se para assistir ao espetáculo. Apesar da descrição, nada lembra a sala de espetáculos do Pompéia.

Voltando pelos corredores labirínticos pode-se chegar aos fundos do teatro. Neste, o palco e a platéia foram construídos. As cadeiras vieram do antigo Teatro Anchieta, em 1999, após a reforma deste último. Nas laterais da platéia há uma enorme estante com sacos de areia parecendo sacos de algodão que, segundo

Claudia Prado, gerente adjunta do Sesc Belenzinho, *servem de cenário e de acústica para o local*²⁰. No mais, absorvem a umidade e a poeira.

Apresentados os espaços culturais da unidade, voltamos à primeira sala de convivência onde se pode observar, pintada no chão, uma pista verde, que serve para os adeptos da caminhada. Seguindo a pista encontramos o galpão esportivo, bastante movimentado, com muitos jovens aproveitando todos os espaços. A primeira área é a mini-pista para skate, patins e bicicleta, com escalação de horário para cada modalidade, sendo que essa, quase nunca, fica vazia. O pessoal vem da periferia e da grande São Paulo só para utilizar a melhor mini-pista do país. Mas para entrar nela é preciso ser associado ao Sesc.

Ao lado da mini-pista, separadas por redes, encontram-se as mini-quadras adaptadas para práticas esportivas como futebol, vôlei, basquete, etc. As quadras não possuem o tamanho padrão, pois o intuito é desenvolver a *ludicidade* e a prática corporal e não a competitividade. São adaptadas e exigem algumas regras diferenciadas desenvolvidas pelos técnicos da unidade, de acordo com a gerente adjunta, Cláudia Prado, como: futebol de dupla, vôlei de trio, badminton. Não é necessário ser associado, basta um documento para a retirada do material necessário.

Ao lado das quadras, também separado por uma rede, nos deparamos com o paredão de escalada que fica aberto com um técnico do Sesc para cuidar e orientar a atividade. E por fim, na última parte do galpão, tênis e futebol de mesa. Aquele, disputadíssimo, é preciso entrar na fila de espera. Na frente das mesas, mas fora da rede há também uma cancha para mini-*golf* ou *boccia*. E ainda há salas para dança, práticas culinárias e oficinas.

Seguindo na pista de caminhada passamos ainda pela sala de internet livre e terminando o percurso chegamos na sala adaptada com acústica especial e moderna para a prática de atividades corporais alternativas, ao lado da recepção.

O único espaço definitivo é a torre oeste inaugurada em 2002, a qual acolhe parte da nova sede da administração central e está separada por um

²⁰ PRADO, Cláudia. Gerente adjunta do Sesc Belenzinho, em depoimento à autora em 14 de maio de 2005.

grande muro do resto da unidade. Os demais espaços são adaptados para poder atender ao público mesmo sem garantir total conforto e segurança. Como o caso do teatro sem camarim; o fosso sem qualquer sistema de segurança, saídas de emergência, extintores ou ventilação; e os galpões para teatro e dança sem acústica permitindo que o som externo e do galpão ao lado interfiram no espetáculo, além da arquibancada provisória.

Devido a essas características, muitas vezes não é possível a realização de diversas atividades ao mesmo tempo, mesmo que em galpões diferentes, pois os sons e a circulação do público atrapalham. Com essa diminuição do número de atividades, segundo a gerente da unidade, pretendem oferecer um pouco mais de conforto, segurança e controle em cada evento separadamente. Por enquanto, essa tem sido a solução para os espaços adaptados, mas isso influencia inclusive nos preços das atividades. Se comparadas com as outras unidades, atividades semelhantes, no Belenzinho, são sempre mais baratas.

Cultura alternativa X esporte adaptado

A unidade da Pompéia tornou-se exemplo para as demais. As produções artísticas e culturais viraram padrão da ação cotidiana e a unidade passa a fazer parte da rota de músicos e espetáculos de dança alternativos. Com base nos dados levantados ao longo desta pesquisa, foi possível perceber que a maioria das atividades sem custos adicionais dessa unidade é de caráter cultural: 60,37%. Em contraposição às recreativo-esportivas: 29,63%. No entanto, das atividades recreativo-esportivas, 68,75% possuem restrições etárias, são atividades infantis ou para a terceira idade. Entre as atividades culturais, apenas 7,89% são dedicadas a uma faixa etária exclusiva, são atividades desenvolvidas especialmente para necessidade e habilidades desse público. Já no Belenzinho, os números praticamente se invertem: a gratuidade dá preferência ao campo recreativo-esportivo, 62,07%, contra 39,93% de atividades culturais.

O Pompéia é organizado de acordo com as atividades e espaços, segundo Marcos Villas Boas, coordenador da programação de música da unidade, possuindo as seguintes programações: permanente, eventos, música e conjunto

esportivo²¹. As atividades desenvolvidas no conjunto esportivo exigem a apresentação da carteirinha de sócio. As demais são mistas quanto ao custo.

A programação permanente, segundo Suzana Garcia, coordenadora desse programa, trabalha com os projetos do público infanto-juvenil e da terceira idade, com as atividades da oficina e com atividades e espaços da biblioteca²². Interessamos aqui o público freqüentador das atividades da biblioteca. Além do próprio público do Sesc, a biblioteca atrai também a população carente que trabalha ou vive perto – como “flanelinhas”, guardadores de carro, moradores e comerciantes – que vêem, ali, a oportunidade de acesso a revistas e jornais, principalmente. Os jogos de raciocínio são ocupados pelas crianças do projeto Kurumim e Alta-voltagem e, nos finais de semana, pelas famílias que moram ao redor. É sobretudo nos finais de semana que se percebe que o espaço reúne a família, pais e/ou avós com crianças até 12 anos, e promove atividades entre gerações, nas programações de literatura, com saraus, projetos de contação de histórias, encontros poéticos e debates sobre autores.

O espaço da biblioteca é aberto – diferentemente das bibliotecas convencionais – e se localiza no meio do espaço de convivência, permitindo a entrada e saída de todos, bem como a percepção de movimento e sons das crianças e das atividades ao redor, pois não possui paredes divisórias ou sistema acústico. Apesar de haver um responsável pelo espaço para tirar dúvidas, organizar e preservá-lo, ele não impede a entrada ou saída de qualquer um. Nem mesmo de um jovem que, na aventura e desejo de possuir um gibi, sai disfarçadamente com a revista debaixo da camisa e rapidamente se direciona para a rua. Acompanhando o trajeto do menino percebemos a euforia e o ar de conquista ao chegar na esquina e mostrar para os colegas “flanelinhas” o seu feito.

Essa liberalidade provoca, além da apropriação indevida do material da biblioteca, alguns conflitos de público, sobretudo geracionais, quanto ao barulho e ocupação do espaço. E nesses episódios, a orientação dada para os funcionários

²¹ VILLAS BOAS, Marcos. Coordenador de música do Pompéia, op. cit.

²² GARCIA, Suzana. Coordenadora da programação permanente do Pompéia, op. cit.

é para tratar as intercorrências caso-a-caso, de acordo com a reclamação do público. Por exemplo, é muito comum encontrar a população da terceira idade entre um cochilo e outro nas poltronas da área de convivência e adultos querendo sentar reclamando que ali não é lugar para dormir. Mas, como o próprio nome já diz “área de convivência”, cabe aos funcionários garantir essa proposta por meio da conversa, segundo Garcia, uma vez que as regras de convivência valem para todos e em qualquer lugar, seja dentro ou fora das dependências da instituição²³.

A programação de eventos se dedica a exposições, shows musicais, teatrais, de dança e/ou artes cênicas relacionados ao projeto trimestral ou quadrimestral, os quais são visitados, principalmente, nos finais de semana. Os shows de música e dança, quando na choperia, galpão ou área de convivência podem ser sem custo adicional. As atividades no teatro, em sua maioria, são pagas. Já as exposições são sempre sem restrições econômicas, segundo Roberto Cenni, coordenador do setor. Elas ocorrem na área de convivência e/ou no hall do teatro. Recebem agendamento durante a semana para escolas, as quais, normalmente, dão um retorno quanto ao aproveitamento dos alunos. Quando a exposição é divulgada por grandes redes televisivas costuma lotar e, conseqüentemente, diminui a qualidade do atendimento.²⁴

Há uma intensa programação musical paralela às atividades de exposição, como o projeto Prata da Casa e, os de 2005, como o *4Hype*, o *Happy-hour* e o Disco de Ouro. O Disco de Ouro é o projeto anual de 2005, no qual doze críticos selecionaram os dez melhores discos da MPB, sendo seis deles remontados pelo Sesc com artistas convidados. O *4Hype* foi um evento de três dias de música e cultura eletrônica. O *happy-hour* ocorre uma vez durante a semana, no fim da tarde, na choperia com duas bandas de música instrumental proporcionando som ambiente para quem estiver por ali e quiser relaxar.

Das atividades culturais sem custos adicionais do Sesc Pompéia a de maior destaque foi o projeto Prata da Casa. Acontece desde junho de 1999, com Carlos Calado como curador:

²³ GARCIA, Suzana. Coordenadora da programação permanente do Pompéia, op. cit.

²⁴ CENNI, Roberto. Coordenador de exposições do Sesc Pompéia, em depoimento à autora em 19 de março de 2005.

*O Sesc Pompéia consagrou-se como o mais legítimo templo da música popular, no múltiplo papel de fomentador, expositor, vitrine. O projeto Prata da Casa só poderia ter nascido lá. Mauro Dias, um dos curadores da Bienal Prata da Casa, que em janeiro apresentou no Sesc Pompéia uma seleção de dezesseis trabalhos do projeto.*²⁵

A unidade, desde seu início, incentivava talentos musicais com o projeto Fábrica do Som (premiado pela APCA) e Musikaos, ambos em parceria com a TV Cultura ou, o projeto Sossega Leão – lançando nomes como Chico César e Titãs, segundo gerentes e programadores. Este último deu os moldes iniciais do Prata da Casa.²⁶

O projeto, hoje, é conhecido:

*nacionalmente como o mais importante palco dedicado aos novos artistas.*²⁷

*O Sesc Pompéia tem uma história íntima com a música. Todo mundo quer tocar aqui, conta Gisela Ferrari, programadora do Prata da Casa, em 1999.*²⁸

De acordo com Villas Boas, coordenação do programa de música e artes cênicas, o objetivo é abrir espaços para novos talentos e possibilitar a formação de platéia para o artista. Muitos artistas mandam CDs e projetos para o Pompéia, mas o Prata da Casa apresenta aqueles sem nenhum ou lançando o primeiro CD.²⁹

Apesar de oferecer mais atividades sem custo adicional na parte cultural do que na parte esportiva, o perfil do público do Pompéia parece inverso à lógica econômica. Pois, a parte esportiva é freqüentada apenas pelos associados ao Sesc (o que exige o pagamento da inscrição e mensalidade) – e esses, seriam, de acordo com a entidade, um público mais carente financeira e culturalmente. Porém, as atividades culturais ou artísticas abertas ao público em geral são procuradas por aqueles com maior capital cultural e econômico ou, pelo menos, os de *boa vontade cultural*, buscando a unidade exclusivamente para tais atividades, sem interesse em associação. Ou seja, para estes últimos, socialmente

²⁵ DOSSIÊ, in *Revista E*, nº 57, fev. 2002, ano 8.

²⁶ GARCIA, Suzana, op. cit; CARVALHO, Marcos, op. cit e; PARCKERS, Gilson, op. cit.

²⁷ DIAS, Mauro. Dossiê, in *Revista E*, nº 63, ago. 2002, ano 9.

²⁸ MÚSICA: caras novas, in *Revista E*, nº 33, fev. 2000, ano 6.

²⁹ VILLAS BOAS, Marcos, op. cit.

privilegiados, as atividades acabam sendo gratuitas. A escolha da atividade nesse caso se dá segundo o capital cultural e não o capital econômico. É o que ocorre, de fato, embora, de acordo com Cenni, a intenção da gratuidade nas atividades artísticas se voltasse para o público regular que, ao sair de sua atividade esportiva, pudesse passar pelo espaço artístico e apreciar as obras ou assistir à apresentação musical.

O público freqüentador do Sesc Pompéia e suas atividades culturais é formado, caracteristicamente, por estudantes, professores e pessoal formado no terceiro grau – pelo menos –, apreciador da arte alternativa, tentando fugir do modismo, ir contra a indústria cultural e ficar de fora dos roteiros e programas altamente divulgados pela televisão, rádio, revistas e jornais. A “descoberta” de novos espaços e eventos deste tipo ocorre nos próprios eventos com os quais a pessoa se identifica e a partir da qual se faz uma rede de informação boca-a-boca. As atividades culturais do Belenzinho que atraem esse mesmo público são, normalmente, os teatros alternativos que são atividades pagas.³⁰

O Sesc Belenzinho chama a atenção pelas peças teatrais alternativas e as quadras esportivas. A região na qual se localiza é carente de equipamentos esportivos, segundo Claudia Prado, gerente da unidade, por isso a preferência em atividades sem custo nessa área. No entanto, é preciso relativizar esta observação, pois, na verdade, como vimos, a área também é carente de equipamentos culturais, o que significa que as razões desta opção são de outra ordem. A falta de *habitus* de lazer dessa população é tão grande que mesmo existindo um espaço para a prática esportiva e cultural, ainda assim, sente-se a necessidade das atividades mais acessíveis como futebol e caminhada³¹. A população que freqüenta o galpão de esportes é, em sua maioria, da comunidade local ou da periferia da grande São Paulo, sem renda e oportunidade para freqüentar outras áreas³². Por sua vez, a população com maior capital cultural e econômico freqüentadora do teatro, normalmente, se desloca de outras regiões

³⁰ CULTURA: circuito cultural, in *Revista E*, nº 55, dez. 2001, ano 8.

³¹ *Habitus* ver BOURDIEU, Pierre. *La Distincion*. Madrid/Spain: Taurus, 1988.

³² PRADO, Cláudia. Gerente ad-junta do Sesc Belenzinho, op. cit.

com o objetivo específico de apreciar determinada peça, de acordo com Carvalho³³.

Todos os programas de prática esportiva do Sesc visam à conscientização da importância da atividade e como fazer de modo correto e saudável, segundo José Roberto Ramos, gerente co-adjunto do desenvolvimento físico-esportivo:

*É o objetivo de toda essa programação da área físico esportiva: esse movimento de consciência social de perceber a importância de participar de uma atividade física e de me relacionar com pessoas. Mais do que participar de uma atividade física pra melhorar a saúde, a condição de vida mas, de fazer ela (a pessoa) entender que isso é uma oportunidade de se relacionar com pessoas. Esse elemento é muito importante na prática. E um outro elemento que é muito importante é a informação. Entender essa importância e ver o que acontece com o corpo “porque é bom, porque melhora a saúde se eu fizer uma atividade física periodicamente? O que acontece?” Então, esse nível de informação a gente trabalha bastante.*³⁴

Para o gerente, as atividades esportivas trazem consigo uma pedagogia de inclusão de todos, desde os menos habilidosos com a prática, até os mais habilidosos que querem se aperfeiçoar. E nos momentos de conflito entre habilidades cabe ao animador sócio-cultural trabalhar igualmente com os públicos divergentes.

Os destaques das atividades sem custos adicionais do Belenzinho são o galpão esportivo com o paredão, as mini-quadras, as mesas de jogos e a cancha adaptadas; a sala de práticas orientais atraindo a população ao redor para o conhecimento de novas técnicas e; o Clube da caminhada que organiza e incentiva caminhadas culturais pela cidade. As atividades gratuitas ocorrem aos sábados e domingos e servem também de atrativo para a prática dos cursos de semestrais, os mais longos oferecidos pela unidade.

Como o Sesc Pompéia, a unidade tem um público maior durante os finais de semana, dias em que ocorrem a maioria das atividades abertas ao público em geral, como os espetáculos, e aquelas sem custo adicional, como mini-cursos ou aulas abertas, dos quais falaremos adiante. Durante a semana ocorrem os cursos

³³ CARVALHO, Marcos. Gerente técnico da ação cultural na administração central, op. cit.

³⁴ RAMOS, José Roberto. Gerente co-adjunto do Desenvolvimento Físico-esportivo na Administração Central, em depoimento à autora em 03 de novembro de 2003.

semestrais. Então, nos finais de semana, a praça se enche com as famílias relaxando nas redes e brincando na grama, ocorrendo, ocasionalmente conflitos entre pais que acreditam que o filho do outro está incomodando a brincadeira do seu. Por isso, às vezes, os programadores devem restringir o tipo de brincadeira permitida na praça, não sendo mais possível, por exemplo, jogar bola ao ar livre, mas somente no galpão de esportes.

O projeto de maior destaque no Belenzinho foi o Projeto Ser Saudável. De acordo com Satie Watanabe, coordenadora de programação esportiva do Belenzinho e programadora do projeto, a unidade oferece, desde seu início, atividades visando à saúde e a qualidade de vida por meio do esporte, da alimentação e do ambiente doméstico. O projeto Ser Saudável, iniciado neste ano, uniu essas três áreas em um só programa com o objetivo de conscientizar o *público para a importância da melhoria da qualidade de vida e das condições de saúde, por intermédio da prática de atividades corporais.*³⁵

Essa prática traz técnicas corporais alternativas, principalmente para pessoas que não se enquadram nas atividades de condicionamento físico convencional ou academia, mas que querem cuidar do corpo e vêm nessa oportunidade uma forma de cuidar do corpo com prazer de forma saudável e benéfica, segundo Prado. A idéia da prática esportiva é conseguir uma mudança de comportamento e, a prática de uma atividade prazerosa é essencial para o não abandono, de acordo com Ramos.

As atividades corporais sem custo adicional são divididas em aulas abertas ou vivência, mini cursos e palestras. Segundo Watanabe, a vivência conta com atividades de até um mês realizadas nos finais de semana com função de apresentar técnicas corporais diferentes; os mini-cursos duram de dois a três meses e pretendem criar no participante o hábito da prática corporal autônoma e; as palestras são teóricas-práticas e visam à possibilidade de construir um estilo de vida mais saudável por meio da informação.

³⁵ WATANABE, Satie. Coordenadora da programação esportiva do Sesc Belenzinho, em depoimento à autora em 16 de junho de 2005.

As aulas e palestras são dadas por técnicos do Sesc, ou em associação com entidades especializadas no assunto, por exemplo: yoga para iniciantes, ginástica postural, relaxamento, caminhada e alongamento com técnicos do Sesc; dança circular sagrada, desenvolvida por uma professora de ginástica holística e laboral; escola da coluna, eutonia e dança, coordenada por profissionais da UNICAMP; tai chi chuan, yoga, técnicas de Alexander coordenados por especialista; meditação em associação com Palas Athenas; Educação corporal e dança do instituto Maria Emília Mendonça e Studio J.C. Violla; I qi gong com professor da USP; técnicas de respiração e alinhamento corporal por especialista em Rebirthing e graduada pela UFMG³⁶.

De acordo com a programadora, o projeto tem sido um sucesso de público, de mudança de hábito e de interesse. A entidade tem recebido muitos elogios, comentários e demonstração de interesse por parte dos próprios participantes. Ela acredita que eles não teriam chance de praticar ou conhecer tais práticas corporais devido ao custo, à dificuldade de acesso aos locais de sua realização e, também, à falta de informação. O projeto pretendia alcançar duas mil pessoas no primeiro semestre de 2005 e teve o custo estimado de aproximadamente R\$30,00 por pessoa. Os recursos vieram, em parte das palestras e cursos pagos e em parte da própria receita da unidade.

O projeto tem atraído uma população adulta e de terceira idade moradora nas redondezas, em parte é a mesma que já participava das antigas atividades e cursos voltados para o corpo, em outra parte são novos frequentadores que buscam no Sesc para conhecer essas práticas alternativas.

³⁶ SITE do Sesc São Paulo, programação, Belenzinho, Ser Saudável, visitado em abril, maio e junho de 2005: <http://www.sescsp.org.br/sesc/programa/indexbusca.cfm>.

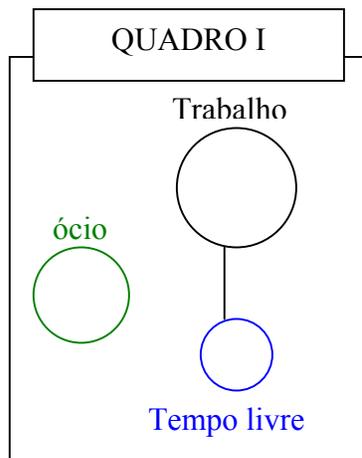
CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades do mundo capitalista ocidental sofreram grandes transformações no decorrer do século passado e o lazer fez parte delas. Expandiram-se rapidamente com a chegada das fábricas e indústria trazendo com elas novos bairros, profissionais, estilos de vida e cultura. A cidade de São Paulo foi um pólo receptor de migrantes procurando trabalho junto às fábricas, mas junto com esses migrantes vieram sonhos, histórias, culturas que foram paulatinamente encontrando-se, inclusive, em espaços de lazer. A região central acolheu as primeiras formas de lazer organizado em contraponto com as diversas formas de ociosidade existentes e depois, o lazer espalhou-se por toda a cidade.

As novas recreações dirigidas ganharam forma no pós-guerra, institucionalizaram-se, a maior parte, como indústria cultural e de entretenimento. Logo vieram as estruturações políticas de como o lazer deveria ser organizado de forma mais democrática com incentivos estatais e exigências para os sindicatos. Assim, o lazer entrava no campo econômico e político para tentar garantir um direito do cidadão. Hoje o lazer está no discurso de políticos, instituições voltadas a tal finalidade e principalmente em ações sociais de recuperação e inclusão social de indivíduos. No mais, tentaram entrar nas escolas e na vida dos indivíduos como uma prática “natural” do homem. Enfim, incorporado ao campo político, econômico, educacional, religioso, etc.

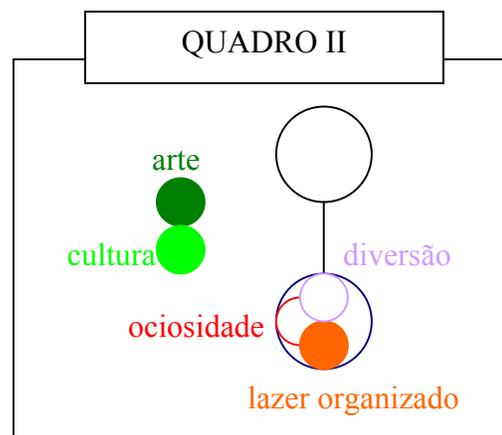
O lazer abrangeu diversas esferas a partir da revolução industrial com as disciplinas e controles sobre o tempo do trabalhador e, conseqüentemente, uma mudança de estilo de vida que acarretou nas reivindicações por um tempo maior sem trabalho. Esse tempo conquistado logo foi controlado para ser utilizado como tempo pessoal com atividades consideradas prudentes pelas classes dominantes da época, ou seja a classe dos lazeres, na expressão de Veblen e a burguesia. O tempo pessoal deveria ser o momento de expressão do indivíduo independentemente de seu trabalho, educação, religião, etc. No entanto esse tempo livre do trabalho foi sendo ocupado com atividades de lazer organizadas pelas elites. O lazer organizado pelas classes esclarecidas tinham a intenção de

civilizar os hábitos considerados bárbaros das camadas populares e também demonstrar que isso melhoraria sua qualidade de vida.



No primeiro momento (quadro I), início do período industrial, a relação trabalho-tempo livre estava interligada formando um sistema: os trabalhadores possuíam mais tempo de trabalho do que sem trabalho e a única forma de reverter isso seria diminuindo o tempo de trabalho. O ócio existia apenas para as classes dominantes que não faziam parte da massa trabalhadora.

Num segundo momento (quadro II), após as conquistas de mais tempo sem trabalho, a relação trabalho-tempo livre equilibrou-se, pelo menos teoricamente, já que a ordem era para 8 horas de trabalho, 8 sem trabalho e 8 horas de sono. Algumas esferas importantes dentro do tempo livre começaram a definir-se, como: a diversão



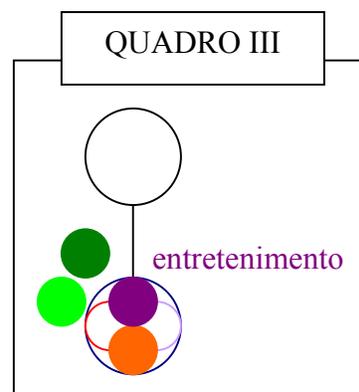
inofensiva à paz social; o lazer organizado pelos esclarecidos como uma forma de controlar o tempo livre e a personalidade do trabalhador com atividades consideradas favoráveis e; a ociosidade que aparece, para as elites, como algo corrupto devendo ser banida e, para os seus adeptos, como um hábito cultural. No mais, o ócio pode ser entendido como o cultivo da arte e da cultura legítima, mas ainda restrito às elites. A arte, a cultura e o lazer organizado disputavam o jogo pela legitimidade. A classe dos lazeres e a burguesia ou comerciantes dominavam essas esferas, até então.

Deve-se atentar para duas leituras históricas que podem ser feitas quanto ao lazer organizado pela burguesia: uma, vendo somente os defeitos e ingenuidades da organização do lazer do operariado e; a outra, duvidando das boas intenções e desejo de promover a diversão alheia por parte das classes

dominantes. As classes dominantes tinham – e ainda têm - dificuldade de conceberem uma representação da diversidade e da organização autônoma de um lazer popular como algo construtivo e rico em cultura. Ou seja, têm dificuldade em confessar e representar um lazer individual que não esteja inscrito na prática legítima, não conseguem trazer para a cultura legítima formas de lazer já existentes na cultura popular. A visão das práticas populares como ociosidade é um exemplo típico dessa visão etnocêntrica das elites, pois representa um tempo em que a sociedade não consegue impor seus controles sobre os sujeitos, fazendo com que eles fiquem livres para construir sua própria história.¹

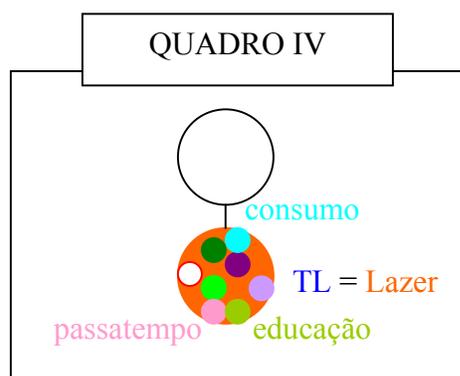
Esse movimento moderno fez emergir uma classe especializada voltada para a produção de cultura e diversão, ou seja, a construção do lazer contemporâneo. Esses produtores culturais trabalhavam no abismo existente entre as classes dominantes e as populares, com a missão de possibilitar a estes últimos a ideologia de lazer daqueles ou, pelo menos, algo parecido com ela. Essa ação na prática fundou-se como um sistema bio-funcional, no qual o lazer fazia parte de um círculo vicioso na relação trabalho-lazer-trabalho, sendo o trabalho o mais importante. Os interesses físicos, artísticos, intelectuais, manuais e sociais eram considerados legais e contribuía para a recuperação psicossomática e melhoria da qualidade de vida do indivíduo para retornar e melhorar a produtividade do trabalho. Sendo, então, “bom” para o capitalista que teria menos perdas e “bom” para o trabalhador que teria uma vida melhor, de acordo com seus idealizadores.

Os avanços técnicos possibilitaram um outro sistema: o da indústria cultural. Os meios de comunicação em massa trazem para o tempo livre uma nova forma de ocupá-lo. O entretenimento entra no jogo pela legitimidade junto com a arte, a cultura e o lazer organizado. A relação trabalho-tempo livre mantinha-se inalterada, porém os intermediários



¹ CORBIN, Alain, introdução do capítulo: Organização dos lazeres dos trabalhadores e tempos roubados (1880-1930), in CORBIN, Alain (org.), *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 363-391.

culturais aproximavam a arte e a cultura legítima das práticas realizadas no tempo de não-trabalho ao possibilitar a apreciação da arte, mesmo que não a obra em si, mas sim uma cópia dela (quadro III). Os sistemas bio-funcional e da indústria cultural pretendiam construir uma saída para que o indivíduo conseguisse alcançar o lazer ideal por meio da educação. Para o primeiro, a educação para e pelo próprio lazer organizado e, para o segundo, a educação, a arte, a cultura, tudo pode virar entretenimento.



Na segunda metade do século XX, o lazer torna-se obrigatório para o homem contemporâneo confundindo-se com o tempo livre e passa a abranger e confundir-se com todas as práticas: entretenimento, ociosidade, diversão, arte-cultura e o próprio lazer organizado. O novo modo de vida rodeado de possibilidades de entretenimento e cultura

coloca o trabalho e o lazer mais próximos um do outro. A educação entra com tudo no jogo pela legitimidade junto com todas as outras formas de lazer com exceção da ociosidade (círculo vermelho com fundo branco) (quadro IV).

Nesse momento, no qual criticava-se a indústria cultural e do entretenimento como alienante, pouco construtiva e como controladora das massas para interesses particulares, uma parcela da classe cultural retorna à possibilidade de educar pelo lazer e para o lazer, vendo o lazer como a salvação para as asperezas do mundo e como a forma contemporânea de conseguir educar, função que a escola e a família pareciam não dar mais conta. Assim, a educação lúdica entra nas ações sociais que utilizam cada atividade de lazer como um instrumento carregado de informações educativas e de cultura legítima para desenvolver a personalidade e a consciência dos indivíduos.

No auge da sociedade contemporânea, a relação trabalho-lazer não tem mais sentido, pois todas as esferas se mesclam: ócio, arte, cultura, ociosidade, diversão, descanso, lazer organizado, entretenimento, consumo, passatempo, educação e, às vezes, até mesmo o trabalho. O lazer tornou-se um fim em si

mesmo, consolidando-se como um campo como o da política, da economia, da religião, da escola, etc. Assim, cria uma estrutura social entrelaçada a esses campos da sociedade, fundando uma dinâmica social, ou seja, a cultura também é um campo de luta, de acordo com Bourdieu.²

O movimento de organização política e estrutural do lazer indica uma postura das classes dominantes em cada período com três objetivos controladores: um, para controlar as camadas populares e suas atividades consideradas desviantes; dois, para controlar econômica e politicamente o planejamento das atividades; e por fim, o controle da hegemonia cultural, ou seja, a imposição de sua cultura como legítima. No entanto, as camadas populares que desfrutam dessas atividades não podem ser consideradas inteiramente ingênuas e alienadas quanto a essa intenção de controle. Em parte, os praticantes de tais atividades desfrutavam delas com interesses pessoais de diversão, distração, etc. Segundo Bourdieu, o indivíduo tem também sua subjetividade, não é só socialmente formado, isso faz com que também seja responsável pelas suas ações.

O lazer dominante hoje não é livre nem libertador como queriam as ideologias. Porém, o lazer ganhou uma dimensão significativa na sociedade e não passa mais por essa necessidade, pois tornou-se uma dinâmica cultural, um fim em si mesmo. As atividades de lazer alimentam os desejos dos indivíduos e vice-versa, sem dominância de nenhuma das partes. Ou seja, o lazer está incorporado no *habitus*, no modo de ser, na cultura de cada indivíduo e as atividades da indústria cultural, do consumo etc, são possibilidades de satisfazê-lo.

Se, para Bourdieu, o indivíduo incorpora os valores sociais e posteriormente os exterioriza de forma individual - o que vai se constituir no seu *habitus* - então, pode-se dizer que para o indivíduo contemporâneo, o lazer estaria na decisão interna de gosto e prazer por determinada prática cultural, por um modo de ser e de representar-se na vida cotidiana. O lazer não está na prática em si, mas no modo social de ser do indivíduo frente ao mundo. Existe o ser político, o ser trabalhador, o ser religioso e, existe também, o ser do lazer. E eles podem

² BOURDIEU, Pierre. *La Distincion*. Madrid/Spain: Taurus, 1988.

conviver e se mesclar entre si em cada indivíduo de modo diferente. Depende de como essa pessoa se constrói no mundo, ou é construída para o mundo, de sua trajetória, sua história de vida, seus ideais, suas ações, suas representações. Na sociedade contemporânea, o lazer é um estado permanente do indivíduo que o vive e não uma fase da vida ou do dia da pessoa.

São Paulo hoje possui uma variedade imensa de atividades de lazer por todos os lados e, também, uma variedade de acesso a informações sobre essas atividades. São sessões especiais dentro dos jornais e revistas; periódicos especializados em determinadas práticas de lazer; propagandas e divulgações pelo rádio, TV e boca-a-boca; guias de busca de lazer na internet ou impressos com diversos tipos de filtros: por atividade, por dia, por localidades, por objetivos ou companhia, e também por preço.

A gratuidade - um de nossos filtros nessa dissertação - para aqueles que podem pagar é apenas um atrativo a mais para buscar determinada atividade; para os que não têm outra oportunidade a falta dela é um limitador de possibilidade.

As iniciativas de gratuidade das atividades de lazer na expectativa de atrair o público com menor capital econômico - conseqüentemente, menor capital cultural - acreditam estar oferecendo oportunidade e democratização cultural, sem pensar que o acesso à cultura depende de fatores não só econômicos. Ou seja, a gratuidade pura e simples não representa a possibilidade de democratização cultural, uma vez que o interesse para a atividade depende de uma construção, de um processo, de uma educação para o domínio de códigos cultos. E por educação ainda se lê, na maioria dos casos: capital econômico convertido em capital cultural.

Bourdieu escrevia: “quem acredita na eficácia milagrosa de uma política de incitação para visitar museus e, em particular, de uma ação publicitária pela imprensa, rádio ou televisão – sem se dar conta de que ela se limitaria a acrescentar, de forma redundante, informações já fornecidas em abundância pelos guias, postos de turismo ou cartazes afixados à entrada das cidades turísticas – assemelha-se às pessoas que

imaginam que, para serem mais bem compreendidas por um estrangeiro, basta falar mais alto".³

Segundo a pesquisa de Pierre Bourdieu, feita em países europeus, nos anos 60, a frequência aos museus com entrada gratuita aumentava de acordo com a elevação do nível de instrução e correspondia a um modo de ser das classes cultas. Além dos diplomados, havia aqueles que indicavam, pelo menos, uma *boa vontade cultural*. O apreço pela arte enquanto uma *necessidade cultural* resultaria da educação familiar e da ação escolar, ambas, muito desiguais em termos de classe social. Apenas uma pequena parcela dos indivíduos teria o capital artístico adquirido para gozar *do monopólio da manipulação dos bens culturais e dos signos institucionais da salvação cultural*.⁴

Diversos fatores interferem na probabilidade de frequência aos museus como: nível de instrução (escolar e/ou familiar), renda e categoria profissional (os dois últimos são causa provável da instrução). Bourdieu concluía que a aspiração à prática cultural multiplicava à medida que essa era satisfeita. A falta dessa prática era acompanhada pela falta de propensão para consumir os objetos de arte; ou seja, a *necessidade cultural*, diferentemente da *necessidade básica*, era – e ainda é – produto da educação. Dessa forma, a desigualdade cultural era um dos aspectos da desigualdade da educação escolar e familiar. Essas deveriam criar a *necessidade cultural* e oferecer meios para satisfazê-la.

Nada seria mais ingênuo do que esperar que a simples queda do preço dos ingressos viesse a suscitar o aumento da frequência por parte das classes populares. (Mesmo porque) o lazer das classes populares encontra-se submetido, mais estreitamente, aos ritmos coletivos.⁵

A obra de arte como bem simbólico, de acordo com o mesmo autor, só existiria como tal para aqueles que soubessem decifrá-la, ou seja, os possuidores de capital artístico. A visita em si não seria suficiente para incitar ou preparar o indivíduo para empreender outra visita. De onde se pode concluir que, nesse caso,

³ CATANI, Afrânio Mendes. Introdução in BOURDIEU, Pierre. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seus públicos*. São Paulo: Edusp / Zouk, 2003, Guilherme João de Freitas Teixeira (trad.). p. 11.

⁴ BOURDIEU, Pierre. *O amor pela arte*, op. cit, p. 11.

⁵ Idem, p. 44.

de nada adiantava o baixo custo ou a gratuidade. Mesmo as tabuletas, guias, conferencistas, catálogos ou recepcionistas não substituiriam a falta de formação escolar, mas a sua falta contribuiria para aumentar o sentimento de inacessibilidade da obra.

Colocando a cultura como moeda de desigualdade, ao invés da economia, as classes privilegiadas da sociedade capitalista consagram a ordem social da existência de homens cultos e homens bárbaros. Para a realização dessa ideologia, segundo o autor, basta aceitar a representação da sociedade dividida entre bárbaros e civilizados como justificção do monopólio dos instrumentos da apropriação dos bens culturais. Enfim, o capital cultural é também uma moeda no mundo contemporâneo.

Dito isso, podemos concluir que a simples gratuidade não leva nem ao lazer nem à educação. Seria apenas um modo simplista de tentar resolver um conflito cultural muito mais arraigado. Tabuletas, guias, conferencistas, catálogos, etc são informações complementares compreensivas apenas para aqueles que já possuem conhecimentos gerais sobre o tema. A gratuidade pura e simples não consiste na união entre educação e lazer. No mais, a apreciação e educação pela obra de arte exige uma educação tradicional, na qual, o indivíduo deve ser capaz de concentrar-se prolongadamente em um assunto e se aprofundar nele.

As classes populares - com educação escolar precária - têm acesso maior aos meios de comunicação em massa e por meio deles adquirem informação. Segundo Maria Celeste Mira, as imagens rápidas e sucessivas acompanhadas de sons que transmitem também emoções atraem mais a atenção daqueles que não sabem ler do que a imagem parada com grandes textos encontradas em exposições e museus⁶. Ou seja, a educação pelo lazer só é possível a partir do desenvolvimento e alimentação de habilidades para o gosto pela arte ou determinada atividade. Fator que a gratuidade não consegue superar sozinha. Assim, a idéia de educação permanente deve levar em conta as habilidades

⁶ MIRA, Maria Celeste. A escola na era do lazer in BERNARDO, Teresinha & TÓTORA, Silvana (orgs.) *Ciências Sociais na atualidade*. São Paulo: Ed. Paulus, 2004, p. 251-270.

adquiridas no mundo contemporâneo como dispositivo para seus objetivos, bem como as características culturais de seu público.

A educação para e pelo lazer demonstra ser processual e longa, tanto quanto a educação escolar tradicional, dependendo, também, do apoio familiar e de iniciativas públicas e privadas. Ou seja, seria uma nova forma de educar, moralizar, disciplinar e controlar, porém mais dinâmica e divertida, conseguindo conquistar e atrair seu público com os mecanismos contemporâneos.

O SESC São Paulo é uma dessas instituições público-privadas que pretende que o lazer seja um instrumento de educação e que faça parte do dia-a-dia de cada cidadão, acreditando com isso estar democratizando a cultura do lazer. Começou como uma entidade prestadora de serviços gerais, com uma ideologia fortemente funcionalista, mas no decorrer de sua existência foi atualizando-se e adequando-se a um mercado específico que não concorresse com outras instituições públicas ou privadas e, principalmente, com a indústria cultural. Hoje, é considerado o maior centro cultural do país, ampliando o número de atividades da cultura do lazer. Mas ainda é possível questionar se sua ambição transformadora do indivíduo tem alcançado seus objetivos.

Na cidade de São Paulo, a instituição ganhou um grande espaço no campo do lazer e da cultura, com atividades alternativas e prudentes. Um lazer que antes era visto como necessidade psicossomática quase que exclusivamente, hoje toma a forma de uma cultura da *ludicidade*⁷. Pretendem educar por meio da diversão e divertir educando. Durante esses quase 60 anos de existência, preocuparam-se em conceituar sua ação, sua função, seus princípios, sempre com profissionais especializados com alto capital cultural para poder garantir a qualidade de suas atividades no mais alto padrão. Acreditando, com isso, estar democratizando a cultura e o lazer legítimo para os profissionais do comércio e dos serviços e para o público em geral.

Segundo Bourdieu, o título acadêmico é naturalmente visto como distintivo, mas, quanto mais aumenta a cultura do consumo e do lazer, a superioridade do

⁷ GARCIA, Suzana. Coordenação da programação de permanentes do SESC Pompéia, em entrevista dada em 02 de março de 2005.

saber escolar diminui, principalmente para assumir determinadas práticas culturais⁸. Dessa forma, a instituição impõe certas práticas culturais distinguindo o que é digno de se ver, ouvir e participar. Assim, diplomados ou não, os funcionários do SESC assumem o papel de novos intermediários culturais, fazendo sutilmente o trânsito entre as fronteiras de classe.

A arte e a cultura, como vimos, vieram de uma trajetória predominantemente elitista e vêm se aproximando paulatinamente das camadas populares. No entanto, sempre foi imposta como um dom superior no qual quem o possui pertence à sociedade culta, excluindo os demais. Dentro da própria arte existe uma hierarquia, segundo Bourdieu, sendo a mais sublime a música clássica e a mais grotesca o teatro, pois esse trabalha com o corpo. E é por isso, que o teatro teve destaque nas atividades do SESC a partir dos anos 60, atraindo público, criando adeptos da atividade e, conseqüentemente, aumentando o número de associados. Pois, devido à trajetória e educação desse grupo profissional no Brasil, a participação, a identificação e a possibilidade de reconhecer-se na arte são mais atrativas do que a contemplação da arte pela arte.

Como era de se esperar, devido à educação e à cultura imposta pelo sistema capitalista, atividades recreativo-esportivas atraem mais o público comerciário e popular do que as atividades culturais. Essas atraem o público com maior capital cultural como estudantes, professores, profissionais com curso superior e profissionais ligados à arte. Eles buscam as atividades culturais da unidade de acordo com seus interesses, sejam elas gratuitas ou não.

A educação para e pelo lazer é o novo controle social vendido também como um amplificador das condições de vida do indivíduo. Não que isso não seja verdade ou que seja ruim, mas as duas intenções convivem na mesma dinâmica cultural. A educação extra-familiar, seja pela escola ou pelo lazer, tem a função de institucionalizar o conhecimento e a herança que a família passa desde a infância, são valores, moral e virtudes que caracterizam o capital cultural do indivíduo. No entanto, a noção de *habitus* permite pensar, de um lado, que a posição social predispõe o indivíduo a determinadas práticas, mas, por outro, que esses

⁸ BOURDIEU, Pierre. *La Distinción*, op. cit.

comportamentos podem mudar ao longo de sua trajetória, levando-o a adquirir ou a apropriar-se de determinados produtos culturais, apropriação esta que necessita de tempo.

A escolha da prática de lazer, nesse contexto, depende do capital cultural, do *habitus* valorizado dentro do campo do lazer desde criança, ou por um período prolongado para que essa prática seja incorporada ao indivíduo tornando-se um gosto individual, que é social, cultural, familiar, de classe. A proposta gratuita ou a baixo custo do SESC de práticas diferentes do gosto já adquirido pelo indivíduo é uma solução simplista para a inclusão cultural. Mesmo que essa prática esteja relacionada a outras atividades que ajudariam na aquisição ou na incorporação desse gosto, o indivíduo teria que ter conhecimento prévio da importância de percorrer todas essas atividades para compreender o contexto. Porém, o SESC é procurado, pela maioria, para vivência de atividades dissociadas.

BIBLIOGRAFIA

Dissertações e teses

- AKAMINE, Paulo Chutae. *Os centros culturais e a cidade*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, PUC/SP, São Paulo, 1999;
- FALEIROS, Maria Isabel Leme. *O lazer em questão: redefinição no modo de vida de um grupo operário*. Dissertação de mestrado do Programa de estudos de Pós-graduação em Ciências Sociais, PUC/SP, São Paulo, 1979;
- PALMISANO, Ângelo. *A reestruturação produtiva e suas implicações sobre a vivência do trabalho, do tempo livre e do lazer: estudo de dois grupos de trabalhadores*. Tese de Doutorado do Programa de estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC/SP, São Paulo, 2003;
- SÁ, Kátia Oliveira de. *Lazer, trabalho e educação: pressupostos ontológicos dos estudos do lazer no Brasil*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador - Bahia, 2003;
- SANT'ANNA, Denise. *O prazer justificado: lazer em São Paulo (1969/1979)*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História, PUC/SP, São Paulo, 1988;
- THUZUKI, Neusa Maria Pires. *Arquitetura e cultura popular na obra de Lina Bo Bardi*. Dissertação de Mestrado – Programa em Comunicação e Semiótica, PUC/SP, São Paulo, 2003.

Documentos do Sesc

- A AÇÃO finalística do Sesc. Rio de Janeiro: Sesc/DN, 1999;
- ACAYABA, Marlene. Revista Projeto, nº 92 e nº 149, SP, out/1986 e jan/fev/1992, in *Cidadela da liberdade*. Sesc/SP, 1999;
- ANAIS do Seminário sobre Lazer: perspectiva para uma cidade que trabalha. São Paulo, 27 a 30 de outubro de 1969, Sesc/Sebes;
- ANÁLISE dos atos normativos do Sesc que determinaram a ação no campo do lazer. Rio de Janeiro: Sesc/DN, 1979, 20p;
- ARAÚJO, Maria Heloisa Mendes de. *Hábitos de lazer da população comerciária*. Sesc/DN, 1976;
- AVALIAÇÃO das diretrizes gerais de ação do Sesc. Sesc/DN, SPN/APLAN: 1988, 44p;
- BO BARDI, Lina in *Cidadela da liberdade*. Sesc/SP, 1999;
- CADERNOS de lazer. Ed. Brasiliense, São Paulo, nº 1-4, jan/77-mai/79;
- CIDADELA da liberdade. Sesc/SP, 1999;
- FIORES, Maria Heloisa. *Origens e implantação do programa de lazer do Sesc*. Rio de Janeiro: Sesc/DN, 1962;
- GARCIA, Erivelto Busto in *Cidadela da liberdade*. Sesc/SP, 1999;
- MIRANDA, Danilo (org.). *Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a Globalized Society*. São Paulo: Sesc/WLRA, 2000;
- MOSTRA Sesc de artes: ares & pensares. São Paulo: Sesc, 2003;
- MOTTA, Edith Magalhães. *Alguns aspectos do serviço social de grupo no Brasil*. Sesc/DN – DEP/SEP, 1968;
- O FUTURO do Sesc Belenzinho, Sesc/SP, Folheto, 1998;
- ORIGENS e implantação do programa de lazer no Sesc. Sesc/DN – CEI/SEP, 1982;
- PARKER, Stanley. *Sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978;
- PEREIRA, Jesus (coord.). *Sesc São Paulo*. São Paulo: Sesc, 1991/92;

PLANO Geral de Ação. Sesc/DN, 1953;
 RELATÓRIO anual de 1954. Sesc/SP, 1955;
 REQUIXA, Renato. *Cadernos de Lazer: documentos*. São Paulo, Sesc/SP, nº1-3, jun/1976, dez/1976;
 _____. *Lazer e Ação Comunitária*. SP: Sesc/SP, 1973;
 SESC: os fatos no tempo. Sesc/DN, 1977;
 SESC cidadania e qualidade de vida. São Paulo: Sesc, 1995;
 SESC desafios e realizações. São Paulo: Sesc/SP, 2004;
 SESC relatório anual 2002. São Paulo: Sesc, 2003;
 SESC relatório anual 2003. São Paulo: Sesc, 2004;
 SISTEMA de indicadores 2003. SES/GEP/DPD, 2004;
 SUBIRATS, Eduardo, Revista Projeto nº 142, jun/1991, in *Cidadela da liberdade*. Sesc/SP, 1999;
 VAINER, André & FERRAZ, Marcelo Carvalho in *Cidadela da liberdade*. Sesc/SP, 1999;
 XV ENAREL – *Encontro Nacional de Recreação e Lazer*. Santo André/São Paulo: Sesc São Paulo e Prefeitura de São André, CD-ROM, 2003;
 XVI ENAREL – *Encontro Nacional de Recreação e Lazer*. Salvador: FIEB/SESI/UFBA, CD-ROM, 2004.

Entrevistas

ALMEIDA JR, Oswaldo. *Gerente da Ação Cultural: música*, Administração Central, 04 de agosto de 2004;
 CARVALHO, Marcos. *Gerente de Ação Cultural*, Administração Central, 30 de julho de 2004;
 CENNI, Roberto. *Coordenador de eventos: exposições*, Sesc Pompéia, 19 de março de 2005;
 GARCIA, Suzana. *Coordenação da programação de permanentes*, Sesc Pompéia, 02 de março de 2005;
 PACKERS, Gilson. *Gerente da Ação Cultural: artes visuais*, Administração Central, 04 de agosto de 2004;
 PRADO, Cláudia. *Gerente adjunta*, Sesc Belenzinho, 14 de maio de 2005;
 RAMOS, José Roberto. *Gerente co-adjunto de Desenvolvimento Físico-Esportivo*, Administração Central, 03 de novembro de 2003;
 VILLAS BOAS, Marcos. *Coordenador de música e artes cênicas*, Sesc Pompéia, 03 de maio de 2005;
 WATANABE, Satie Marina. *Gerente da programação esportiva*, Sesc Belenzinho, 16 de junho de 2005.

Jornais

Jornal Correio Paulistano, São Paulo, Ed. Comemorativa do IV Centenário, 24 de Janeiro de 1954;
 Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, Ed. Comemorativa do IV Centenário, 23, 24 e 25 de Janeiro de 1954;
 Jornal O Tempo, São Paulo, Mês de Janeiro de 1954.

Livros

- ADORNO, Theodor. *Tiempo libre*, in *Consignas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973;
- ARAUJO, Vicente de Paula. *Salões, circos e cinemas de São Paulo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981. Coleção Debates: cinema;
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX*. Bauru/SP: EDUSC, 2001;
- BALANDIER, George. *O Dédalo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999;
- BAUMAN, Zygmund. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001;
- BECK, Ulrich. *O que é globalização? Equívocos do Globalismo, Respostas à Globalização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990;
- BECHERS, Theodorus. *Capital humano em lazer in Lazer numa Sociedade Globalizada: Leisure in a Globalized Society*. São Paulo: Sesc/WRLA, 2000;
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994. Introdução – Walter Benjamin;
- _____. *A metrópole como espaço imagético, in Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994;
- _____. *“Uma escrita de trânsito universal”, in Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994;
- _____. *A metrópole, in Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994;
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996;
- _____. *O mercado dos bens simbólicos in A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999;
- _____. *La Distinción*. Madrid/Spain: Taurus, 1988;
- _____. *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs.);
- _____. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seus públicos*. São Paulo: Edusp/ Zouk, 2003;
- BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da Cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954. Vol. 3, 2ª ed. Apêndice: São Paulo de agora (1918-1953);
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986;
- _____. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 2002;
- CAMARGOS, Márcia. *Semana de 22: entre vaías e aplausos*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2002. Coleção Paulicéia;
- CARDOSO, Fernando Henrique; SINGER, Paul; CAMARGO, Candido Procópio F de & KOWARICK Lucio Felix. *Cultura e participação na cidade de São Paulo*. São Paulo: Sebrap, 1973;
- CORBIN, Alain (org.). *Introdução, in História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 2001;
- _____. *Do lazer culto à classe de lazer, in História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 2001;
- _____. *A fadiga, o repouso e a conquista do tempo, in História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 2001;
- CRESPO, Jorge. *A história do corpo*. Lisboa: Difel, 1990;
- CSEGO, Julia. *Extensão e mutação do lazer citadino, Paris, século XIX – princípio do século XX –*, in CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 2001;
- DE CERTEAU, Michel. *Fazer com: usos e táticas, in A invenção do cotidiano. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994;

- DE MASI, Domenico. *A economia do ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001;
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976. Coleção Debates;
- _____. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979;
- _____. *Planejamento do lazer no Brasil*. São Paulo: Sesc, 1980;
- _____. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: Sesc, 1980;
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. Vol. 1;
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric (orgs.). *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. 2ª. Edição;
- FEATHERSTONE, Mike. Introdução. in *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995;
- _____. Teorias da cultura de consumo, in *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995;
- _____. Para uma sociologia da cultura pós-moderna, in *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995;
- _____. Estilo de vida e cultura de consumo, in *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995;
- FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975;
- FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2002. Coleção Paulicéia;
- FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004;
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977;
- FURTER, Pierre. *Educação permanente e o desenvolvimento cultural*. Petrópolis: Vozes, 1974;
- GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950*. São Paulo: Editora Senac, 1998;
- GELPI, Ettore. *Lazer e educação permanente: tempos, espaços, políticas e atividades de educação permanente e do lazer*. São Paulo: Sesc/SP, 1983;
- LUCCIONE, Geinnie. *Atualidade do mito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977;
- MAGNANI, José Guilherme & TORRES, L. L. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: USP/Fapesp, 1996;
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2002;
- MASCARENHAS, Fernando. *Lazer como prática da liberdade*. Goiânia: Ed. UFG, 2003;
- MELO, Vitor Andrade de & ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. *Introdução ao lazer*. Barueri/São Paulo: Manole, 2003;
- MENDA, Mari Elizabeth & SANTOS, Vanessa Costa. *80 anos de Semana de Arte Moderna de 1922*. São Paulo: Lemos Editorial, 2002. vol. 1;
- MICHALANY, Douglas. *São Paulo no limiar do seu quinto século*. São Paulo: Gráfica-Editora Michalany S/A, 1955;
- MIRA, Maria Celeste. *O leitor e as bancas de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Ed. Olho D'água/Fapesp, 2001;
- _____. A escola na era do lazer in BERNARDO, Teresinha & TÓTORA, Silvana (orgs.). *Ciências Sociais na atualidade*. São Paulo: Ed. Paulus, 2004;
- MORIN, Edgar. Uma cultura de lazer, in *Cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. Vol.1, 9ª edição. P. 67-76;

- MÜLLER, Ademir & DaCOSTA, Lamartine Pereira (orgs). *Lazer e trabalho: um único ou múltiplos olhares?* Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003;
- NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. *Parques Infantis de São Paulo: lazer como expressão de cidadania.* São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002;
- ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade.* São Paulo: Brasiliense, 1991;
- _____. O mercado de bens simbólicos in *A moderna tradição brasileira.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. 3ª ed. Segunda Parte;
- _____. Trabalho, consumo, estilo de vida, in *O próximo e o distante: Japão e modernidade-mundo.* São Paulo: Brasiliense, 2000;
- PADILHA, Valquíria. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito.* Campinas: Ed. Alínea, 2000;
- POTER, Roy. Os ingleses e o lazer, in CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres: o advento do lazer.* Lisboa: Teorema, 2001;
- REQUIXA, Renato. *O lazer no Brasil.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1977;
- _____. *Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer.* São Paulo: Sesc, 1980;
- RUSSELL, Bertrand. O elogio ao ócio in DE MASI, Domenico (org.). *A economia do ócio.* Rio de Janeiro: Sextante, 2001;
- SANT'ANNA, Denise. *Políticas do corpo.* São Paulo: Estação Liberdade, 1995;
- SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de empregos in *Lazer numa Sociedade Globalizada: Leisure in a Globalized Society.* São Paulo: Sesc/WRLA, 2000;
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000;
- SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20.* São Paulo: Boitempo/Sena, 1999;
- SEVCENKO, Nicolau. A abertura em acordes heróicos dos anos loucos, in *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos anos 20.* São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 23-87;
- SOUSA SANTOS, Boaventura (org.). *A globalização e as Ciências Sociais.* São Paulo: Cortez, 2002;
- THIESSE, Anne-Marie. Organização dos lazeres dos trabalhadores e tempos roubados (1880-1930), in CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres: o advento do lazer.* Lisboa: Teorema, 2001;
- THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial, in *Costumes em comum.* São Paulo: Companhia da Letras, 1998;
- TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum.* Campinas: Papirus, 1996;
- TURNATURI, Gabriella. As metamorfoses do divertimento citadino na Itália unificada (1870-1915), in CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres: o advento do lazer.* Lisboa: Teorema, 2001;
- URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas.* São Paulo: Studio Nobel/Sesc, 2001. 3ª edição;
- VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média.* Lisboa: Fragmentos, s/d;
- WELLERSTEIN, Immanuel. *Tipologia das crises no sistema mundial.* Essex, Universidade das Nações Unidas, Mimeo, 1984.

Periódicos

- BARROS, Valêncio de. São Paulo. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, DPH, vol. 202, p.105-128, 2004;
- CASTELLANI FILHO, Lino. Trabalho, lazer e suas relações com a cidadania in XV *ENAREL– Encontro Nacional de Recreação e Lazer*. Salvador: Fieb/Sesi/UFBA, CD-ROM, 2004, painéis de debate;
- ETZEL, Eduardo. O verde da cidade de São Paulo. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. São Paulo, DPH, v. 202, p. 139-160, 2004;
- FALEIROS, Maria Isabel Leme. Repensando o lazer. *Perspectivas*, São Paulo, n.3, p. 51-65, 1980;
- LEMOS, Carmem Lia Nobre. Lazer, consumo e ação do Sesc in XVI *ENAREL – Encontro Nacional de Recreação e Lazer*. Salvador: Fieb/Sesi/UFBA, CD-ROM, 2004, mesa temática;
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Ideologia, lazer e cultura Popular. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 23, no. 2, 1980, pp. 171-184;
- MARTIN-BARBEIRO, Jesús. Arte / comunicação / tecnicidade no final do século. BORELLI, Silvia Helena Simões (trad.) *Revista Margem*, São Paulo, no. 8, dezembro de 1998, pp. 11-24;
- MIRA, Maria Celeste. O global e o local: mídia, identidades e usos da cultura. *Revista Margem*, São Paulo, nº 3, dezembro de 1994, p. 131-149;
- TEMPO livre como objeto de consumo e lazer dirigido como oportunidade de manipulação. *Boletim Informativo de Geografia*. São Paulo: 1989. p. 17-26, no. 67, 1º Semestre.

Sites

www.sesc.org.br
www.sescsp.org